CARTA

DE

GUIA DE CASADOS

PARA QUE PELO CAMINHO DA PRUDENCIA SE
ACERTE COM A CASA DO DESCANSO

A UM AMIGO

POR

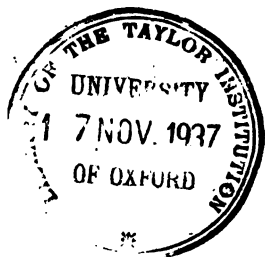
D. FRANCISCO MANOEL

NOVA EDIÇÃO, COM UM PREFACIO BIOGRAPHICO
ENRIQUECIDO DE DOCUMENTOS INEDITOS

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

PORTO
TYP. PEREIRA DA SILVA
Praça de Santa Thereza

1873

PREFACIO BIOGRAPHICO

D. Francisco Manoel de Mello tem duas celebridades: a do talento e a da desgraça.

Da fama que lhe apregôa o espirito mais culto e universal do seu tempo, temos a prova perpetuada em livros numerosos, ainda hoje relidos com prazer e por estudo.

Da que lhe vem do infortunio sabe-se pouco e nubelosamente.

Grande parte de suas óbras é datada no carcere.

O delicto de que a justiça o arguiu, praticado ou aleivosamente attribuido, não o esclarecem os seus biographos mais esmerilhadores.

Quem mais colheu na tradição, e em documentos coevos, foi o snr. Alexandre Herculano.

Soccorreu-se o eminente historiador de um manuscripto inedito que o auctor da *Bibliotheca Lusitana* tinha visto, e de que o snr. Innocencio Francisco da Silva teve alguma noticia.

O snr. Herculano publicou dois extensos fragmentos d'aquelle inedito, que o encaminhou em conjecturas tão judiciosamente deprehendidas, quanto competia a espirito de tanta lucidez e rara intuição. (*)

(*) Veja *Panorama* (de 1840) pag. 179, e 294.

Sem embargo, a causa da prizão de D. Francisco Manoel de Mello não ficou dilucidada.

Tambem eu possuo o inedito, cujos fragmentos o snr. A. Herculano acompanhou de louvores tão dignos quanto honradores da memoria de D. Francisco.

E, se outros documentos escriptos por mão coetanea me não illucidassem, este bosquejo biographico não iria adiantar nada ao que é já sabido ácerca do grande escriptor, prezo tantos annos, e não poucos desterrado.

As noticias, que encontrei, desatam todas as duvidas, alumiam os pontos obscuros de vingança tão prolongada e desacostumada com fidalgos do porte de D. Francisco Manoel de Mello, ainda parente da casa de Bragança.

Posso afoitamente dizer que tenho bem travadas as scenas do drama em que tão innocente e illustre victima foi immolada.

II

Abstenho-me de esmiudar os lanços mais notorios da vida do insigne soldado, dyplomata e escriptor.

São de sobra conhecidos das relaçoens do abbade de Sevér, de Costa e Silva, e do laborioso bibliophilo o snr. Innocencio Francisco da Silva, relaçoens que muito convém ampliar

com os acrescentamentos do snr. Alexandre Herculano, no citado periodico. (*)

O meu proposito é deter-me tão sómente na parte desconhecida ou hypothetica da sua historia, a causa bem esquadrinhada da sua desgraça — a prizão de doze annos, funestamente continuados no desterro.

Os passos mais gloriosos de sua vida, referidos por elle mesmo, devem ser lidos muito mais agradavelmente. Relata-os a D. João IV, com a verdade usada n'aquelle tempo com os reis. Não podia desmentir-lh'os o monarcha, sendo invocado a depôr na veracidade d'elles. Os honrados serviços de D. Francisco Manoel de Mello tinham de si mesmos o galardão de poderem ousadamente entrar ao paço, e humilharem o rei que auctorisava os affrontamentos e as vilanias.

E' o que o leitor vai julgar do *Memorial*, em parte já conhecido dos extractos do snr. A. Herculano. Dou cópia inteira d'esse honroso documento, do qual escreveu aquelle perspicaz historiador... «é talvez o mais eloquente arrasoado, escripto na lingua portugueza, e que nunca se imprimiu. D'elle tirámos o pedaço que acima ficou transcripto, e outro que vamos apresentar, como um modelo de vehemencia, sentimento, e estylo, para que de caminho se veja quão rica e bella é esta nossa lingua portugue-

(*) Veja *Bibliotheca Lusitana*, tom. II, *Ensaio biog. e critico*, tom. VIII, e *Dicc. bibliogr*. Tom. II, pag. 437 e seguintes.

za, que para exprimir affectos nem carece de neologismos, nem de inredar-se de archaismos e de torcer-se no estylo metaphysico-barbaro dos rudes escriptores do 15.º seculo». (*)

D'este manuscripto faz menção o snr. Innocencio Francisco da Silva em duas partes da sua resenha das obras de D. Francisco Manoel.

Primeiramente diz: «E, se havemos de estar pelas tradiçoens e memorias da epoca, nada menos verdadeiro que o delicto que lhe imputavam. Além do que a este respeito se tem dito desde muito tempo, o snr. dr. J. C. Ayres de Campos acaba de communicar-me uma nota muito curiosa, lançada por mão contemporanea em um dos interessantes livros manuscriptos que o mesmo senhor possue. D'ella consta explicitamente que o motivo occulto da perseguição feita a D. Francisco fôra um encontro nocturno, que este tivera com o proprio soberano, em casa de uma dama de alta qualidade (cujo nome a decencia manda calar) *senhora de muito bem fazer a quem lh'o pedia,* que um e outro requestavam; e pela qual n'essa occasião vieram ambos ás mãos, desembainhando as espadas, e acutilando-se mutuamente. Parece que a vantagem ficara então da parte de D. Francisco. Mas pouco depois da noute fatal, apparecendo assassinado um creado da fidalga, a complacente justiça tirou azo d'este successo para desaggravar a magestade offendi-

(*) *Panorama* citado.

da, lançando o assassinio á conta do seu atrevido competidor»

Volta o snr. Innocencio F. da Silva a citar o mesmo documento, quando no catalogo das obras ineditas de D. Francisco Manoel, escreve desta fórma:

— *Justificação de suas acções ante Deus, ante Sua Magestade, e ante o mundo contra as falsas calumnias impostas dos seus inimigos.* — Diz Barbosa que era um memorial, que elle viu, dirigido a el-rei D. João IV, começando pelas palavras: «Senhor: os romanos costumavam ouvir em seu senado os reis, etc.» e acabando com as seguintes: «Isto quero, isto promulgo, isto espero fazer». Não sei se por ventura será este o mesmo de que me dá noticia o snr. dr. J. C. Ayres de Campos, declarando ter d'elle copia em um dos seus volumes de miscellanias manuscriptas, onde tem o titulo: *Memorial a el-rei D. João IV, nosso Senhor. Offerece Francisco Manoel de Mello, preso ha seis annos por parte da justiça.* (1)

E', com toda a certeza, o mesmo. Tambem o meu manuscripto, intitulado das duas maneiras em que o tem o snr. doutor Ayres de Campos, e em que o viu o auctor da *Bibliotheca,* principia e termina pelas phrases citadas por Barbosa, e contém a mesma nota que o snr. Innocencio da Silva indica, no que respeita ao motivo da prisão.

(1) *Dicc. bibliog.*

Agora segue o traslado da justificação de D. Francisco Manoel de Mello.

MEMORIAL

A EL-REI D. JOÃO IV N. S.

OFFERECEO

D. FRANCISCO MANOEL DE MELLO

Preso ha seis annos por parte da Sua Justiça.

Justificação de suas acções, ante Deos, ante Vossa Magestade, e ante o mundo, contra as falsas calumnias impostas por seus inimigos.

Qui ambulat simpliciter ambulat confidenter: qui autem depravat vias suas manifestus erit:

PROVERB. C. 10. n.º 9.

SENHOR

Os romanos, costumavam ouvir em seu senado aos reos. Entendiam que a justificação propria de ordinario periga na penna, ou na voz alheia.

Maior documento é o de Deus, que não só ouviu as desculpas que Adão não tinha que lhe dar; mas ainda o chamou para que lh'as desse.

Os principes christãos que se desviaram d'esse antigo, e bom costume, parece que tacitamente prometteram usar maior piedade com aquelles que não ouviam: essa póde ser que fosse a causa de se mudar este costume.

Apadrinham tamanhos exemplos a ousadia que tómo em apparecer por estas lettras aos Reaes pés de V. Magestade.

Quanto e mais, Senhor, que aos principes não menos os engrandece quem lhes pede justiça, que quem lhes pede mercês; pois por ambas estas acções lhes dão occasião de exercitarem o grande poder de Deus na terra.

E' presente a V. Magestade, é notorio a todos como estou preso ha seis annos. Qual a causa, qual a prova, quaes os respeitos, que tal o soffrimento, que tão esquesito o rigor com que ordenou a minha fortuna fosse e seja tratado?

Não só no glorioso reinado de V. Magestade, mas em outros muitos antecedentes, se não tem visto—por semilhante accusação—prizão tão longa, sentenças tão rigorosas.

Eu fôra ditozissimo se V. Magestade se mandasse informar d'esta verdade; de que poderiam avisar os tribunaes, e os ministros.

E por que supposto que a minha justiça foi tantas vezes ventillada, quam poucas foi ditosa! E de todas seriam a V. Magestade sómente referidos pelos juizes seus pareceres sem que apresentassem os motivos em que os fundaram. Permitta-me V. Magestade agora por principio da clemencia que invoco, represente aqui eu brevissimamente o processo da minha causa.

Pela morte de Francisco Cardoso foram os matadores achados, e condemnados á morte, e o mostrador d'elle a galés.

Em a tal sentença se toma por fundamen-

to commetterem aquelle delicto por mandado de certa pessoa, que os réos varia e injuridicamente deram a intender ser eu.

Mas a sentença por ser dada entre outras pessoas não pode resultar em meu damno conforme a resolução do Direito tão vulgar, que até eu sei está assim escripto na ordenação Lib. 3.° art. 81.

Com tal pretexto de réo, fui preso pelas justiças seculares, que depois de varios incidentes, remetteram a causa ao tribunal da corôa, por que alli se determinasse o ponto da jurisdição; o qual sendo julgado a meu favor, fui remettido ao juizo dos cavalleiros.

Pedi então n'elle se pronunciasse sobre a prisão, a que ainda não estava pronunciado, e que para este provimento, o juiz se regulasse pela devassa geral, que era só o acto legitimo donde podia, ou não resultar-me culpa.

Suspendeu a deliberação d'esse requerimento, emquanto se ventilava a materia do assassinio, em que aquelle quiz involver sua accusação com igual fallencia que na de mandante.

Finalmente declarou o juiz não continha o caso assassinamento, annullando o summario, e procedimentos dos autos, deixando porém as chamadas culpas em sua realidade.

Esta sentença se confirmou em segunda e terceira instancia.

Por quaes sentenças parece sem duvida haverem usado de fundamentos contrarios, por que não póde o summario, e procedimentos do juizo secular serem nullos, sem que tambem o

ficassem sendo as culpas, que me formavam por elles.

Assim, sendo julgada a nullidade do processo, se annullou tambem a validade da culpa, por que de causa notoriamente nulla se não póde produzir algum effeito juridico, e que validamente prejudique: o que não só mostram as leis, mas toda a boa razão.

Sendo, emfim, entregue ao juiz dos cavalleiros, e havendo elle então de pronunciar sobre a prisão (como no despacho antecedente havia prevenido) pois já se decidira o não haver assassinio—declarou—não sei por que causa, me livrasse em seu juizo da prizão em que estava.

E por que se veja a violencia, que alli padeceu minha justiça, é de saber, que ainda que a sentença do juiz se confirmou, foi sómente quanto á questão do assassinio, de que por então sómente se tratava; e não quanto á validade das culpas e pronunciação.

Isto é claro, por que se o juiz, antes de averiguado aquelle ponto, não quiz deferir ao requerimento da pronunciação; como podia a meza, e a instancia, adiantar-se a julgarem em mais do que se litigava de presente?

Assim, a titulo de réo, fui accusado pela via ordinaria, pela culpa de mandante.

Pois se pelas trez sentenças estava livre do assassinio, que era mandar matar por dinheiro, ou cousa que o valesse, bem se segue que tambem fiquei livre de o haver mandado matar.

Por que as circumstancias que se aniquil-

laram e destruiram pelas trez sentenças, por se presumir mandará matar por dinheiro, eram as proprias que estavam já nullas, e sem algum credito por se presumir que mandara matar sem elle.

E não constando de tal mandado, nem podendo ser de effeito em meu prejuizo as declarações dos réos, varias, e nullas, bem se segue haver sido mal condemnado pelo juiz dos cavalleiros em degredo perpetuo para a Africa, mil cruzados para a parte, duzentos para as despezas da meza, e cento para seu juizo.

Prova-se melhor o excessivo rigor d'esta sentença, se o seguinte se considera.

Admittiu-me o juiz a defeza, condemnou-me como indefezo: disseram contra mim os réos incerta e variamente: disseram em minha defeza quarenta testemunhas: elles convencidos por duas sentenças da Relação, no mesmo caso por falsarios, havendo envolvido n'elle outras pessoas; as testemunhas que juraram por mim todas de grande credito. Nunca se deu causa contra mim d'esta morte. *Eu provei uma tão justificada, como era vingar o matador o adulterio que o morto lhe tinha feito.*

Os mesmos e maiores fundamentos havia para não haver de ser pela meza, como fui condemnado em perpetuo degredo para a India; privação da commenda, dois mil cruzados para a parte, quinhentos para as despezas do tribunal, e cento para as do juizo: cuja execução em maior parte está já feita.

Conhece-se qual seja o odio da parte que

me persegue, não por verdadeira queixa, mas com ruim vontade, pois sendo esta sentença tão notavelmente rigorosa,—como disse a voz publica—ainda appellou d'ella, pedindo igualmente comigo a V. Magestade 3.ª instancia.

Permissão clara de Deus, que nas mãos de V. Magestade havia posto o remedio d'uma tão grande sem razão, para que visse o mundo, que nem ainda aquelle a cujo favor se dirigia, queria n'ella consentir, para que de nenhuma sorte houvesse effeito.

Concedeu-me V. Magestade a 3.ª instancia, consultaram a V. Magestade já os juizes; pende agora do arbitro Real a resolução.

A essa causa são os votos destes juizes consultivos, e não definitivos.

Este suave estylo guardaram sempre os mestres da nossa ordem,—e das outras—e lhes foi assignado pelos Summos Pontifices, não certo para se aterem ao parecer dos successores; pois a clemencia do Principe está sobre toda a authoridade; mas para se justificarem com os subditos, em qualquer acção rigorosa, quando a pedissem as qualidades do réo, e do delicto.

Considere V. Magestade se com viva esperança, posso estar de que sendo V. Magestade o arbitro, o Senhor, e o Mestre, haja de emendar o erro alheio, de que elles que tão sem causa justa criminaram minha innocencia, haja de moderar o excesso a que subiram meu castigo.

Veja-se com olhos de prudencia, se do

mais perdido homem da Republica se póde crer semilhante feito, quanto mais de um, a quem pela bondade de Deus, antes d'este, se não impôz algum outro leve desconcerto.

Ninguem ignora a paixão de que fizeram motivo alguns dos que me julgaram, para me condemnarem; cujo effeito, eu mais adivinhei, que mereci, prevenindo d'elle a V. Magestade muito antes de ser julgado por que sabia, que me tinha a paixão certo do damno n'aquelle mesmo lugar, onde a razão me mandava buscar o remedio.

Não houve n'aquella sentença uma só clausula, que não provasse o que d'ella referiu o publico sentimento.

Não só excede a pena á mensura da culpa, nem havida nem provada, mas ainda esquecida a lei, pela qual não ha degredo nem um assignado para a India, fez como todos se lembrassem da causa, por que a lei se esquecia.

Condemna em degredo perpetuo, pena impraticavel, senão contra o hereje, de cuja presença se deve vellar a republica.

Manda-me pagar maior quantia do que val quanto possuo.

Castiga com privação de commenda, cousa tão sem exemplo, como sem razão; por que jamais se viu que por crime de qualidade não exceptuada, fosse algum réo por algum titulo privado, nem do chapeu, nem do vestido que possue.

E' a razão juridica, por que em taes ca-

sos, a pena da condemnação, sómente póde allegar a quantidade e não o esbulho e menos a total privação que não esteja, como não está, admittida por direito expresso.

Emfim, Senhor, taes as passadas sentenças, que não receberam menos beneficio, que eu proprio na emenda d'ellas, as consciencias d'alguns que me julgaram e maior ainda as almas de outros, que já podem d'ellas estar tão arrependidos, quanto necessitados de que a justiça de V. Magestade os alivie d'este encargo.

Mas porque a experiencia me tem mostrado, que com armas mais dobres, além d'esta accusação, que estejam contra mim meus inimigos, impondo-me diante de V. Magestade varias, e falsissimas calumnias, licito me deve ser, Senhor, tomando de V. Magestade a devida licença, tornar sequer esta vez por meus procedimentos, dando minhas obras a minhas palavras tanta confiança, como razão.

Sei não se esquece V. Magestade das obrigações em que nasci, e em que vivi com a serenissima casa de Bragança.

Depois que n'ella entrou o snr. Infante D. Duarte, bis-avô de V. Magestade por casamento com a snr.ª Infante D. Izabel, até o dia presente, posso verificar que nenhum dos senhores d'esta real casa deixou de nascer, e se criar nos braços de meus parentes.

Irmãos foram, primos, e sobrinhos, de meu bis-avô, e pai, D. Diogo de Noronha, D. Antonio, D. Luiz, D. Affonso, e D. Christovão, outro D. Antonio, D. Luiz, e D. Rodri-

go de Mello, D. Diogo, D. Antonio, D. Gomes, e D. Francisco, que todos viveram e morreram no serviço da serenissima casa de Bragança, e n'ella occuparam com honra, e fidelidade os maiores lugares.

Primeiro e não com menós vantagens os Manoeis, que com meus passados, e comigo tinham quasi igual parentesco, e entraram no serviço, e debaixo da protecção dos serenissimos principes avós de V. Magestade quando o segundo casamento do snr. duque D. Jaime, com a snr.ª duqueza D. Joanna de Maiorca. Assim D. Francisco Manoel, D. Christovão, D. Diogo, D. Rodrigo, e outros que todos aquiriram para si, e para os seus, a honra de criados, e confidentes da serenissima casa.

E, se estas são as causas por que entre os humanos se contrahe obrigação, se produz confiança, tambem não são para esquecer, e basta que se não finjam, outros mais poderosos, e não menos certos principios; cuja memoria só obriga a que V. Magestade tão liberalmente honre a muitos, e d'elles se confie.

Sabem todos os que professam o estudo da antiguidade, era D. Maria Mello, mãe de meu bis-avô D. Gomes de Mello, filha de D. Francisco de Faro, segundo filho do primeiro conde de Faro, D. Affonso que foi irmão do 2.º serenissimo Duque D. Fernando.

Bastava por certo a honra d'esta lembrança, para me fazer que adorasse quanto mais que amasse a Real Pessoa, vida, e Estado de V. Magestade, e sobejamente para se ter por

firme o coração de um homem, que sempre trouxe a honra diante dos olhos, como sabem amigos e inimigos.

Se o meu procedimento desmentiu a minha obrigação, eu quero ser o primeiro que o accuse. Permitta-me snr. V. Magestade lhe represente minhas acçoens, por ver se d'alguma d'ellas fui contra aquillo que devia.

Não deixará V. Magestade de se lembrar que no mesmo tempo em que outros lhe faltaram, faltando as grandes mercês e beneficios, eu proprio, este mesmo calumniado, e perseguido D. Francisco, só pela mercê de se lembrar V. Magestade para se servir de mim, me dispuz com todo o animo a fazel-o na maior, e mais importante occasião, e negocio, que á Real casa de V. Magestade havia acontecido.

Vive Antonio Pereira que era então agente de V. Magestade na corte de Madrid, por cujas mãos V. Magestade foi servido dirigir-me as ordens, como me devia empregar n'aquella acção, quando no anno de 1637 succederam n'este Reino as alteraçoens de Evora. Creio tambem é vivo um Matheus Alvares que a V. Magestade servia n'estas jornadas, e as fez varias vezes á corte, e a minha pouzada, levando, e trazendo segredos, e confianças.

Não tinha V. Magestade a esse tempo outro creado em Madrid, que Antonio Pereira, e tinha — como é de crer — muitos emulos, muitos fiscaes, e muitos olheiros para as suas acçoens.

Satisfiz eu segundo meu pouco cabedal,

a grande honra que V. Magestade me havia feito, dando cartas, e informaçoens ao Rei, valído, e ministros; avisando a V. Magestade dos secretos, e expedientes, que se tomavam nas juntas e conselhos, ácerca d'aquelle negocio, conforme o observava, e por minha industria podia alcançar dos ministros com quem tinha suficiente entrada; servit-se V. Magestade agradecer-m'o por carta de 20 de—1637.

Nada tomou do instrumento o bom sucesso. E nem por eu ser inferior a tamanha causa, deixa de ser prezente a V. Magestade e ao mundo, como se acertou em tudo o que convinha.

Sei que se deve á prudencia com que V. Magestade o dispós, não a diligencia com que eu o solicitei. Mas nem por isto deixa de conhecer-se qual foi meu animo, e a minha diligencia.

Pois, Senhor, que premios? que vantagens? que interesses me obrigaram a padecer tanto, como devia então? E agora quando incomparaveis os podia esperar das Reaes mãos de V. Magestade—quem fez que me desobrigasse de os merecer? ou como depois os desmereci?

Foi mandado o conde de Linhares a Evora, e eu em sua companhia a Villa Viçosa, com aquelle fim que se podia esperar podesse ter então em seus designios a côrte castelhana dirigida por um ministro industrioso, e politico, qual era o conde duque.

E que era eu então, senão um requerente, que em tudo dependia do bom semblante de ministro tão poderoso?

Tão pouco a idade me favorecia. A honra supria por tudo.

Por ventura o galardão que podia esperar de comprazer áquelle ministro, os signaes que elle não dissimulava, de desejar lhe revelasse alguns segredos dos que passavam n'este reino, foram bastantes para me metter nos beiços outras razões, que aquellas que me dictava a obrigação, e o amor que tinha, e guardei sempre á real pessoa de V. Magestade, e a seu estado.

Se eu o finjo, se agora vanmente o alego a V. Magestade por serviço, falle por mim o effeito.

Haverá, Senhor, quem pese em justa balança este serviço e este procedimento com os dos que mais na feliz acclamação de V. Magestade se adiantaram, que deixe de ter estas provas por muito iguaes ás d'aquella fidelidade?

Não se sabe que o ser catholico em Inglaterra, é maior fineza, que o ser christão em Roma? Ser portuguez entre os castelhanos, ha quem diga que é menos do que ser portuguez entre os portuguezes?

Viu-se bem o effeito; porque apenas chegou a Castella a nova da acclamação felicissima de V. Magestade quando por primeira diligencia me mandou prender el-rei D. Filippe á Catalunha onde estava servindo com bom lugar e applauso.

Nenhum outro motivo teve aquella desconfiança, que as informações que poucos tempos antes eu havia dado na côrte ácerca dos ani-

mos de Portugal, pois principalmente d'aquelles que nas occasiões da passada suspeita me foram mandados observar.

V. Magestade sabe quaes eram, e Deus sabe se m'o pagaram. Quiz-me Deus salvar a vida para empregar melhor os riscos d'ella no serviço de V. M. a quem não tardei em offerecel-a; mais que o que se tardou em me darem liberdade.

Quão alheios são, Senhor, estes passos, de poder esperar por elles o captiveiro, a injuria, e a miseria d'aquella mesma vida?

Soltaram-me, e não sem premio, e honra, como constou a V. Magestade, pelos despachos que puz—quando vim—nas mãos reaes de V. Magestade.

Acaso cuidei, ou duvidei, se havia de vir logo entregar essa liberdade que gozava no imperio de V. Magestade? Não por certo. O primeiro fui, que rompendo difficuldades, e deixando commodos, vim a este reino.

Antes de chegar a elle comecei a servir a V. Magestade, pois, entrando nos estados de Hollanda, fui ali encarregado em nome de V. Magestade pelo embaixador Tristam de Mendonça do governo d'aquella armada que elle lá prevenira para soccorro d'este reino.

Governei-a, e a conduzi a Lisboa sendo aquelle um dos maiores soccorros que em seu porto entraram á custa de immenso trabalho meu; pela contrariedade dos tempos e falta de todos os meios necessarios.

Justifiquei e assigno particular o animo com

que vinha, por só alcançar a honra de vassallo de V. Magestade fazendo por estudo de não pedir mercê alguma, por que desejava primeiro merecel-as.

Os postos para que V. Magestade foi servido destinar-me por sua real grandeza, se movia a fazer mercê d'elles não por algum genero de diligencia minha.

Aquelles em que todos cuidaram poderia ser empregado, se desviaram. Eu observando como pude o semblante de minha fortuna, em nenhum posto fallei jámais, e d'alguns procurei humildemente escusar-me; por que conhecia convir assim n'aquelle tempo, tanto ao serviço de V. Magestade, como a minha conservação, até que o mesmo tempo qualificasse meus procedimentos, com o que, a prazer de todos, podia merecer outros lugares.

Fui depois, em foro de soldado, servir a V. M. a Alemtejo. O como servi e obrei em um anno de assistencia, dirão os cabos debaixo de cuja mão servia. Vivos são, honrados são, estou pelo que disserem.

No mesmo dia em que eu estava diante d'um esquadrão, governando-o contra os inimigos de V. M. estava alguma pessoa, — que desta pratica já haverá dado a Deus conta — nesse Paço, persuadindo a V. M. me mandasse prender, por que eu sem duvida, — a juizo da sua bondade — hia com animo de me passar a Castella.

Fundava bem esta sua suspeita em me haver eu escusado de testemunhar contra Fran-

cisco de Lucena aquillo que eu não sabia. E este tal, queria por força que eu o soubesse, com pena de me ter a mim, e querer que me tivesse V. Magestade, e o mundo n'aquella conta em que elle tinha aquelle ministro.

Fui desta acção avisado, por que a pratica não parou nos ouvidos de V. M. Então por satisfação minha, tomando a ousadia da verdade escrevi a V. M., uma carta a que V. M. com singular clemencia foi servido de me mandar responder com outra, firmada da Real mão, em 4 de janeiro de 1642, servindo-se V. M. de honrar-me tanto, que se acham n'ella escriptas estas palavras: «me pareceu dizer-vos que de vossos procedimentos tenho a devida satisfação. E fico certo que em tudo o mais que se offerecer de meu serviço procedereis sempre muito como deveis ás obrigaçoens de quem sois, e á confiança que eu faço de vossa pessoa».

Não houve occasião, conselho, negocio, ou confiança n'aquelle exercito, em que os cabos d'elle a não fizessem de mim mui particular: pois será V. Magestade lembrado fui boa parte para se resolver a campanha d'aquelle anno, tão bem lograda, como todos viram.

Sabem todos se não deu forma áquelle primeiro exercito sem meus papeis, parecer, e industria. Examine-se bem quaes d'estas acções foram simuladas. Veja-se em que faltei com a pessoa, com o juizo, e com a fazenda. E se para estes empregos se achou outro mais diligente, ou mais offerecido.

Serviu-se V. Magestade depois de me

mandar encarregar a conducção de todas as tropas rendidas por suas armas em Castella, tirando-me para esse effeito do exercito em virtude d'uma sua Real carta, em que V. Magestade depois de considerar a importancia d'este serviço, houve por bem de que se continuasse.

«Confiando de vós, e do amor com que me servis, procedereis n'esta occasião como sempre fizestes em tudo o que se vos encarregou». E mais abaixo.

«Sendo certo que este serviço que ora me ides fazer, se ade avaliar em vossas pertenções como se fôra feito no exercito, em que com tanta satisfação minha o estaveis fazendo».. Foi esta carta escripta em Evora a 17 de setembro de 1643.

Representei eu então a V. Magestade as razões que havia para que V. Magestade me escuzasse de misturar com aquella gente, por que sem falta, isto seria dar novas azas com que voasse o odio de meus inimigos.

V. Magestade o não houve assim por bem, mandando-me responder por bocca de seus ministros, podia estar seguro que a confiança que V. M. de mim fazia, senão embaraçava com semelhantes calumnias.

Concluido aquelle negocio, que então era não de pequeno cuidado, se deu V. Magestade por tão servido do modo porque n'elle me houvera, que fez mercê de mandar escrever por carta de 5 de Outubro de 1643, o seguinte:

«Agradeço-vos muito o trabalho, e o acerto com que tendes concluido este negocio».

Algumas, e varias vezes me escreveu V. M. mandando-me assistir em algumas juntas, com os maiores ministros, sobre materias de guerra, politica, e conveniencia: como se vê dos bilhetes por que fui chamado, que em meu poder tenho.

Vivos são, o ao lado de V. M. assistem alguns dos sugeitos que alli concorreram, e ouviram meus pareceres; testifiquem do zelo, e amor ao real serviço com que sempre tratei aquellas materias.

Pareceu a V. M. podia bem empregar-me, a servil-o na conducção e commodos dos soldados reformados de Flandres, e Catalunha, que andavam na côrte; mandou-me assim V. M. por seu real decreto de 5 de novembro de 1641, e em muito breves dias, por minha industria despejei a côrte de requerentes, e povoei as fronteiras de reformados.

O expediente que depois se tomou sobre seus soldos, conservando-se-lhes algum áparte, eu fui o primeiro que o arbitrei a V. M. por um papel, que para isso offereci, muito tempo antes que se resolvesse.

E emfim se praticou na mesma fórma que eu o havia proposto.

Mandou-me V. Magestade por decreto de 16 de novembro de 1643 recebesse em seu serviço os soldados que andavam vagos na côrte, d'aquellas tropas dos rendidos de Castella, das quaes por minhas diligencias, desfiz mais de sete centos homens, que para o poder do inimigo não voltaram, e d'estes reconduzi a V. M.

em menos de tres dias, uma leva de quinhentos soldados velhos, que fui remettendo aos almazens, segundo V. M. me ordenara.

Não é para esquecer (nem creio que a V. M. esquecerá,) que achando-se quase toda a nobreza d'este Reino na campanha de Badajoz, fui eu escolhido dos generaes para vir dar conta a V. M., de bocca, dos designios e potencias de suas armas, e receber de V. Magestade as ordens de como se servia, ellas se empregassem em seus progressos.

Entendia V. Magestade ser obrigado a dar forma de vida a Mamede Pereira de Lacerda, moço fidalgo de sua caza, filho de D. Maria da Cunha, camareira que hoje é da Rainha nossa Senhora.

Para este effeito, sabendo que eu passava por mestre de campo para Flandres, e levantava gente neste reino, houve V. M. por bem escrever-me encommendando-me por carta sua e escripta em Villa Viçosa a... de... que pelas obrigações que tinha a Mamede Pereira, desejava V. M. que eu me encarregasse do seu comodo: assisti-lhe de maneira, que sem que elle houvesse alguma hora sahido da corte de V. Magestade, o fiz prover d'uma companhia de infantaria, o levei e deixei em Flandres encaminhado a tal fortuna que se não resolveu elle a deixal-a, nem ainda quando no crescimento da grandeza de V. M., se lhe estavam promettendo muitos augmentos.

Neste proprio tempo, e occasião me encarregou V. M. outro tal comodo, para a pes-

soa de Theodosio Tavares, tambem creado de V. M.; e sem que elle houvesse servido na guerra, só por obedecer a V. M. o provi d'uma bandeira. Foi, e esteve em Flandres, donde veio digno de V. Magestade o fazer sargento mór de um terço desta cidade.

Foi V. Magestade encarregado do governo das armas d'este Reino; posto (ao que então se pode observar) solicitado pelos inimigos de V. Magestade em cujo exercicio, a este respeito, convinha haver grande vigilancia. E porque aquellas materias não eram muito prezentes a V. Magestade, quiz V. Magestade que lhe apontasse o modo por que se devia haver na direcção das armas; e sem embargo de estar auzente enviei a V. Magestade um papel pelo qual offerecia a V. Magestade todas as advertencias não só competentes ao posto, mas á conservação da auctoridade de sua Real pessoa, que tão bem se logrou depois.

Dois dos maiores negocios externos competentes á conservação d'esta corôa, foi V. Magestade servido de me querer encarregar dentro em uma semana estando em Evora.

Um se serviu V. Magestade de communicar-me em sua Real prezença; outro me mandou V. Magestade tratar pelo secretario de estado, que por ambos haverem contido segredo não declaro, nos quaes, não fiz a V. Magestade menor serviço (havendo representado minha insuficiencia) de que o fizera encarregando-me de cada um d'elles, d'onde nasceu encarregarem-se a outras pessoas capazes, que

d'elles deram mui boa conta; devido em alguma maneira áquella util, e humilde dezistencia que em mim acharam, fundado no conhecimento que de mim tinha, de que V. Magestade se deu por muito satisfeito.

Estes foram senhores meus progressos em dois annos e meio que assisti solto, na côrte, e no exercito de V. M. Mande V. M. agora a meus émulos, que declarem quaes foram os outros por que me calumniam. Quaes foram meus designios vistos por minhas obras, ou vindicados por ellas n'estes seis annos de minha prizão.

D'aqui d'onde não podia servir a V. M. com a pessoa na maneira que me era possivel, jámais estive ocioso em seu serviço.

Achar-se-hão nas secretarias de V. M. papeis, cartas, e lembranças minhas, prevenindo, lembrando, e pedindo a V. M. aquillo que, a meu fraco juizo, parecia mais conveniente nas presentes occorrencias.

Publicaram os inimigos d'este reino, e de V. M. livros, e inventivas contra a honra d'elle e seu real direito, tomei a penna e me oppuz a seu desconcerto, e escrevendo contra os emulos na maneira que o mundo sabe.

Por semilhantes serviços fez V. M. avantajadas mercês, e pela escripta d'um só livro, em materia discutida, e abundante, se serviu V. M. de dar o seu desembargo do Paço ao dr. Francisco Vaz de Gouveia.

Do credito que os estrangeiros deram a meus escriptos, não é inventora a vaidade; mas

testemunha a experiencia, vê-se a conta que d'elles se tem feito, achando-se allegados largamente em comprovação dos procedimentos violentissimos dos émulos de V. M., d'onde elles, e sua voz, recebem a confusão que se conhece.

Apenas tive noticia de que V. M. gostaria ver escriptas as vidas dos serenissimos Reis Portuguezes, para correrem com suas medalhas pelo mundo, logo me dispuz a fazer a V. M. este serviço; cuja execução está bem proxima, que por minha parte se não retarda.

Succedeu o milagroso caso quando Deus nos guardou a vida de V. M. (que guarde, e prospere por muitos annos). Houve V. M. de o fazer assim manifesto ás gentes, e ouve esta propria penna de ser uma das que o publicaram, servindo-se V. M., que o meu papel por direcção de seus ministros fosse aos ministros, Principes, e Nações amigas, em cujas lingoas corre ha muito convertido; sendo este um meio por onde novamente se conhece á justiça de V. M. pelo grande cuidado com que Deus guarda a sua pessoa, e innocencia.

Havendo hoje neste Reino tantos sujeitos grandes, teve V. M. por bem, que sendo eu o menor d'elles, me occupasse em historiar a vida, e feitos do Sr. Duque D. Theodosio que Deus haja seu pai serenissimo.

Senhor, se estas são minhas acçoens exteriores, examinem-se as interiores; pelas quaes logo o animo dos homens é reconhecido.

Quaes são os meus tractos? Qual o animo?

Que soffrimento? Que pezar ou alegria com os bons, os maus sucoessos publicos? Que pessoas são as de minha amizade? Que taes as razões que me são ouvidas?

Constará que minhas correspondencias são com os sugeitos mais graves d'este reino, e de maior religião, e virtude; que aquelles com quem tenho mais estreita amizade, e me fazem graça de a quererem ter comigo, são os ministros, e creados de V. Magestade mais confidentes, e mais para o serem.

Fóra de Portugal, aquelles que de mim tem alguma lembrança, e eu a conservo para com elles, são os embaixadores, residentes, secretarios, e outras pessoas de quem V. Magestade faz toda a conta, e estimação.

Meus commercios são as lettras, e os livros, em que maior piedade, e honra se acha, como é notorio.

Meu sentimento e alegria é aquelle e aquella que um bom e zeloso vassallo deve ter nos prosperos, e adversos acontecimentos da sua patria.

E' constante, que succedendo n'este reino, depois que eu a elle vim, quasi todos os casos de infelicidade (sem os quaes não quiz Deus conceder a gloria de vermos a V. Magestade em seu throno) foi tambem elle, servido por sua infinita bondade, que havendo-se enredado n'aquellas materias muitas pessoas com culpa, ou sem ella, não fui eu nenhuma d'essas.

Não é menos certo que em nove annos de Portugal, em seis de prisão, e em quasi todos

de perseguição foi sempre tão claro, e tão singello o meu procedimento que apezar do artefício dos emulos não houve nunca lugar de me occasionarem esta ultima ruina.

Ondé se achará, Snr. no mundo um máo que assim saibá, e assim possa reprimir a sua malicia? E por que se não acabará de crer que é bom, quem pór tantas obras, e por tantos annos o tem mostrado?

Que maldade não commette, quem contra um proceder tão justificado pertende oppôr sombra de maliciosos pensamentos?

Dou todos por testemunhas da moderação com que levo meus trabalhos.

Acaso ver-me enterrado vivo, no melhor da minha idade, quando podera esperar possuir o que vejo desperdiçar aos outros, tirou alguma hora de mim uma só queixa, uma só palavra impaciente?

Vendo encaminhar a uma total ruina minha justiça, e tendo por certo havia pessoas, que folgariam de m'a não achar, e chegando a tanto, que m'a não acharam, foi por ventura tamanha causa bastante para que eu quebrasse estes cadeados de bons respeitos que voluntariamente havia lançado em minha propria bocca?

Cancei a V. Magestade alguma hora, com petiçoens de melhoras, ou alivio de prizão, senão que padecendo meus males, e trabalhos, me acomodei sempre de tal sorte com a prizão que V. Magestade me assignou, que já pode ser que pela conformidade com que a levava,

houvesse quem d'essa temperança quizesse fazer artefício.

Ouviu alguem o meu nome antes de agora pelos tribunaes, accusado de algum delicto?

Esta observação é um dos incentivos que mais estimulla a meus contrarios, a fazerem hoje contra mim todo o esforço da sua malicia.

Sabem, que livrando-me Deus d'esta accusação, não acharam, nem acharão outra em que poderem empecer-me.

Não incluida só em Portugal a fama da violencia, com que de meus inimigos era tratada minha justiça, vôou tanto, que chegando aos ouvidos do Christianismo Rei de França, como verdadeiro irmão, e fiel amigo de V. Magestade procurou concorrer com sua auctoridade Real, escreveu a V. Magestade a seguinte carta, não sei se mais em recommendação da minha causa, que em desagravo da justiça d'este reino:

«Muito alto, muito excellente, muito poderoso Principe, nosso muito caro, e muito amado bom irmão, e primo.

O snr. D. Francisco Manoel, vassallo de V. Magestade, e que de presente está prezo na torre velha de Lisboa por causa d'uma falsa accusação, que lhe foi levantada por seus inimigos, os quaes aproveitando-se de sua retenção com escurecer manifestamente a verdade, acertaram de maneira, que por esse respeito elle foi condemnado a servir a V. Magestade na India. Mas por quanto é fidalgo de mere-

cimentos e que os serviços que nos fez, em nossos exercitos nos convidam a compadecer-m'o-nos da desgraça que lhe ha succedido, escrevemos esta carta a V. Magestade para lhe rugar com toda a affeição que nos é possivel, lhe queira conceder a graça que lhe é necessaria, para que elle não satisfaça tal condemnação, o que me será testemunho da conta que V. M. quer ter da minha recommendação, que por este sujeito se emprega de tão boa vontade como eu peço a Deus, muito alto, muito excellente, e muito poderoso principe nosso muito caro, e muito amado bom irmão, e primo, tenha a V. M. em sua santa e digna guarda.

Escripta em Paris a 6 dias de novembro de 1648. Vosso bom irmão e primo.

LUIZ.

Fui tão attento ao grande decoro que devia a justiça de V. Magestade, que havendo eu recebido esta carta de el-rei christianissimo para V. Magestade de que com tanta razão podia confiar muito, desviei que ella se apresentasse a V. Magestade por mãos de algum ministro de França, offerecendo-a eu a V. Magestade pelas do secretario do expediente, afim de não obrigar a V. Magestade contra o seu dictame, a alguma correspondencia com aquella corôa, ainda a troco da minha utilidade.

Prezentemente deixei de valer-me da intercessão dos Principes Palatinos, com quem tinha algum conhecimento de Inglaterra, e da Rainha sua mãe, e irmãos quando me achei em Olanda, sendo de alguma maneira invitado

com sua auctoridade para esse effeito, só por me não parecer justo opprimir as resoluçoens de V. Magestade com extraordinarias diligencias.

Desejava, e desejo de alcançar o beneficio de que necessita minha fortuna, ou da grandeza de V. M. ou da virtude da minha justiça.

Mas se depois de tão vivas razões particulares, podem ter lugar as communs, por singular favor peço a V. Magestade se sirva de mandar ouvir o que ácerca de minha causa, procedimentos, e pessoa, diz o povo, de quem se affirma por sua bocca falla Deus.

Mande V. Magestade ouvir os soldados, os virtuosos, os amigos de lettras; ouça V. Magestade os bons, como melhores que são e mais dignos de serem ouvidos, e de serem criados dos principes, ouçam-se aquelles em cujo poder estou ha seis annos. Mande-se V. Magestade de todos elles informar ácerca de minha vida, ditos, e feitos: mande V. Magestade contar o numero de meus amigos, e de meus inimigos.

Que arteficio será aquelle que tanto saiba fingir? que industria a que de tantos se recate, e a todos engane?

Não é, Senhor, mais proprio, mais prudente, e mais christão discurso, intender que erram um ou dois primeiro que tantos? que se enganam os poucos antes que os muitos? E que podem fingir os inimigos aquillo que não podem fingir todos?

Um anno inteiro estive preparado para

haver de ir ao Brazil (como se entendia): não foi V. Magestade servido que assim fosse. E com me vêr ficar incertamente, haver gastado, e ter perdido o pouco que tinha de meu, nem por isso fiz a V. M. alguma lembrança, nem outra diligencia; não se ouviu que eu n'este caso me queixasse mais da minha fortuna.

Era obrigado a crêr e sem duvida cria, que no real peito de V. Magestade, se tinha tomado comigo resolução justa, e conveniente.

Seria grave crime meu, se sabendo (como sei) se não esquecesse V. Magestade das verdades que aqui refiro, esperasse da sua real mão, menos que uma deliberação em tudo de V. Magestade, como toda de V. M. hade ser; e eu por essa a heide seguir, e venerar.

A' vista d'esta modestia, e quando cuidava me entrava a clemencia pelas portas, e o fim dos trabalhos padecidos, me vejo de novo apertado, e opprimido, d'onde é bem para sentir mais a causa, que o effeito.

A confusa noticia que se me deu dos motivos d'esta novidade, é haver V. Magestade tido aviso, de que eu pertendia uzar mal da confiança que de mim se fazia n'esta prizão, e eu não desmereci, emquanto se passaram quatro annos que a gozei; nem por algum excesso dei cauza a reprehensão, ou arrependimento de quem de mim a fazia.

Differentes sobresaltos, mais urgentes perigos, tinha padecido minha justiça em todos os tempos passados, e em outros animos, que não eram o de V. Magestade, e mais fiei eu

tanto d'ella, e do meu animo, que por nenhuma contingencia me veio tal modo de remedio ao pensamento.

Pensamentos difficultosos são de provar; mas só as obras tem por seus fiadores; o que tenho obrado servirá de prova ao que tenho dezejado.

Está hoje minha causa só pendente do arbitrio de V. Magestade, e ainda que essa razão me podia ter animado a lhe esperar bom successo, muito maior é a esperança que nasce das demonstrações, sendo V. Magestade servido de responder ao secretario do expediente, quando d'elle recebeu a carta de el-Rei christanissimo, me assegurasse (como me assegura) se informaria V. Magestade com o mais favoravel voto dos Accessores, ainda que esse fosse o unico.

Esta propria luz observaram sempre da clemencia de V. Magestade todos os ministros e pessoas grandes, que de mim compadecidos, offereceram a V. Magestade como bons vassallos a lembrança da minha causa, por digna materia, em que podessem exercitar-se a grandeza e piedade como geral agradecimento.

Quem seria logo tão sem fé, e sem juizo, que á vista d'esta real promessa, e d'estas benignas demonstrações houvesse de acobardar-se?

Como quereria perder aquelle merito, que se tem por adquirido sem duvida, em o passado soffrimento? O desconto do que padeci em seis annos de prizão, a que as leis, a razão, e

a piedade tanto olham, que o reputam por uma grande parte do castigo.

Não havendo V. M. por bem de me mandar ao Brazil, como se dizia, cuidava justamente, podia intender que V. Magestade como rei, senhor, e mestre nosso, se movia a ter maior compaixão de meus trabalhos, e não vinha em querer se me dilatassem em um tão remoto desterro.

Como se conforma esta esperança, tão justamente fundada, com a desesperação de que, sem alguma causa, fui calumniado?

Prezentissimo é a V. Magestade, como n'estes mesmos dias, attentos os grandes apertos, e faltas de fazenda em que me vejo, fiz rogar instantemente a V. Magestade, e instantemente da minha parte, pelo conde de Redondo, e depois pelo padre Antonio Vieira, fosse V. Magestade servido de me mandar passar d'esta torre ao castello de Lisboa.

Foi esta pertenção tanto nos proprios dias em que a V. M. parece se devia dar avizo de movimento (ou por melhor dizer de meus inimigos) que juntas recebi as novas de que a V. Magestade estava proposta a mudança de minha prizão; e de que V. M. ordenava fosse apertado n'esta.

Foi sem falta, misericordia, e providencia de Deus (que aos injustamente perseguidos não desampara) guardar-se para este tempo esta calumnia; por que fosse ella mesmo quem por minha parte a convencesse.

Por que, Senhor, em que entendimento

cabe, e pode ter entrada, que nos mesmos dias em que a V. M. disseram tratava eu de aproveitar-me das commodidades d'este lugar, para me sahir d'elle, estivesse eu com repetidas instancias nestes mesmos dias pedindo a V. M. me mandasse tirar d'aqui, e para parte donde parece que de todo se ficára impossibilitada a execução de tal pensamento, quando em mim o houvesse?

Bem creio não duraria no animo de V. M. o credito d'esta suspeita, (quando por minha desgraça o houvesse havido) mais que o que chegasse á memoria de V. M. esta lembrança.

Eu deixei premios por vir buscar a V. M., entreguei lhe por eleição, e por amor a liberdade que possuia: nada d'isto se mudou, nem mudará em toda a vida, por quanto nas pessoas de juizo, e christandade, o castigo não induz desafeição da parte de quem o dá, nem da parte de quem o recebe: castiga o bom pai, e o bom senhor, e o que o não é deixa viver sem castigo ao filho, e ao subdito, como que se lhe dá pouco da sua perdição.

Se eu o merecesse, e V. M. me castigasse, animo, e juizo me deu Deus para o saber agradecer; se o não merecesse, e V. M. me castigasse, animo, e juizo me deu Deus para saber discernir as acçoens de V. M., das de meus inimigos; e conhecer que sua malicia d'elles inexcusavelmente obrigaria em vez de justiça a que contra mim se fizesse qualquer severa demonstração.

Tenho inimigos descubertos, e incubertos, sabe-o, conhece-o, e conhece-os V. M. Tomo a Deus por testemunha de que não mereço odio de nenhum, nem de ninguem. Todavia não descansam de fulminar meu damno. Não me val para com elles, o calar, e o soffrer; mas para com Deus, e para com V. M. muito espero que me valha.

Verem que V. M. se detem, em consentir a ruina que elles me dezejam, é um novo estimulo, que está concitando a mais crueis effeitos sua ruim vontade.

Conheceram, que já aqui não tinham outra alguma causa, com que criminaro meu procedimento; inventaram esta, por ser a causa que mais levemente se deve crêr de um prezo, o desejo da liberdade; sem saberem medir, que ella para mim por este meio era mais dura que a prizão e desterro, pois me negava a esperança, que não perderei nunca, de alcançar algum tempo, a graça de V. Magestade, e o suave repouso da patria, que sobre todas as felicidades, é desejado dos homens.

Senhor, castigando-me V. M., perdoandome, mandando-me para os fins da terra, tendo-me n'elles, eu sou, e serei dos mais fieis, e verdadeiros vassallos dos que a V. Magestade amam, e obedecem.

Aquelle que nunca faltou aos homens com a verdade, nunca enganou amigos, e conhecidos, nem ninguem do mundo, este tal, senhor, é certo que tem feito largas provas para não haver de faltar a seu senhor, e a seu rei, aquem

se deve mais verdade, a quem se ama mais, a quem se teme mais, e de quem mais que dos outros se espera e depende.

Mostrará o tempo, o que prometto; verá V. Magestade: saberão estes reinos se Deus me der vida, se V. Magestade m'a deixar empregar em seu serviço, que castigado, desprezado, e cheio de trabalhos procedo tão alegre, e tão constante em minha obrigação, como aquelle que mais possue favores, e premios.

Espero, já que no estado prospero não pude obrar de sorte que deixasse de parecer digno de castigo, que no estado de minha miseria obre de maneira, que a todos pareça digno de lastima, e perdão.

Occasioens passadas houve, em que muitas vezes offereci a V. Magestade o sangue, e a vida, que é sua. E assim como aquelle que deve lhe não é licito escusar-se de pagar sua divida, aquem e a onde lhe manda seu acredor; assim tambem ao bom vassallo, não é licito escuzar de dar sua vida na parte, e como lhe manda seu senhor.

Isto conheço; isto promulgo. Isto protesto fazer».

IV

As illações mais relevantes que se colhem d'este *Memorial* são: 1.ª que um certo Francisco Cardoso fôra assassinado em vindicta do adulterio commettido com a mulher de um dos assassinos, ou, mais provavelmente, do condemnado a galés, por ter mandado os outros; 2.ª

que algum dos réos depozera que D. Francisco Manoel de Mello comprara os assassinos de Francisco Cardoso; 3.ª, que o réo se defendeu com testemunhas do maior credito, provando, ao mesmo tempo, que o assassinado havia sido amante da mulher de um cumplice já condemnado como tal.

Estas razões, ainda rebustecidas com outras, não impediram que D. Francisco fosse condemnado, na segunda instancia, em degredo perpetuo para a India, e 2:600 cruzados de custas.

Não se comprehende tamanha iniquidade. Ha um braço omnipotente que obriga os juizes a condemnarem, a despeito das quarenta testemunhas que no tribunal se affrontam com o inimigo mysterioso do prezo.

A vida do obscuro criado de certo fidalgo não podia ser tão preciosa quanto a condemnação inculca, já mais se o conjurado na morte d'elle é fidalgo de tanto tomo e com tantos serviços assignalado.

Não se dispensa, pois, que D. João IV seja o perseguidor mal rebuçado que de dia para dia vai ingrossando os ferrolhos que incarceram o seu, já n'outros tempos tão fiel amigo e partidario. Vem logo a tradicção desvelar o segredo, referindo que o rei, concorrendo á mesma dama com D. Francisco, se travara com elle, no escuro de um pateo, e, de espada arrancada, disputára o accesso ao camarim da requestada.

Dado que assim fosse, que tem que ver o

assassinio de Francisco Cardoso com o recontro nocturno do rei e do fidalgo? Desceria D. João IV a solicitar dos magistrados que o desforçassem, colorindo a vingança? Revelaria o seu deshonesto segredo, tendo á real mão outros expedientes de vingança mais summarios? Não se teria dito no processo, ou não diria D. Franco Manoel no *Memorial* que rasões de suspeita poderam incriminal-o na morte de Francisco Cardoso?

E' escureza que a tradição deixou intenebrecer-se mais com o dobar dos annos. Se alguns genealogicos a poderam desfazer, enfreou-os o respeito, o mêdo, a transigencia com certos decoros, synonimos de certas deshonras. Não obstante, como os linhagistas, fechados em seus gabinetes, não se temiam de escrever as volumosas costaneiras que hoje os seus descendentes trocam a romances, ou por um jantar — veniaga mais digna de indulto — aconteceu que a historia do auctor da *Carta de Guia de casados* ficou escripta minudenciosamente em um dos dez tomos de linhagens, que possuo, e foram escriptos por Joseph de Cabedo e Vasconcellos, natural de Setubal, e Manoel Moniz de Castello Branco, natural da Villa de Fronteira, ambos contemporaneos de D. Francisco Manoel de Mello.

Antes de levantar de todo o capuz do mysterio, quero dar a copia da nota, que segue o meu traslado do *Memorial*, e que tem pontos de analogia com a do manuscripto do snr. dr. Ayres de Campos, conforme a referida infor-

mação do snr. Innocencio Francisco da Silva.
Diz assim:

ADVERTENCIA

A sentença de que aqui se faz menção foi dada em uma segunda feira, 2 de março de 1648, estando prezo (D. Francisco) na Torre da Cabeça Secca, perto de 4 annos; e, depois, em virtude d'este Memorial, a terceira instancia que se lhe concedeu e outras diligencias, estando mais 3 annos prezo, se lhe cummutou o degredo da India para o Brazil, como consta da sua carta declamatoria ao principe D. Theodorio. (*)

A morte que se fez foi a um Francisco Cardoso, creado do conde de Villa Nova, D. Gregorio; foram enforcados trez homens por ella, e um que entregou o morto aos homicidas foi condemnado a galés.

Item: dizem que a má vontade com que el-rei D. João 4.º se mostrou n'esta dependencia de D. Francisco, procedera de se encontrar com elle uma noite em a porta do pateo das columnas que está nas cazas contiguas ao Limoeiro, em que morava então a condessa de Villa Nova, (senhora de muito bem fazer a quem lh'o pedia) e porque tinha dado ponto, senha e hora, uma noite, a D. Francisco Manoel, e deu a mesma em tudo a el rei, que tambem era op-

(*) Está impressa no volume intitulado *Aula Politica, Curia militar, Epistola declamatoria*, etc., de D. Francisco Manoel de Mello, desde pag. 109 até 132.

positor, não sabendo um do outro, pretendendo subir a escada ambos ao mesmo tempo, e não querendo ceder qualquer d'elles, vieram á contenda das espadas, brigando igualmente com esforço, e ventura; cançados, suspenderam a contenda, e, accudindo gente, se retiraram ambos por não serem conhecidos; sem embargo que el-rei conheceu a D. Francisco, e D. Francisco não conheceu a el-rei, nem sabia que era oppositor áquella empreza.

Succedeu depois a morte de Francisco Cardoso, creado da condessa, e a sua lhe sobreveio a ella d'ahi a pouco tempo. Na prizão é que D. Francisco soube quem fôra o rival, e bem se mostra a sua innocencia nos livros que compoz estando preso, pondo em todos=QUARE?=*experimentando a ira do soberano com tanto rigor, não lh'o merecendo seus relevantes serviços, feitos a elle e á patria, como refere. Se isto foi assim, mancha é na fama de tal principe, e tão heroico, que fórma parallelo com a de el-rei D. Manoel com Duarte Pacheco.*

Esta nota abre alguma luz; mas não nos desassombra a vereda, antes nos embaraça mais na relação que possa travar-se entre o rei, e D. Francisco, e o creado morto, e a condessa fallecida pouco tempo depois do assassinio do creado.

E' agora o ensejo de sahir em pleno dia todo o enredo d'esta obscurecida tragedia.

V

D. Gregorio Thaumaturgo de Castello Branco, terceiro conde de Villa Nova de Portimão, guarda-mór da pessoa d'el-rei D. João IV, e gentil homem da camara do principe D. Theodosio, cazou com sua sobrinha D. Brazia de Vilhena, filha e herdeira de D. Luiz da Silveira, conde da Sortelha.

Ao segundo anno de cazado, o conde veio no conhecimento de que os tios não são os melhores maridos das sobrinhas, ou as sobrinhas não amam tanto quanto respeitam os tios. A denuncia dos desvios conjugaes da condessa foi-lhe feita pelo seu pagem Francisco Cardoso. O conde fez recolher a esposa ao mosteiro de Santa Anna, onde saudades e desprezos a mataram, apoz dois annos de rigorosa reclusão.

Cazou o conde, em segundas nupcias, com D. Guiomar da Silva, filha de D. Francisco de Faro, conde de Odemira, e de D. Marianna da Silveira.

Esta, bem que não fosse sobrinha do marido, resvalou da inteireza dos bons costumes da caza brigantina d'onde derivava, e deu-se a uns funestos amores que Francisco Cardoso espiava com o zelo de leal servo de seu infeliz amo.

Patente o delicto, D. Gregorio Thaumaturgo, que, ao invez do seu appellido, não fazia o milagre de achar mulher honrada, rompeu na ruim deliberação de matar a sua,

com as necessarias cautelas. Assim o fez, mediante peçonha, que a dilacerou em poucas horas de agonia. Rumorejou-se, ao tempo, n'aquella inopinada morte, e attribuiu-se a medo dos parentes de sua mulher a sahida do conde para Castella, d'onde se repatriou em 1640.

Cazou o conde, terceira vez, com D. Marianna de Alencastre, filha de D. Lourenço de Alencastre, commendador de Coruche, e de D. Ignez de Noronha.

Foi D. Marianna peregrina formosura, e a mais cantada dos poetas fidalgos d'aquelle tempo. D. Gregorio não estava já em annos de poesia nem de amôres, para tanto insistir em terceira experiencia. Frizava-lhe já menos mal o epigramma que D. Francisco Manoel de Mello lhe fizera a elle ou a outro de analogo sestro:

Sempronio se descazou
de Lesbia, d'ella tal ser;
porém, nada escarmentou:
tomou Livia por mulher,
sobre ella logo gritou.
Julio, o sogro, acode á filha,
bradam todos; e um doutor
quer pôr em paz a quadrilha,
dizendo que era o sabor
que se tomou da vazilha (*)

Esta terceira condessa parecia querer que a memoria das suas antecessoras fosse absol-

(*) *Obras metricas*, pag. 234.

vida, ou então vingal-as da cruêza do marido.

Entre varios amadores, aceitou os requebros do rei, por que era D. João IV; e os de D. Francisco Manoel de Mello, por que era gentil, moço de trinta annos, corajoso e poeta, e primeiro e mais galan de quantos então abrilhantavam os saraus da primeira fidalguia.

Não é verdade que a condessa de Villa Nova de Portimão désse hora e senha ao rei e ao fidalgo conjunctamente. A hora era de D. João IV; mas D. Francisco, cioso e desconfiado, espreitava um rival quem quer que fosse.

Estava elle acantoado no pateo do palacio, espaçoso vestibulo, que se chamava o «Pateo das columnas» perto do Limoeiro, no terreno onde, mais de seculo e meio depois, o secretario da Regencia, Salter de Mendonça, edificou o seu palacio, sobre as ruinas do outro, arrazado pelo terramoto de 1755.

D. João IV entrou ao escuro recinto; e, quando subia a espaçosa escada, deu tento de um vulto, e do tinir de espada no talabarte. Arrancou da sua sem proferir palavra; mas conheceu o adversario com quem ia havel-as, por que D. Francisco perguntou ao desconhecido quem era.

O rei tinha bem de memoria a voz do homem com quem, a miudo, e aprasivelmente praticava.

Brigaram algum tempo, ferindo-se ligeiramente, e cessaram de esgrimir, quando no

patamar da escada lampejou o clarão de uma luz, com que a sobresaltada condessa acudia ao tilintar dos ferros. Então, fugiram ambos a um tempo, e cada um por sua betêsga mais á mão. O conflicto passou ignorado do marido para não desmentir o proverbio, e de toda a gente, exceptuados os dois paladinos; mas só um d'estes possuia o trama completo da aventura.

No emtanto, D. Francisco Manoel, acirrado pelo ciume, descurou as vigilancias com que se houvera até á certeza de ser atraiçoado. As assiduidades descautelosas exposeram-o á espionagem de Francisco Cardoso, que, áquelle tempo, havia sido galardoado com a mordomia da casa.

Teve o conde aviso da perfidia, e interrogou a condessa com a severidade prenuncia de alguma catastrophe. D. Marianna de Alencastre, ameaçada na vida, affastou de si D. Francisco Manoel, revelando-lhe que Francisco Cardoso os espreitava e delatara ao conde.

Este Cardoso andava de amores adulterinos com uma Catharina de Enxobregas, mulher de um arrendatario de foros da casa de Villa Nova, chamado Marco Ribeiro. Sabedor de sua deshonra, este marido peitou trez criados que mataram a ferro o mordomo do conde.

Os assassinos foram prêsos; e, postos a tormento, declararam quem os mandára. Não obstante, o conde, communicando o seu terceiro revez a el-rei, attribuiu a morte do seu fiel creado e amigo a D. Francisco Manoel, por suggestão da condessa, cujo crime o mordomo

assassinado lhe denunciara. O rei não impugnou a hypothese, antes a robusteceu consentindo no mesmo alvitre. Postos novamente a torturas os assassinos, a dôr, e a insinuação dos inquiridores, arrancaram-lhes a calumnia que involvia D. Francisco Manoel de Mello na cumplicidade. Preso, processado e condemnado, o innocente estava irremediavelmente perdido.

Todavia, o conde, descontente com vingança tão apoucada em comparação das que já tinha de vêzo, como guardasse ainda algum residuo do veneno que matára D. Guiomar da Silva, ministrou-o a D. Marianna de Alemcastre com igual exito, vindo assim a condessa a morrer pouco tempo depois do denunciante.

Não podemos já desejar mais claridade no mysterio que tanto deu que meditar e conjecturar no discurso de quasi dous seculos e meio. Traslado-o pouco menos de textualmente copiado do codice genealogico de Cabêdo, que diz ter conhecido todos ou quasi todos os figurantes da horrenda historia, nomeando por seus nomes até os trez matadores que morreram na forca, depois de haverem dito no oratorio que não conheciam de nome nem de vista D. Francisco Manoel de Mello.

Este desgraçado não esteve prezo sete ou oito annos, na Torre Velha, como dizem os seus biographos; mas sim doze como elle mesmo diz em uma de suas cartas: «Nos primeiros seis annos da minha prizão escrevi vinte e duas mil e seiscentas cartas. E que será hoje, *sendo*

doze os de prezo, seis os de desterrado, e muitos os de desditoso?». (1)

Soffreu penurias no carcere, por que foi esbulhado de suas rendas. Provam a sua extrema pobresa as seguintes passagens da correspondencia: «Sinto só o ver-me em maneira que nem para estar aqui nem para sahir d'aqui vejo meios; por que, faltando-me os com que me heide sustentar, não tenho sagrado a que appelle, nem na paciencia propria... Sirva-se V. M. me mandar uma manta de lenha, que com essa incerteza estou desaviadissimo para o inverno; e, segundo isto vai, levo geito de lhe queimar aqui todo o pinhal... Os livros folgara muito de comprar, quando os houvesse; mas estou mais para vender estes que para comprar outros». (2)

As justiças zombavam d'elle como de todos os encarcerados; mas, com este preso, o escarneo era mais de quebrar animo e esperanças, por que era D. João IV quem escarnecia: «Agora me mandaram crêr que me querem soltar. O mesmo me prometteram a semana passada. Já não me intendo com palavras de principes. Póde ser que com a semana se passe a memoria de promessa». (3)

Ao fim de doze annos, D. Francisco Manoel de Mello sahiu da cellula penitenciaria da

(1) Carta 1.ª do auctor aos leitores—Cartas.
(2) *Carta* XCIII.
(3) Carta XXXI, da 3.ª Centuria.

Torre Velha para o desterro, não a cumprir sentença lavrada no infame processo, senão a dessedentar a rancorosa sêde do rei. A pena de degredo para a Africa era assim commutada, sob calor de indulto.

Sahiu a victima do inexoravel devasso para o Brazil em 1655. No anno seguinte, morreu cá o rei, e desde logo o desterrado obteve licença de voltar á patria.

Não tinha elle, porém, na patria saudades ou affectos que docemente lhe acenassem. O melhor da existencia, a pujança da mocidade devorara-lh'a, desde os trinta e trez até aos quarenta e cinco annos, a amargura infinita da prizão, aquelle inferno da alma innocente posta em juizo no banco de trez assassinos, e por sobre tudo isto a compaixão e saudade de Marianna de Alemcastre, morta violentamente por sua causa.

Divagou D. Francisco pela Europa, e assentou residencia em Roma, onde permaneceu sete annos. Ahi começou a publicação de suas obras em nova e esmerada edição; mas, escasseado de recursos e protectores, levantou mão d'esta consoladora occupação.

Presintindo o avisinhar da morte, deu-lhe o coração rebates de saudade de Portugal, como quem se acingia ao desejo de haver na terra da patria a bastante para lhe agasalhar, em derradeira hospedagem, o coração anavalhado de angustias.

Chegou a Portugal em fins de 1665; escondeu-se em ermo não bem averiguado ahi

por perto da Torre onde estivera prezo, e lá falleceu em 13 de outubro de 1666 aos 55 de idade, tendo nascido a 23 de novembro de 1611:

«Foi sepultado em S. José de Ribamar, d'onde provavelmente a civilisação e o progresso já atiraram os seus ossos, ou para o Tejo, que fica visinho, ou para algum deposito de immundicies que sirvam para adubar terras de pão pelo valle de Algés, ou da Ribeira de Jamor». (1)

D. Francisco Manoel de Mello morreu solteiro; deixou, porém, um filho natural, de nome D. Jorge, que pereceu, oito annos depois de seu pai, na batalha de Senef. Diz Joseph de Cabedo que a mãe de D. Jorge era uma senhora do Porto, que vivera com D. Francisco em uma quinta do seu gentil namorado á margem direita do Douro, em um sitio chamado *Entre-ambos-os-rios*. D'esta quinta fallou, em dias mais felizes, o poeta a D. João IV em uma graciosa petição rimada, que o leitor encontra a pag. 209 da *Viola de Talia*, edição de 1664.

Pelo que toca a D. Gregorio, conde de Villa Nova de Portimão, ha a certeza de que não cazou com quarta mulher. Deu-se a menos arriscados amores, amistando-se com Elena da Cunha, sua criada, de quem houve um filho, que tambem se chamou D. Gregorio de Castello Branco, e herdou de seu pai uma com-

(1) O snr. A. Herculano, *Panorama* citado

menda de Christo, e o restante que podia herdar.

O titulo extinguiu-se com a pessoa d'aquelle 4.º conde que eu respeito na sua infelicidade, e até no desabrimento do seu desforço; mas reprovo-lhe a covardia da vingança, que tirou do amante da esposa assassinada, imputando-lhe com infames cavillaçoens a morte do mordomo. Como quer que fosse, se a algum homem do seculo XVII prelusiram as theorias de Alexandre Dumas, n'isto de matar às descendentes de Nod, foi a D. Gregorio, que, por amor desta millagrosa previsão, foi talvez predestinadamente chamado «Thaumaturgo». Não sei quando elle morreu, nem se morreu na desconfiança de que o seu rei o deshonrára, fazendo-lhe do pateo sala de esgrima nocturna, e bordél da alcôva nupcial.

O duque de Bragança não era esquivo destas gratificaçoens aos que lhe tinham cingido o deadema, a despeito da covardia, que a historia abjecta chamou prudencia. Este peccado do adulterio é uma seraphica virtude comparado ao stygma de parricida que a crytica, em dias de mais luz e hombridade, gravará na fronte do pai do principe D. Theodosio, o querido da fidalguia, do exercito e do povo.

Ora, d'aquelle corpo e d'aquella alma do algoz coroado de D. Francisco Manoel de Mello, sahiram Affonso VI e Pedro II, e o mais que veio e vier, até que Deus se amercie deste globo com um segundo diluvio, se é que a caza de Bragança não tem de entrar em nova arca, por causa da especie zoologica.

ADVERTENCIA

Possuo e li as mais notavies ediçoens da *Carta de Guia de Casados.*

A primeira é de 1651; a segunda de 1665.

O auctor estava em Lisboa no penultimo anno de sua vida, quando se publicou a segunda. Com certeza a reviu; mas apenas a alterou na *Carta a D. Francisco de Mello,* a quem dedica o livro. Por esta alteração não deram os editores subsequentes, que provavelmente se serviram da primeira, reputando-a mais correcta ou mais respeitavel pela primazia da antiguidade. A alteração está no nome do impressor. Na primeira, escrevia D. Francisco: *Agora me avisa Paulo Craesbeek que na sua officina está impressa a minha Carta de Guia de Casados,* etc. Na segunda edição, altera: *Agora me avisa Antonio Craesbeek que na sua officina* etc. A natural explicação da mudança é que, ao tempo da segunda edição, era já fallecido *Paulo,* e succedera na officina seu filho *Antonio.*

Escolhi das varias ediçoens a melhormente ortographada ao uso moderno, e desbastei n'essa mesma o que me pareceu destoar das outras emendas bem aconselhadas. Como a doutrina d'este livrinho é applicada e bem cabida, em geral, nos costumes de hoje em dia, entendi que o devia despir dos trajos antigos, e pe-

lo tanto dissaboridos para quem se não regosija em comparaçoens philologicas.

A *Carta de Guia* sahiu de um fôlego da abundante veia do auctor. Não tem paragens, nem divisoens de materias, bem que as haja abundantissimas. Por isso reparti o assumpto geral em capitulos, cada um com seu titulo, podendo assim o leitor achar no *Indice* a materia que deseja reler ou consultar.

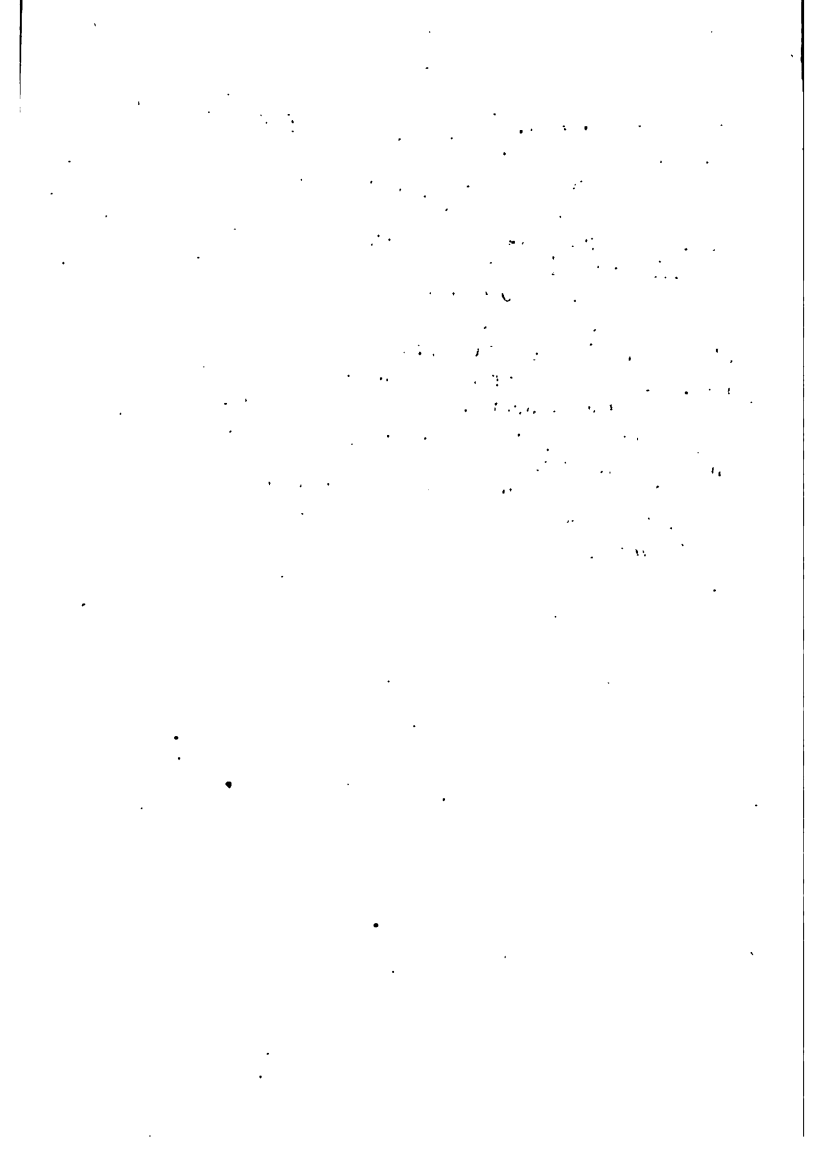
Póde haver alguem que por muito *amartellado de antiguidade,* na phrase de D. Francisco Manoel de Mello, me acoime de irreverencia ao grande escriptor, á conta d'estas superfetaçoens em obra que dois seculos respeitaram na sua primitiva maneira. A minha veneração aos antigos é menos acrizolada, se as suas obras merecem andar na circulação da renovada economia social. Raras são as que o merecem, e d'essas poucas haverá que a geração nova perfilhe, se lh'as não amaneirarmos, em boa consonancia com o gosto, por maneira que a instrucção senão descaze do recreio.

Uns livros são monumentos litterarios, padroens de um cyclo do espirito humano, marcos que apontam para o passado, e não prelusiram o itinerario do futuro. Esses, a meu juizo, devem subsistir inviolados, integros, e intactos das renovaçoens que lhes não dariam cunho de moeda correntia.

Outros livros, tirados da sciencia e experiencia da vida, sempre nova e velha a um tempo, devem amoldorar-se ás evoluçoens estheticas, quanto couber no possivel, sem desfigura-

ção do substancial. *A Carta de Guia* pertence á pequena collecção d'esses livros de philosophia, que nunca descahem de sua virilidade, e vão de par, pelos seculos dentro, com as renovadas geraçoens, reflorindo perpetua mocidade.

Alterar a locução arrevesada e semi-barbara do *Cancioneiro do collegio dos Nobres* seria destruir esse monumento que é, assim qual está, o deleite dos que professam a sciencia philologica. Guardar intacta a prosodia incorrecta dos livros ácondicionados a recrearem e instruirem sempre, não me parece razão que mereça refutada.

Fiz o que se me figurou rasoavel e util a quem lêr esta nova edição da *Carta de Guia de Casados*.

A D. FRANCISCO DE MELLO, Alcayde-Mór de Lamego, Commendador de S. Pedro da Veiga de Lira, Trinchante de S. Magestade.

Primo. Para haver no mundo uma dedicatoria verdadeira, assim havia de ser feita ao descuido. Agora me avisa Antonio Craesbeeck que na sua officina está impressa a minha Carta de Guia de Casados; que ou a dedique eu por mim mesmo, ou lhe deixe fazer d'ella convite a quem a estime, e lh'a agradeça. Mas eu, que não estou já para provar ventura com bafos de grandes, nem ouso mandar de novo o meu nome ás aventuras (porque emfim o bafo é vento, e as aventuras soem ser desastres) n'este pouco espaço que me deixou cuidar no que faria, o pedidor da resposta, nada soube fazer mais atinado, que o ir-me lembrar de vós, e da minha obrigação, para vos offerecer este livrinho. Não julgueis que me ficais devendo muito; e só para que saibais qual é o empenho, desenrolai o presente. Fazei conta que o que vos haveria de ir dizendo aos poucos, quando Deus

vos pôzer n'este estado, vol-o tenho aqui dito por junto; porque eu não sou nem quero ser d'aquelles, que se curam a si com differentes mezinhas que aos outros. Escrevi a um amigo estas observações. Confiadamente vos serví d'ellas a seu tempo; porque como a amizade é o maior parentesco, o parentesco deve ser a maior amizade. Vai debaixo de condição, que não haveis de amparar, nem defender o livro; porque se elle não corresse offendido, e desamparado, até eu o não teria por meu. Usai antes, se fôr (que sim será) necessario, d'aquella minha resposta a um que me tachava de que fizesse muitos, e maus livros: Senhor (lhe disse eu) deixai-me fazer muitos, até que faça um que vos contente. Dizei-lhe isto, e Deus vos guarde.

Vosso Primo,

D. Francisco Manoel.

AOS LEITORES D'ESTA CARTA

Não é outra cousa a philosophia que uma consideração universal de todas as cousas, pela qual se alcança o conhecimento d'ellas. Divide-se em natural, e moral. A natural averigua as qualidades dos céos, elementos, e creaturas. A moral apparelha a ordem do tracto humano. Tambem esta moral se divide em tres partes, que chamam etica, economica, e politica. A etica cuida dos costumes do homem. A economica tem por fim o regimento das casas, e familias. A politica intende sobre o governo das cidades, reinos, e imperios: mas de tal maneira, que a economica requer politica, e a politica economica; porque o reino é casa grande, e a casa reino pequeno; e a etica necessita da politica, e da economica; porque o homem é um mundo inteiro.

Mas agora, fallando sómente da philosophia economica, que é a que pertence a este tratado, digo que esta tal philosophia comprehende todas as condições de gente de que consta a republica: grande, meã, e pequena; porém olha com maior intenção para os grandes: porque a segunda, e terceira qualidade de homens não requerem tanto estudo para sua conservação. Estende-se tambem a todos os estados de vida: Casados, solteiros, e viuvos; mas da mesma

maneira é mais propria dos casados que dos solteiros, e viuvos. Não porque estes dois modos de vida deixem de necessitar de regras para seu bom regimento; porém porque são estados em que poucos, e pouco tempo se detem; constam sempre de limitadas familias, e porisso de menos occasiões; não pedem todo aquelle desvélo, cuidado, e vigilancia, que convém ao casado para sustentar sua casa em honra, e sem perigo.

O principal estudo que aos casados pertence para conseguirem esse fim, é aquelle que lhes dá o modo justo de se haverem, e para viverem com suas mulheres; porque d'este acerto, ou erro, procedem todos os erros, ou acertos de um varão, e de uma familia.

D. Francisco, auctor d'este papel, sendo rogado de um seu grande amigo que intendia casar-se, para que lhe désse alguns bons conselhos, e avisos ácerca d'este estado, escreveu este discurso (como elle mesmo affirma) sem algum artificio; que é boa qualidade para dar credito ao que se aconselha.

Foi seu animo persuadir aos casados a paz e concordia com que devem ordenar sua vida; encommendar a estimação das mulheres proprias; inculcar os meios, por onde o amor se conserva, e se augmenta a opinião.

Este livro, correndo manuscripto, quiz ser de algumas pessoas calumniado de severo contra a liberdade das mulheres; e foi esta a principal razão de se communicar agora a todos, para que se veja a pouca causa que o livro deu

ao juizo que d'elle se tinha feito. O que bem se póde conhecer conferindo sua doutrina com o que escrevem todos os que trataram esta materia.

E se por ventura disser alguem que o intendimento dos homens obra aqui apaixonado por sua jurisdicção; veja-se aquelle excellente tratado que escreveu da nobreza virtuosa, a condessa de Aranda, D. Luiza Maria de Padilha, e publicou Fr. Pedro Henrique Pastor; que logo se achará como nem por ser escripto por mulher se sobornou da fragilidade de sua condição, para que deixasse de assentar ás mulheres com toda a aspereza os preceitos necessarios.

A natureza mostra, e o confirma a experiencia, que as mezinhas de uso mais difficultoso são aquellas de virtude mais efficaz. A arte, a que os medicos chamam Precautoria, sem duvida é molestia, se se olha a quanto obriga; mas, se ao muito do que preserva, sem duvida é suavissima. O animo de D. Francisco bem prova, que não foi induzir a novos cuidados, e desconfianças, mas antes mostrar os caminhos para sahir d'elles, e fugir d'ellas.

Entre os seus livros, póde ser que nenhum seja mais util que o presente. E nenhum decerto é mais facil; ou que a materia pedisse um descançado estylo, ou que elle cançado de ser reprehendido de mysterioso (e talvez de escuro) quizesse escrever para todos; pois para todos escrevia, senão para si mesmo. Seja-lhe com tudo desculpa (senão louvor) haver sido seu fim

em todos seus escriptos accommodar sempre o estylo com a materia: cousa não de todos guardada, e ao menos concedida. Porque na historia de Catalunha mostrou verdadeiramente eloquencia historica. No *Ecco Politico* levantou mais a penna, porque o pedia a politica. No *Maior pequeno,* e em os *Fenis* escreveu aforistico, e laconico, porque as materias moraes, e misticas que comprehendem, fossem pela brevidade appetecidas. Nas musas, grave; por ser esse o melhor methodo entre o vulgar, e o difficil. No *Panteon* culto; porque á materia tragica se assigna o mais alto dos estylos. O mesmo observou nos livros, e tratados que compoz antes, e depois dos referidos.

O proprio guarda no presente, que é o primeiro dos livros portuguezes, e que bem mostra não ser menos digno de louvor pela propriedade com que escreve sua lingua, que pela elegancia com que nas passadas obras mostrou haver feito sua a castelhana. Seguirão os mais em portuguez, que fico preparando em quanto gastardes o tempo em castigar, ou estimar este, que a todos serve, a todos offereço.

O IMPRESSOR.

CARTA DE GUIA

DE

CASADOS

Preambulo.

Em meio estou, senhor N., d'aquellas duas cousas mais poderosas com os homens: Amor, e obediencia. Amo a v. m. Manda-me v. m. E supposto que me manda uma cousa bem difficultosa; a obediencia, e o amor, que já fizeram impossiveis, não se negarão hoje a vencer difficuldades.

Diz-me v. m. que se casa, e que lhe dê eu, para se governar n'esse seu novo estado, alguns bons conselhos. Esta é uma das cousas de que eu cuido que falta mais quem a peça, que quem a dê.

Pois por certo que aquelle que deseja bons conselhos, já parece que d'elles não necessita; porque é tão grande prudencia pedir conselho, que do homem que o sabe pedir, crerei que nenhum lhe fará falta.

O primeiro que aconselharei a v. m. será que se não fie em nada só do meu voto; pois supposto que em mim possa haver vontade para o bem servir, póde ser que nem por isso haja intendimento para o bem aconselhar;

porque intendimento, e vontade ainda se ajuntam menos vezes, que a honra, e o proveito: e ella, com que seja potencia poderosa, nem sempre guia ao acerto, se lhe faltam olhos de sufficiencia.

Grandes cousas deixou escripto a antiguidade, para advertencia dos casados. Muitas são, e graves são; a que tambem os modernos acrescentaram outras, ou nos puzeram em outras palavras as antigas.

Mas nós aqui, senhor N., nos havemos de intender ambos em pratica como do lar, a cujo abrigo, n'estas longas noites de janeiro, vou escrevendo à v. m. estas regras em estylo alegre, e facil, qual requer o estado, e idade de v. m., bem que tão diverso do meu humor, e da minha fortuna.

Darão licença os Senecas, Aristoteles, Plutarcos, e Platões; nem ficaremos mal com as Porcias, Casandras, Zenobias e Lucrecias; tudo tão desenrolado n'estas doutrinas; porque sem seus ditos d'elles, e sem seus feitos d'ellas, espero nos faça Deus mercê de que atinemos com o que v. m. deseja de ouvir, e eu procuro dizer-lhe.

Não sou já mancebo. Criei-me em côrtes: andei por esse mundo; attentava para as cousas; guardava-as na memoria. Vi, li, ouvi. Estes serão os textos, estes os livros, que citarei a v. m., n'este papel; onde juntas algumas historias, que me forem lembrando, póde mui bem ser não sejam agora menos uteis que essa maquina de gregos, e romanos, de que os que

chamamos doutos, para cada cousa nos fazem prató, que ás vezes nos enfastia.

Ora assentamos que qualquer mudança causa estranheza. Mudar de umas casas a outras é em alguma maneira esquivo. Segue-se logo que não se mudará a vida sem algum receio.

Porque se perca, imagine v. m. que para este estado nasceu, e o criaram seus pais. Este foi o que v. m. sabia o estava esperando. Este lhe é proprio, o outro alheio. Ninguem se queixa de haver chegado ao fim de seu caminho.

Considere que aqui não padece alguma força sua liberdade: antes, assim como aquelle que sobe açodado por uma escada ingreme, quantos mais são os degraus, mais deseja de achar um mainel em que descanse; assim tambem, subindo o homem pela escada da vida, quantos mais são os annos, quanto mais soltamente os vai vivendo, tanto lhe é mais necessario o repouso de um honrado casamento; que já por essa razão lhe chamamos estado, por ser não só fim, mas tambem descanso.

Tem v. m. subido, se não muitos degraus, digo, se não tem vivido muitos annos, vivido tem aquelles que bastem; e ainda mal porque a tal curso, que bem póde já dar o descanso a que chega, por chegado ao melhor tempo.

Paga o filho a seu pai, em se casar, aquelle beneficio que recebeu d'elle. Pois se seu pai não casára, o filho não fôra. Vão assim os homens contribuindo uns aos outros; e todos á

memoria dos que lhes deram ser, a que, depois de Deus, somos mais obrigados que a tudo o mais.

I

Vantagem do casamento.

Espantam-se os moços com o que ouvem dizer do casamento de ordinario aos mal casados, porque, senhor, ha v. m. de saber, que muito mais certo é que o mantimento bom se converta no mau humor que em nós acha, do que converter o mau humor n'essa sua boa virtude. Parece-lhes aos moços intoleravel a carga do matrimonio. E', senhor, pesadissima para os que a não sabem levar; para os que sabem, é ligeira. Uma arroba de ferro ao hombro carrega um homem, que com o facil artificio de duas rodas póde levar um quintal. Não excede o peso do casamento nossas forças, falta-lhe as mais das vezes nossa prudencia para que o sustente; e d'ahi vem que nos pareça grande.

Quer v. m. ver quão leve é a carga d'este modo de vida que toma? meça-a com o peso d'essa outra vida que deixa.

Ponha, senhor N., em balança a inquietação passada, os perigos, os desgostos, a desordem dos affectos, aquelle temer tudo, não fiar de nada, o queixume que doe, a vingança que arrisca, a ruim lei que desespera, os ciumes que abrazam, os amores que consomem, a honra em occasião, a saude diminuida, a vida ar-

riscada, e o que é mais, a vida sempre queixosa.

Ora alviçaras, senhor N., que já lá vai tudo isto.

Em verdade, que quando o casamento não trouxera outro algum bem mais que livrar de tantos males, justamente merecia o nome de santa e doce vida.

Pois vejamos o que se lhe dá a um casado, a troco d'essa liberdade, que elles tanto allegam que deixam.

Dá-se-lhe outra: entrega-se-lhe a mulher com a liberdade, com a vontade, com a fazenda, com o cuidado, com a obediencia, com a vida, com a alma.

Quem pezará o que deixa com o que recebe, que logo não conheça os ganhos d'esta troca?

II

A proporção do casamento.

Uma das cousas que mais assegurar podem a futura felicidade dos casados, é a proporção do casamento. A desigualdade no sangue, nas idades, na fazenda, causa contradicção; a contradicção discordia. E eis-aqui os trabalhos por onde vem. Perde-se a paz, e a vida é inferno.

Para a satisfação dos pais convém muito a proporção do sangue, para o proveito dos filhos a da fazenda, para o gosto dos casados a das idades. Não porém que seja preciso uma

conformidade, de dia por dia, entre o marido, e mulher; mas que não seja excessiva a vantagem de um a outro. Deve ser esta vantagem, quando a haja, sempre da parte do marido, em tudo á mulher superior. E quando em tudo sejam iguaes, essa é a summa felicidade do casamento.

Dizia um nosso grande cortezão, que havia tres castas de casamento no mundo: casamento de Deus, casamento do diabo, casamento da morte. De Deus, o do mancebo com a moça. Do diabo, o da velha com o mancebo. Da morte, o da moça com o velho.

Elle certo tinha razão, porque os casados moços podem viver com alegria. As velhas casadas com moços vivem em perpetua discordia. Os velhos casados com as moças apressam a morte, ora pelas desconfianças, ora pelas demasias.

Mas porque estas cousas são muito geraes, e ainda os incapazes tem d'ellas o conhecimento que aos intendidos lhes sobeja; é tempo de passar a alguns mais particulares avisos.

Senhor, saiba v. m. que á sua alma se acrescenta outra alma de novo; á sua obrigação se ajunta outra obrigação. Assim devem crescer seus cuidados, e seus respeitos. E da mesma sorte que, se a um homem que possuisse uma herdade, a qual cultivasse, lhe fosse deixada outra de novo, para o mesmo effeito; este tal homem, sem diminuir em sua alegria, era força que na diligencia se avantajasse, por abranger com seu trabalho a ambas aquellas suas fa-

zendas; nem mais, nem menos deve o casado multiplicar o tento, e a fadiga (sem que porisso se entristeça) por não faltar ao novo cargo, que tomou, e lhe entregaram, com a mulher que lhe deram; não para que a arriscasse, e perdesse, (e a si mesmo com ella) mas para que com maior commodo, e descanço pudesse passar com ella a vida.

III

O amor.

Provemos a vêr se será possivel dar alguma regra ao amor; ao amor, que sohe ser a principal causa de fazer os casados mal casados. Umas vezes porque falta, e outras porque sobeja. Armemos-lhe, se quer, as redes; caia elle se quizer; e o mais certo será que avôe, e fuja d'ellas; porque quiçá por isso o pintaram com azas.

Ame-se a mulher, mas de tal sorte que se não perca por ella seu marido. Aquelle amor cego fique para as damas, e para as mulheres o amor com vista. Ou cure os olhos que tem, ou os peça emprestados ao intendimento d'esses que lhe sobejam.

Digo, perder pela mulher: perder por ella seu marido a dignidade, e compostura de homem, a troco de lhe não contradizer sua vontade, quando é justo, que lh'a contradiga.

Saiba-se, e tema-se, que tambem ha narcisos do amor alheio, como de seu proprio.

Gabavam muito certos Cardeaes ao Papa Pio V, um seu criado, que elle mais favorecia. Respondeu-lhes: Bom é, mas nunca me contradiz. Tão longe está de ser desamor, que antes é perfeição do amor o saber encontrar a vontade de quem se ama, quando ella não deve de ser seguida.

Ha alguns, senhor N., de tão pouco juizo, que fazem ostentação de seu proprio captiveiro. Igual affronta é a um casado saber-se que o manda sua mulher, que saber-se é ella de seu marido escrava, e não companheira.

Este fôro, esta prorogativa de que cada um é bem que use, logo ao principio convém que se concerte. O marido tenha as vezes de sol, em sua casa, a mulher as de lua. Allumie com a luz que elle lhe der; e tenha tambem alguma claridade. A elle sustente o poder, a ella a estimação. Ella tema a elle, e elle faça que todos a temam a ella, serão ambos obedecidos.

Dissera eu, que as mulheres são como as pedras preciosas, cujo valor cresce, ou mingua, segundo a estimação que d'ellas fazemos.

Os que casam com mulheres maiores no ser, no saber, e no ter, estão em grandissimo perigo. D'este livrou Deus a v. m. (e aquelles que assim casarem) porque no que deviam ser iguaes mulher, e marido, são muito iguaes, e no que v. m. era bem que excedesse, assim é que excede. Os mais annos são grandes arras no casamento, em favõr da auctoridade do marido.

Não me detenho em apontar remedios a

estes riscos, porque o meu animo não é dar conselhos a quem escolhe mulher, senão avisos para se viver com aquella que já se tem escolhido.

IV

A idade da noiva.

O homem que casa com mulher de pouca idade, leva a demanda meia vencida. Nos tenros annos não ha ruim costume; porque ainda o menos advertido está no animo como hospede, e não de assento.

Accusando um homem a sua mulher de mal acostumada, diante de seu principe, foi d'elle perguntado, de que annos entrára em seu poder; e como lhe disse o marido, que de doze, respondeu aquelle rei: Pois vós sois o que mereceis ser castigado, que tão mal a criastes.

Um leão, em pequeno se amança. Aos proprios ferros da gaiola, em que vive preso, toma affeição um passarinho; sendo aquelle por seu natural feroz, e este livre. E' a creação outro segundo nascimento; e, se em alguma cousa differe do primeiro, é só em ser mais poderoso este segundo.

O homem que tiver discripção, e industria, casando com mulher de tal idade, pai cuide que vai a ser de sua mulher, tanto como seu marido. Póde fazer que ella renasça com novas condições. Se vemos balhar um urso em uma corda, animal de tão differente despejo, que bruto se affirma mal sobre a terra; que ha que de-

sesperar de poder instruir a mulher moça em todos os bons costumes, e dictames em que a pozer seu marido? E tambem que ha que confiar de que não tome os ruins, se seu marido lhe dá lições, e motivos para cahir, e ficar n'elles?

V

Parentescos.

Correm algum perigo as muito moças pelo sobejo amor aos pais, e irmãos, com que se criaram; e é tanto mais occasionado este inconveniente, quanto parece mais licito.

De ordinario esta acção se regula pelo ser d'esses pais, e d'essa parentela. Quando os pais sejam como devem, louvavel é a inclinação; quando não, é necessario que se vá desde logo, e por bons meios, despartindo aquella familiaridade.

Sobre tudo eu quizera vêr antes nas casadas para com seus pais reverencia, que amor; não que lh'o neguem, porque sem algum amor não ha nenhuma obediencia; mas quando seja amor, e elles taes que não sejam dignos d'elle, se no marido houver arte, o remedio não parece difficultoso.

Julgava eu que para esta tal mezinha era bem conveniente uma nova brandura, um novo afago, (digamos assim) um namorar a mulher outro tanto mais do que sem esta razão seria necessario.

A criança, que outra cousa não sabe senão

o peito de sua mãe, o deixa a troco de se lhe dar a conhecer a suavidade do mel, ou do assucar, que é mais doce que o leite. Não se duvida que o bem querer do marido é mais proprio para a mulher, que o de seus pais, e parentes. D'onde vem que a mulher obrigada, e amimada do marido, esquece facilmente o trato dos pais, e dos irmãos.

Este afago tambem deve ser discreto, repartindo-o igualmente por obras, e palavras. O vestido quando se não pede, o brinco que se não espera, a sahida em que se não cuida, um não sahir de casa uma tarde, um recolher mais cedo uma noite, (e, se disser um levantar mais tarde uma manhã, não mentirei) farão logo chanissimo o caminho para aquelle esquecimento, ou desvio dos pais, quando ao marido lhe convenha.

VI

Casamento por conveniencia.

Houve quem duvidasse, se podia ser perfeito o amor entre aquelles que por conveniencias, e por concertos se casavam: intendendo que esta perfeição de querer, só se guardava para os que casavam por amores. A que se referia um galante, que convidando-o uma sua parenta para que casasse por concertos, lhe deu por resposta: Senhora, não me obrigo a amar ninguem por fé de escrivão, senão pela minha.

De uma, e de outra cousa não faltam bons, e maus exemplos; mas eu que sou mais amar-

telado da razão que do caso, direi com alguma novidade o que se me offerece.

Persuado-me, senhor N., que esta cousa a que o mundo chama amor, não é só uma cousa, porém muitas com um proprio nome. Poderá bem ser que por isto os antigos fingissem haver tantos amores no mundo, a que davam diversos nascimentos; e tambem póde ser venha d'aqui, que ao amor chamemos amores: pois se elle fôra um só, grande impropriedade fôra esta.

Eu considero dous amores entre a gente. O primeiro é aquelle commum affecto com que, sem mais causa que sua propria violencia, nos movemos a amar, não sabendo o que, nem o porque amamos. O segundo é aquelle, com que proseguimos em amar o que tratamos, e conhecemos. O primeiro acaba na posse do que se desejou; o segundo começa n'ella: mas de tal sorte, que nem sempre o primeiro engendra o segundo, nem sempre o segundo procede do primeiro.

D'onde infiro, que o amor que se produz do trato, familiaridade, e fé dos casados, para ser seguro, e excellente, em nada depende do outro amor, que se produziu do desejo do appetite, e desordem dos que se amaram antes desconcertadamente; a que, não sem erro, chamamos amores, que a muitos mais impecêram que aproveitaram.

Parecerá difficultoso o considerar, como á pessoa que não havemos visto poderemos amar com perfeição. Larga é a disputa, e não d'aqui.

Digo eu que façamos, senhor N., n'este caso, como os que cortam madeira, e a lançam ao rio, para que sua corrente lh'a leve (sem algum trabalho) ao porto. Elles não sabem por onde vai sua mercadoria, mas basta-lhes saber, que ella chega a salvamento, por outras que já tem chegado, para que a entreguem ás aguas com muita confiança.

Deixe-se levar o casado do poder d'aquelle virtuoso costume; não lute, nem forceje com a corrente, que quando menos o espere (e sem saber o como aquillo foi) elle se achará amando a salvamento a sua mulher, e sendo d'ella muito seguramente amado.

Dê-se-lhe a intender á mulher, que a cousa que mais deve querer é a seu marido. Tenha o marido para si, que a cousa que mais deve querer é sua honra, e logo sua mulher.

Diz um antigo ditado: Quem não tem marido não tem amigo. Diz outro: Quem tem mulher tem o que ha mister. E na verdade assim é entre os bons casados; e os rifões, senhor N., sentenças são verdadeiras, que a experiencia, summa mestra das artes, pronunciou pelas bôcas do povo.

Mas porque succede que sem embargo de todas as mezinhas receitadas, quando Deus nos quer castigar com a pena, e injuria de encontrarmos com uma condição avessa, a mulher lucta por sustentar-se em seus desmanchos: discorreremos aqui pelos varios generos de ruins qualidades, que acontece haver n'ellas, para que todos se possam applicar os remedios con-

venientes; mas nem por isso se espere que de tôdas se consiga a melhoria.

VII

Varias castas de mulheres.

Cuidam, com falso discurso, algumas mulheres, que como ellas guardem a lei devida á honra de seus maridos, em tudo o mais lhes devem elles de soffrer quanto ellas quizerem que lhes soffram.

E' este um mero engano; por duas razões: a primeira, porque nada se lhes deve ás honradas de guardarem a obrigação, em que Deus, a natureza, o mundo, o medo as tem posto.

Lembra-me que, estando em Madrid, tinha uma visinha muito brava, que pelejando um dia, como sempre fazia, não cessava de dizer ao marido, e com verdade: *Hermano, soy muy honrada;* e elle respondia-lhe: *Pues anda a Dios que te lo pague, que a mi cuenta no está el pagarlo, quando lo seas, sino el castigarlo quando no lo seas.*

A segunda, porque não só a honra de seus maridos se perde por sua descontinencia, mas não menos pelas occasiões a que poem os homens por muitos outros excessos que commettem. Foi assim graciosa, mais que segura, a opinião de certa pessoa, que ninguem tanto soffria como quem tinha boa mulher, bom criado, e boa cavalgadura. Porque á conta de boas pe-

ças cada uma fazia sua vontade, e nunca a de seu dono. Não fosse ora por isso o dizer a chocarrisse castelhana: *Buena mula, buena cabra, buena hembra, son tres malas bestias.*

As mulheres de rija condição, a quem commummente chamam bravas, são as que menos cura tem; porque até da temperança do marido, que era a sua melhor mezinha, tomam causa de se demasiarem; sendo já antigo, que o soberbo se faz mais insolente á vista da humildade; o bravo se enfurece diante da mansidão. A violencia, e o castigo não tem lugar na gente de grande qualidade. Pelo que já disse um muito discreto, que entre as cousas, que os vilãos traziam lá usurpado aos fidalgos, era uma, o poderem castigar suas mulheres cada vez que lh'o mereciam.

Pouco mais remedio sóhem ter estas taes condições, que uma grande prudencia com que se atalhem. Aconselharia a aquelle a quem tal succedesse, se apartasse o possivel de viver nas côrtes, e grandes lugares. Quem grita no despovoado, é menos ouvido. Atalham-se assim inconvenientes; não se ficará sendo a fabula do povo, onde de ordinario servem de iguaria aos murmuradores as acções de taes casados. Procede d'aqui não leve injuria; pelo menos um escrupulo de affronta, que anda sempre zunindo nos ouvidos do pobre marido, como os gritos da propria mulher brava.

A feia é pena ordinaria, porém que muitas vezes ao dia se póde alliviar, tantas quantas seu marido sahir de sua presença, ou ella da do

marido. Considére que mais val viver seguro no coração, que contente nos olhos; e d'esta segurança viva contente; que pouco mais importa haver perdido por junto a formosura, que vel-a ir perdendo cada dia, com lastima de quem a ama. Isto succede sempre nas mulheres, já pela idade, já pelos achaques, a que toda a formosura vive sujeita. D'onde com muita razão se queixava um discreto, não de que a natureza acabasse as formosas, mas de que as envelhecesse.

Mulher nescia, cousa é pesada, mas não insoffrivel; procure o marido emprestar de seu juizo ás acções de sua mulher aquella discripção que vir que lhe falta. Assim o fará o intendido, e se elle tambem o não fôr, pouca pena lhe dará que ella o não seja.

A doença, que a muitas afflige, é tambem um não pequeno trabalho: vê-se penar a pessoa a quem se quer bem; e por ventura sohem ser estas as que menos o merecem; porque males, e bens muito ha que costumam andar desordenados. Deve a mulher, quando enferma, ser tratada de seu marido com todo o regalo possivel, soffrida com toda a paciencia. Póde-se fazer esta conta: que estando disposto haja de padecer o homem em ametade de sua alma, favor foi grande de Deus padecesse antes n'aquella parte que menos falta faria á sua familia. Considere-se (para que se bem soffra) que a obrigação do fiel companheiro, é guardar companhia, tanto pelo mau, como pelo bom caminho. Se as sortes se mudassem, da mesma ma-

neira quizera o marido ser tratado, e soffrido da mulher.

Ha não poucas mulheres proloxissimas, e de condição impertinente, cuja demasia de ordinario descarrega sobre os criados, a quem são insupportaveis: d'onde á casa resulta ruim fama, e achar o senhor d'ella com difficuldade quem o sirva. Convém que a estas taes se lhes aperte o freio, se lhes dê pouca mão no governo, e como a pessoas feridas de mal contagioso, as sirvam, e ministrem ao longe, ouvindo-as pouco, e dando-lhes a ouvir menos. Mostrem-se-lhes por experiencia os fructos de sua condição, faltando-lhes talvez com o serviço necessario; porque se com este garrote não tornam em si, são por outro modo de difficultoso remedio; e vem a pagar o marido, sem culpa, os desabrimentos da mulher aggressora, e merecedora da ruim vontade dos servos, que, como pouco prudentes, não distinguem em acções tão proprias como as de mulher, e marido, qual d'elles é digno de amor, e qual de desamor.

Acontece serem escassas; e dos defeitos mais leves, que n'ellas se acham, é este um d'elles. Não julgo que seja de algum perigo (posto que póde ser de descontentamento, e azo de pouca paz) porque se o marido é liberal, elle dará logo remedio á condição da mulher; se tiver o mesmo costume, viverão com miseria, mas com contentamento.

Não cuido certo que os Egypcios com toda a sua agudeza, inventaram mais excellente gerogliffico do que o descobre um nosso pro-

verbio portuguez: O marido barca, a mulher arca. Ouvi o dias ha a uma velha, e o escutei como da bocca de um sabio: Traga o marido, e guarde a mulher.

Mulher ciosa, é bem occasionada mulher para que se viva sem contentamento. Dizia uma de bom juizo: A mulher ciosa tende a ociosa. Queria dizer, não lhe deis causa, que ella a não tomará. Esta não vinha em distinguir a queixa do ciume; porque aquella que com razão se sente, não chamo eu ciosa. A ciosa é aquella que sem causa se queixa; e estas são as trabalhosas. Porque emendar cada um as suas fraquezas, sobre que é difficultoso, não é impossivel; mas emendar as alheias não é difficultoso, porque é impossivel.

Contra as ciosas sem razão, o melhor remedio é que ellas a não tenham; porque assim se segura a consciencia, e a honra. Contra as ciosas com razão, curando-se o marido da leviandade, fica a mulher curada do ciume. Para desconfianças leves, que um discreto chamava sarna do amor, que faz doer, e gostar juntamente, digo eu, que como se satisfizeram as damas, se satisfarão as esposas. Aquelle amor desordenado, mais furioso é, e assim mais vehementes seus ciumes (como é do melhor vinho o melhor vinagre). Quem soube (que todos souberam) desmentir os ciumes de sua dama, quando a teve, por esse mesmo modo desminta os de sua mulher, quando a tenha.

Eis-aqui vem as gastadoras, fogo perennal das casas, e das familias. Sempre foi causa de

muitos males esta tal condição; porque lá tem suas côres de cousa boa; e sobre tudo é mui acceita. Digo, senhor N., com verdade, que me parece deve uma mulher honrada tratar o dinheiro com aquelle mesmo temor que ao ferro e fogo, e outras cousas de que convém sejam medrosas. Parece o dinheiro em mãos da mulher arma impropria. Pergunto: Se para despedir; e lançar de sua casa um criado, a mulher casada por si não tem bastante auctoridade, porque a quererá ter para despedir, e lançar fóra de casa sua fazenda, em que consiste o bem, e repouso de amos, e criados!

Para a que fôr ferida d'este mal, é necessario armar de um grande recato, e vigia; e assim como quem navega se teme muito mais de abrir uma ferida no casco do navio, por onde sem duvida se irá a pique, do que se se lhe abriram outras muitas pelo bordo, que vai fóra da agua; assim não é tão perigosa a uma casa outra qualquer desordem, nem lhe ameaça ruina, como o excesso da mulher gastadora, e desregrada; porque como esse defeito jaz dentro na agua (dentro digo do proprio cabedal) por ali logo se vai ao fundo a familia inteira.

Umas ha d'estas appetitosas, e que por um bonifrate venderão um padrão de juro da camara. E' defeito que comprehende não só as grandes senhoras (antes n'ellas menos perigoso, e mais desculpado) mas até á gente de pequena condição. Succedeu, estando em Madrid, vir a minha casa com grande ancia a mulher de um obreiro a pedir, *que sobre dos savanas le*

prestasen doze reales; e perguntando-se-lhe, qual era sua necessidade: *Ai señores,* disse, *que tengo concertadas a comprar media dozena de higas de azavache lindissimas, y si agora no las tomo, no sé quando podré despues haverlas.* Soffre-se melhor um d'estes desmanchos, quando não é costume. Na moça é toleravel, na mulher condemnavel. Saiba toda a mulher, que o mundo é maior que seu appetite, porque não queira fazer-se necessitar de quanto vir, ou ouvir. Deos nos guarde de umas, que fazem certo aquelle rifão bem vulgar, mas muito proprio: A minha filha Tareja, quanto vê tanto deseja. Responda-se-lhe n'esta razão: Primeiro está a obrigação, logo a temperança, e depois o gosto.

Que direi das voluntarias, que por nome, não menos proprio, se dizem teimosas? de outras que aprofiam? As mais são constantes, e ainda contumazes em seu parecer. Acontece isto com maior frequencia nas ou muito nescias, ou muito presumidas. Não venho em que com a mulher se litigue, que é conceder-lhe uma igualdade no juizo, e imperio, cousa de que devemos fugir. Faça-se-lhe certo que á sua conta não está o intender, senão o obedecer, e fazer executar, mas que não intenda. Mostre-se-lhe ás vezes que, havendo quando se casou entregado sua vontade ao marido, commette agora delicto em querer usar d'aquillo que já não é seu.

Tudo é sombra, se se compara com o defeito da facilidade, ou ligeireza; e ainda o não

acabo de dizer, porque não acho nome decente. Mulheres ha leves e gloriosas, prezadas de seu parecer: loureiras, cuido eu que lhes chamavam nossos antigos, por significar que a qualquer bafejo do vento se moviam. Este é o ultimo de seus males. Nem o quero considerar, porque nos não é necessario, nem apontar o remedio. A honra de cada um, e a consciencia sejam n'este triste caso os conselheiros. Com agudeza definiu este ponto em poucas palavras um discreto: Soffra o marido á mulher tudo, senão offensas; e a mulher ao marido offensas, e tudo.

Advertirei, todavia, que aquelle seu pretexto, de que cortesanias, ou galanterias não fazem mal, é conclusão erradissima, cuja prática introduziu a industria, não a razão. Para que se pregue um prégo, costumamos fazer-lhe primeiro lugar com uma subtil verruma. Nenhum vicio entra tamanho como é. Aquelle bicho que no Brazil se padece por achaque, sem falta que com providencia nol-o deu a natureza a todo o mundo por exemplo; entra invisivel, começa entretenimento, passa a ser molestia, chega a ser doença, e acontece que póde ser perigo. A honra da mulher comparo eu á conta do algarismo; tanto erra quem errou em um, como quem errou em mil. Façam as honradas boas contas, acharão esta conta certa.

De umas que se prezam de formosas, não ha para que nos descuidemos. Que a mulher se conheça não é vicio; antes antiga opinião minha que em muitas partes tenho escripto. Devemos tanto conhecer o bem, se o ha em nós,

como o mal quando o haja. Aquelle para que se guarde, e não perca; este para que se emende, e não vá adiante. Desejo que da formosura se use como da nobreza: folgue cada um de a ter, mas não que a amostre. Levar da espada a cada passo, argúe pouca prudencia. O marido que vir sua mulher inclinar a esta vangloria, viva por ella mesmo avisado, e saiba que tem perigosa mercadoria, sendo esta das mulheres ao revez que as outras, pois quanto mais cobiçada é, menos é para cobiçar. E por esta razão não faltou já quem duvidasse se a formosura se dava por premio, se por castigo.

Passado havemos este enfadonho labyrintho, ou por estes monstruosos medos, que o guardam. Tudo ha no mundo, d'onde em nada perigará a pessoa advertida. Verá v. m. nos mappas, porque se governam os mareantes, notados com tanta diligencia os baixos de que se hão de guardar, como os portos aonde devem de ir a surgir.

VIII

Maneira de conservar a bondade das que são boas.

Tendo, senhor meu, mostrado a v. m. assim umas sombras dos perigos, e inconvenientes, que causam as mulheres com algumas de suas imperfeições, hei como dito a v. m. os descansos, os contentamentos, que trazem comsigo as boas. Elles são tantos, que na verdade se não podem dizer.

Não ha na eloquencia louvor que não venha estreito para a mulher honrada. Assim a deve de tratar seu marido como penhor celestial.

Para a conservação d'esta honra, e d'esta mulher, em que ella tanto estriba, irei assim apontando a v. m. algumas cousas, as quaes não servem aprendidas, senão usadas, e usadas muitas vezes. Bem se vê que não basta prantar a murta no jardim, por de melhor casta que ella seja, para que o adorne, faça figuras, e lavores agradaveis; é necessario torcer-lhe ás vezes os raminhos, e outras cortar-lhe as vergonteas; e com tudo nada aproveita, se perpetuamente o jardineiro a não toza, e cultiva, porque veceja muito.

Fuja-se, como de peste, de repartir casa, e receber criados com distincção, taes para o senhor, e taes para a senhora. Se o casamento é união, de que serve dividil-o? Este ponto é mais proveitoso á advertencia, que agradavel á especulação. D'aqui vem, que nem lhe fujo, nem a persigo.

Tem-se hoje por grandeza lavrar quartos, e aposentos á parte, conservarem-se por toda a vida assim entre os casados. E ha homem que vive tão diminuto de sua mulher, como das de seus visinhos. Perguntem-se n'este caso ás paredes das casas mais antigas; que pois as paredes fallam, ellas dirão os costumes dos passados. Vê-se no seu modo de edificar, que onde hoje não cabe um pobre escudeiro, antes cabia um senhor grande. Eu não sou tão amar-

telado da antiguidade, que cégamente siga seus costumes, mas parecia-me bem aquella singeleza, e não bem esta cautela. Vivam todos em todas as casas, maridos, e mulheres; que o contrario, certo, é abuso cheio de perigos.

Affirmo ser erro que traz grandes inconvenientes, haver em casa gente parcial, e que cuide alguma d'ella que só a sua ama deve fidelidade, e segredo, só a ella queira servir, e dar gosto, só tema seu enojo, e espere seu premio.

IX

Criados e criadas.

Costumavam dizer os grandes: Tantos criados, tantos inimigos; sentença de que foi author não menos que o Espirito Santo. Pois est'outra casta de criados, que o são, e que o não são, é a quinta essencia dos criados inimigos.

Introduziu o costume, ou o diabo inventou, uma sorte de pagenszinhos, que chamam de tocha, ou de estrado. Não approvo tal uso, se se lhe houver de assignar particular exercicio, antes sou muito contra elle, porque entram, e sabem, são espertos, e artistas, tomam cio com o favor, como quartãos gallegos, e sabem d'elle com más manhas.

Sejam os pagens todos do senhor, e d'estes os mais modestos, e honrados se appliquem ao serviço de sua mulher; e, se se variarem, é ouro sobre azul. Não é necessario para fazer isto, senão vêr-se que é melhor que o contra-

rio. Faça-se porque é bom, e mais seguro que o que senão faz.

Entrem pouco, e até parte sinalada; porque, se são pequenos, negoceiam com as criadas, e advogam ás vezes por outros; se são grandes, trazem procuração em causa propria, sempre com damno do decóro da casa.

Viu um dia o duque de Alva, avô d'este que hoje vive, entrar um pagem já espigado no quarto das criadas; chamou-o, e disse-lhe: *Andad, decidle al mayordomo, que ó os cape, ó os encape.*

Havia succedido um desconcerto em casa de uma senhora a certa criada sua; e foi tal, que se houve de descobrir de noite, e ir-se-lhe buscar o remedio a casa de uma comadre; dava grandes vozes o portador, e dizia (dizia elle depois, que por lhe parecer mais honesto:) Senhora, acuda v. m: depressa a casa da senhora dona fulana, que está uma sua dona de parto. Que pregão este! E quem tão culpado na infamia d'aquella casa, como o descuido do marido senhor da casa?

Senhor N., olhe v. m.: quando o fogo anda na coitada, varrem-lhe muito bem os caminhos, que não fique palhinha, nem aresta, nem argueiro, e isto a fim de que não salte de um arvoredo em outro, por meio d'aquelles nadas em que se ateia.

Estas sevandilhas pequenas, estes argueiros, estas palhinhas, estas arestas, são ás vezes causa de grandissimos incendios. Ande, senhor meu, a casa de v. m. bem limpa, e bem bar-

rida, que além de ser grande aceio, é grande descanço.

Quero fallar em criadas, e quizera fallar mais baixo, se a escriptura tivera tons, como tem a practica.

O numero d'ellas, nem falte ao estado de cada um, nem sobeje á fazenda de cada um. N'esta mingua nos levam os estrangeiros muita vantagem. Senhoras de grande porte, por terras que vi, e andei, se servem com uma, duas criadas, e mais das filhas que d'ellas. E já por ventura por esta causa chamam os francezes ás damas do paço filhas de Honor; dando a intender, que não menos das filhas se podem fazer criadas, do que se podem as criadas ter em conta de filhas.

Se o hei de dizer em outra parte, seja aqui logo, antes que me esqueça. Ouvi muitas vezes a um famoso pregador (que todos ouvimos) repetir este dito engraçado, e verdadeiro: Quem gasta menos do que tem, é prudente; quem gasta o que tem, é christão; quem gasta mais do que tem, é ladrão.

Em nada deve haver excesso na casa bem regida; e se em alguma cousa se compadece falta, é n'aquella que menos se vê, quaes devem ser as criadas, que estas convém que sejam as cousas menos vistas da casa, ainda que não sejam as menos para vêr. Certo que quando por mais não fosse, que por atalhar os embaraços que ellas causam á familia, se podiam ter, e usar com grande moderação.

Valída especial de sua senhora não haja al-

guma, porque todas o possam ser no grau conveniente. Todas a amem, a todas estime; sejam todas suas criadas, seja senhora de todas; de nenhuma seja amiga, com nenhuma se mostre companheira.

Certo que heide contar a v. m. (conto-lh'a, não lh'a inculco) em segredo uma historia: Dizia-me um grande senhor muito discreto, e gentil politico: que assim como sua mulher se declarava em favorecer uma criada mais que as outras, se era moça lh'a galanteava logo, até que a boa senhora, a puros ciumes, a lançava de seu serviço, ou pelo menos de sua valia; e se velha, lh'a comprava com dinheiro, e mercês, de maneira que tambem por suspeitosa a descompunha. Eis tudo revolto, e á vontade do marido. De sorte que com tal destreza se havia, que nunca vira a sua mulher tres dias particularizar-se mais com uma criada que com outra. Tenho-o por demasiada astucia; mas elle fazia muito caso d'esta treta. Fiquei dito, não aconselhado.

Pois estamos aqui, digamos o que ácerca de criados se offerece que advertir. Se fôr alguma cousa mais proluxo, saiba v. m. que de proposito me detenho, porque julgo este ponto por um dos mais principaes á honra e paz dos casados.

Mulheres, que são como o rio Nilo, a quem se não sabe o nascimento, e toda sua corrente, fugir, senhor, d'ellas como dos proprios crocodilos, que dizem leva esse rio. Ha umas que dão em ter dons; outras que se prezam de no-

bilissimas (e praza a Deus que não seja por affinidade). Muitas que se vendem por filhas bastardas de fulano, e fulano, as quaes (se o são) sendo mal criadas ao bafejo das mãis, são pouco a proposito para boas criadas; algumas que se introduzem por descasadas; algumas que se lhes foram ha tantos annos seus maridos para a India, e nada d'aquillo é seguro, e apenas é certo.

Estas costumam ser discretas musicas, comediantas, sabem fazer toucados extravagantes, bordadoras, costureiras, e com o cevo das boas habilidades enfeitiçam as senhoras, que mal advertidas d'aquelles laços, que na apparencia se encobrem, cahem facilmente em seus enredos; são as logo mimosas, e queridas; erguem-se de repente sobre as mais; anda a casa revolta, e ainda este é o menor inconveniente. Contam historias a suas amas, mostram-lhe ás vezes a facilidade de vencer um impossivel; allegam-lhes com casos passados; e finalmente são como sarna da honra, que sendo uma ruim e as querosa doença, passa por gosto, e damna com graça á pessoa que a padece.

Era para cuidar, se convinha servir de pessoas de grandes partes? Quando ellas fossem conhecidas, muito bom seria. Vemos com tudo, que n'estas ha o maior perigo; porque a fortuna tem guerras apregoadas com a natureza: sempre uma desfavorece a quem a outra favorece.

Acho-o com agudeza, e razão aquelle meu amigo, que escreveu: eram os quatro costados da doudice, a musica, a poesia, a valentia, e o

amor; não porque tudo isto deixe de ser muito bom, mas porque por ventura por ser tão bom, já mais se concedem estas boas partes (e outras como estas) sem a pensão de um juizo leve, as mais vezes arriscado, e não poucas defeituoso.

Quando a mulher tenha desejos de receber em seu serviço pessoas assim semelhantes, opponha-se-lhe com suavidade seu marido. Faça-lhe intender que as rendas se vendem na capella, os toucados se fazem no paço, e tudo o que custa dinheiro é mais barato: que a troco de viver com receio, ou occasião, nenhuma cousa é boa.

Convém para criadas as filhas das que o foram, e que tem feito prova do amor, e da lealdade; as vassallas (quem as tiver) as visinhas, e gente de antigo conhecimento; e todas d'aquella esfera de gente, que sem vergonha de seu estado, póde, e deve servir, e de quem seus amos, sem pejo nem vaidade, pódem, e devem ser servidos.

Uma casta de mulheres que ha pelo mundo, que são entre hospedas, e recolhidas, tão pouco levará o meu voto. Muitas senhoras folgam de valer a estas taes com auctoridade de sua casa. Não sou contra o bem fazer; mas incauta seria a piadade de quem tirasse do lume os carvões acesos, porque se não gastassem, e os mettesse no seio para que lh'o abrazassem. Todavia não é geral esta regra, que póde pela prudencia do marido ser alguma vez dispensada.

Contra a antiga modestia portugueza, introduziu o costume que as criadas andassem no mesmo trajó que suas senhoras. Ajudam-se de outra astucia, mettendo em cabeça ás pobres amas, (a quem com taes persuadições deixam mais pobres) que a honra de minha senhora está em fazer suas criadas mais lustrosas que a si mesmo, e lhe apontam que veja a aquella, e aquelloutra, que não é tanto como ella, e veste as criadas tanto melhor que ella.

Póde assim acontecer cada dia, segundo a igualdade dos trajos, não se saber qual é a ama, ou a criada, com muito mais occasião do que dizem que a teve certo caseiro de um fidalgo noivo muito mancebo, que entrando com um presente na camara onde jaziam seus amos, e não distinguindo qual fosse elle, ou ella (a quem as crenchas faziam semelhantes, e as barbas não dessemelhavam) perguntou simplesmente qual dos dous era, ao serviço de Deus, o senhor noivo? porque a elle queria dar seu recado. Quantas vezes poderam hoje outros mais praticos, vendo as senhoras, e as criadas do costume, perguntar qual era a senhora ama?

O menor perigo que aqui ha é o excesso, e desordem do gasto; que com tudo é tamanho, que em verdade, se se medir a ancia, e trabalho, em que vivem muitos amos para sustentar a vaidade de seus servos, que bem maior trabalho passam os senhores por serviço de seus criados, que os criados pelo de seus senhores.

Mas tornando ao fausto, e escusado adorno das criadas, mostra bem a experiencia os

damnos que este costume traz comsigo. Ellas vendo se assim magestosas, logo sobem de pensamentos, e tratam de aproveitar aquelle bom tempo, mostrando-se, e deixando-se vêr, e procurando haver por taes meios algum estado, que, em sendo havido por ellas, e por aquelles meios, soe ser sempre bem ruim.

Seja o marido Almotacel, que taxe as galas de sua familia; ás criadas consinta toda a limpeza, mas não toda a louçainha; difference-as o trajo, como o officio.

Não só lhes chame damas, nem se lhes consintam galanteos: cousa moderna, e bem escusada. Fique-se essa permissão para a casa de el-rei, d'onde o medo do castigo, e a força do decóro, supprime a malicia, que alguma vez se desaforou tanto, que venceu o medo, e se rebelou contra o decóro.

Em parentes de criadas muito solicitas (e tambem em parentas) haja grande tento. Primos, e cunhados, que não forem muito conhecidos, fallem de fóra, e, se não fallarem, ainda darão menos em que fallar. Curas que se vão fazer a casa de irmãas, e de tias, são enfermidades. Visitações, ainda com dona velha á ilharga, tem seu risco.

Amizades especiaes entre esta gente, são dignas de tento; segredos perpetuos induzem suspeita. Evite-se-lhes, que se chamem umas ás outras com nomes que inventa a sua ociosidade, como: meu marido, minha avó, minha comadre; ou tambem, amores, cuidados, pensamentos; porque tudo isto, quando de presente

não seja máo, é a meu juizo um jogo de espada preta em que o vicio as exercita; para que depois as tenha déstras para qual mais sanguinho desmancho.

Mas nem por isso aconselho aos amos o que Machiavelo aos principes, a quem persuade revolvam os criados, para que não havendo algum que seja fiel ao outro, lh'o sejam todos a a elle. Vele-se o casado quanto puder; porém não espere por ruins meios a concordia, que se não alcança (se se alcança) senão na casa pacifica, e concertada. Não quero pôr em cerco estas mulheres, nem negar-lhes o licito; aponto onde jaz o perigo, para que d'elle se desviem, pelo cuidado do senhor da casa, a senhora, e as criadas d'ella.

Sobre tudo, convém que o senhor procure ser bem quisto de suas criadas, e as trate para esse effeito com a benignidade possivel; acuda por ellas na sem razão que lhes fizer sua ama, se lh'a fizer. Não se particularize por nenhuma: falle, e procure por todas. A liberalidade, pelo menos a galantaria, ajuda a isso muito; dando-lhes de quando em quando o que d'elle não esperam.

Verdadeiramente, senhor N., que podemos affirmar, que assim como entre a cabeça, e mais partes do corpo humano, convém que haja grande conformidade para que vivamos com saude; assim tambem entre o senhor da casa, e os familiares d'ella, convém que haja concordia, para que se possa viver com gosto, e quietação. E da mesma sorte, assim como os humores

mais sutis, e delgados, são os que primeiro se revolvem, e corrompem; assim as mulheres são as que primeiro dão causa a qualquer movimento; por d'onde é necessario viver com ellas muito regrado, porque senão destemperem, adoeçam, e matem o contentamento.

Agora peço eu a v. m. por premio do risco a que me puz em fallar tão livremente, que v. m. leia, e guarde só para si estes avisos; porque por mais que o meu estado seja já isento dos perigos de sua indignação, todavia os passados damnos fazem como ainda agora tema, e as tema.

Pelo que tenho dito das criadas, se podem tirar alguns documentos para os criados. A primeira observação ácerca d'elles, seja que a nenhum se trate de maneira que á sua propria senhora dê cuidado: cousa que não poucas vezes acontece. Quando este favor é indiscreto, cuidam as mulheres que os criados servem a seus amos em ruins officios; e particularmente se cansam com aquelles da antiga obrigação dos maridos, como antigos obreiros de suas mocidades.

Se tal succedesse, seja o casado facil em persuadir a sua mulher, que a troco de que viva satisfeita, lhe será leve desviar de sua valia, e ainda de sua casa, esse criado. E faça-o, se convém, porque n'este caso a resistencia é constellação das contrarias suspeitas. Eu fico que a bem inclinada, e amante de seu marido, se contente com saber lhe é possivel despejar-se d'aquelle enfadamento, quando lhe põe em sua eleição o remedio.

Succede muitas vezes ás mulheres, o que aos potros, que melhor se governam quando lhes dão a rédea, e cuidam que podem ir á sua vontade, que quando lh'a recolhem, e mostram que vão á vontade alheia.

Não é cura para a mulher a raiva, e acinte; e assim se deve usar com ellas de brandura, e cortezia. Se admittissemos para entre os casados algum artificio, dissera ser boa regra para a mulher; mostrar-lhe que com o marido podia tudo, sem que pudesse realmente mais do que fosse razão.

Saiba, todavia, a mulher sisuda, que deve honrar a quem seu marido honra; e o homem honrado, que a ninguem deve dar azo que a sua mulher perca o respeito.

Não se nega que a um, e a uns criados possa ter o senhor melhor vontade, segundo o que cada qual se aventajar em serviços, e merecimentos. A regra geral d'este negocio é que de se favorecer o criado que muito merece, ninguem se escandaliza; de vêr accrescentar sem ordem aquelle, que todos conhecem por inutil, todos suspeitam mal. Isto é nos senhores, isto nos grandes, isto nos reis.

A escolha de criados, sendo sempre necessario que se faça com consideração, o é mais para a casa dos casados. Os que se prezam de valentes, são ruidosos; os musicos, inquietos; os namorados, infieis; os lindos impertinentes. Homens limpos, bem criados, amigos de honra, são a proposito; e estas suas melhores partes.

Taxe o numero á fazenda (como já das criadas se tem dito). A razão pede uma continua igualdade na casa do homem sisudo. N'esta parte dispensára facilmente, quando a occasião requeresse contra a igualdade. Bodas, filhos, cargos, alegrias publicas, pedem vantagem na familia; que tão pouco passado aquelle tempo seria defeito aguarental-a, e o seria passar por estas cousas sem algum novo luzimento; porque o mundo, com quem vivemos, como tomou o sabor dos pensamentos dos homens, não julga aquella temperança por prudencia, senão por avareza.

Lembra-me ácerca d'isto uma cortezania. Achei-me em uma corte ao tempo que um rei mandou certa embaixada ao imperador. Era prudentissima a pessoa que a levava, nada quiz crescer no esplendor de sua casa. Notava-se por culpa, esta mediania entre os ministros. E porque el-rei expedira o negocio estando doente, diziam os travessos que S. Magestade mandava em seu nome aquelle embaixador de tal maneira, por haver feito voto de ir descalço a certa casa de devoção em Allemanha, se Deus lhe d'esse saude.

O mesmo que do numero direi do trato. O interior, e das portas a dentro, sempre convém que seja sufficiente. A gente de não grandes pensamentos, nada tanto a satisfaz como o bom pasto, que é felicidade, ou trabalho que padecem duas vezes ao dia; o exterior das portas afóra, por que entendo o vestido, póde (como já disse) segundo os tempos, crescer, ou minguar.

Particularisando mais este ponto: Tenho por grande prudencia o dar tinello aos solteiros; comem, e andam limpos. O dinheiro é occasionado: jogam, e o gastam mal, depois padecem. Este é o perigo dos que são grandes; e o dos pequenos, diga-o o que aqui dizia um fidalgo cortezão (vá por conto da chaminé): que nunca tivera pagens sem sarna, senão depois que dera em os fazer dormir na cama com as donas de sua mulher.

Mas que seja tornar a isto: Contava-me um grande prelado de certa religião mui reformada, que sempre trazia os seus frades famintos, porque não cuidassem em outra cousa, senão em comer melhor. Os criados se devem tratar ás avessas, porque, andando bem mantidos, são melhores os seus pensamentos.

Temos assentada a familia, e posto ao casado sua casa. Digamos alguma cousa da mulher; e depois apontaremos como deve usar de tudo.

X

A Esposa.

Meu animo (segundo já deixo dito) não foi aconselhar como deve casar-se: que o acerto de v. m. me livrou d'esse trabalho; podendo por esse exemplo aconselhar a todos como era bem que casassem; se forem tão venturosos que assim possam.

Para o que já casou, e suppomos bem

casado, é que ajuntamos aqui estas advertencias.

Perguntou alguem, algumas vezes, se seria licito deixar usar a mulher propria d'aquellas boas partes de que a dotou a natureza; como o cantar, o dançar, e ainda o fazer versos, e outras semelhantes prerogativas, que em algumas se acham, e em muitas pudera haver, se o receio as não supprimisse.

Certamente, que se v. m. me fizera esta pergunta, me vira eu em grande enleio; porque o aniquillar em qualquer pessoa as perfeições que Deus lhe deu, impiedade parece; fazer-lhas exercitar n'aquelles limites que a prudencia requer, parece impossivel.

Dizia a este proposito a princeza de Roca-Sorion em França, que foi discretissima, e não bem casada: Que das tres potencias com que entrara em poder de seu marido, duas lhe tomara elle, e lhe deixára uma só, que ella lhe dera bem facilmente. Porque nem a potencia do entender, nem a do querer tinha já; e só lhe ficara a memoria de que as tivera em algum tempo, para sentir mais a pena de se ver agora sem entendimento, nem vontade.

De todas as graças das mulheres, a graça é a que tenho por mais perigosa; porque para se usar d'ella, necessita de menos apparelhos: sendo, a meu juizo, esta graça a mais perigosa desgraça.

Cantar a mulher a seu marido, e filhos, se os tem, cousa parece licita, e o seria o dançar alguma hora na sua camara, em quanto a ida-

de lhe permittisse essa alegria. Não louvo o trazer castanhetas na algibeira, o saber jacaras, e entender de mudanças do sarambeque, por serem indicios de desenvoltura.

Mas, aquillo de ser engraçada, e aguda na visita, na Igreja, no coche, e no paço, traz grandes inconvenientes comsigo, e difficilissimos de atalhar; porque das cousas a que se segue applauso, bem ou mal ganhado, ninguem se arrepende.

Vele-se d'isso seu marido; e, se com ella acabar a emenda, creia que fez muito; porque d'este mal nunca vi a nenhum doente convalecido.

XI

Costumes da côrte.

Somos entrados na maquina dos costumes da côrte, senhor N. Em grandes receios estou que comece a não saber o que digo, se já o não tenho feito.

Quem dará termo a visitas, a merendas, a jogos, a romarias, a camaradas, a comadres, a amigas? Vira-lhes eu termo, e fora dado por quem fôra.

Senhor, ha ahi umas cousas, que não são boas, nem más; e só as faz boas ou más o costume. Ha outras, que de si não são boas, e por mais que se costumem, sempre são más. Ha outras, que são ruins; mas que o costume as tem já feito soffriveis. Folgara eu muito que v. m., pois é discreto, me dera por adivinha-

do, sem me fazer declarar quaes são umas, e quaes outras, que eu declararei por muito communs exemplos.

Quero lisonjear as mulheres. O uso dos seus guarda-infantes, e cousas d'esta maneira, ponho entre aquellas, que de si não são más, nem boas, e o costume lhe dá o ser, ou lh'o tira. Eu vi andarem as Francezas com semelhante trajo, a que então chamavam verdugadins; parecerem muito bem, e não lhes ser estranhado. Depois as vi sem elles, e parecerem da mesma sorte. Quando estas cousas se usam, se estimam dignas; e, quando não, se estimam indignas. Póde mais ser? Eu tenho na minha livraria um livro feito por Alonso Carrança, contra as guedelhas, de que diz cousas abominaveis; e tenho outro feito por Pedro Mexia, em que não cessa de chorar o ver os homens trosquiados. A razão d'isto é o uso, que no tempo de um costumavam os cabellos grandes, e parecia vicio, e abuso raparem-se os homens; e no de outro costumavam cabellos rasos, e parecia deshonestidade trazerem-se crescidos. Estas taes são as cousas, que não sendo más, nem boas, o uso as faz boas, ou más.

Em Flandes (e mais em Allemanha) é acto de galantaria, singeleza, amizade, e boa lei, beberem os homens tanto, que perdem seu juizo. Mas este tal costume, não póde desmentir, nem honrar o vicio que ha n'elle; porque aquella demasia é de seu natural injuriosa.

Os antigos quebravam o jejum com qualquer outra cousa que comessem fóra d'aquella

hora, em que lhes era permittida a refeição. Veio o uso, e fez consoar, e pôde tanto, que ficou por bom uso. Aqui ajuntamos as consoadas do Natal; e por não ir mais longe, os meudos de Castella, que tudo foram introducções, sem alguma concessão, ou direito; porém já, calificadas pelo inalteravel consentimento, se fizeram toleraveis, e perderam o nome de vicio.

Eis ém bem claro modo, os tres modos do poder do costume. Mas deixemo-las com os seus guarda-infantes, que elles virão a ser máos (se agora ainda o não são) como ellas acharem outro trajo de que cuidem as faz mais airosas. Deixemo-las com suas visitas, romarias, e jornadas; que ainda que não era bom, já o uso lhe communicou seu privilegio. Porém jogos excessivos, banquetes descompostos, vindas fóra de horas, amizades com profia; as comprehendidas (se as ha) dêem licença, porque eu me resolvo a dizer a v. m. e a todo o mundo, que estas taes são d'aquellas cousas que nenhum uso pode fazer decentes.

Conhecendo-se que é máo, procure-lhe o marido cedo o remedio, antes que se aposse da pessoa. Consiste na ociosidade, e appetite; trate de dar o remedio á ociosidade, occupando-a no honesto trabalho do governo de sua casa; e ao appetite, encaminhando-lh'o a outro emprego de mais honra, e proveito; qual seria, que tenha appetite de viver em paz, e confiança com seu marido, certificando-se-lhe que de outra maneira lhe será impossivel.

Ouvi já dizer a um principe, fallando-lhe

uma pessoa de grande respeito por um criado, a quem aquelle principe havia descomposto: Deixai-o, deixai-o estar em minha desgraça, que primeiro que o castigasse com ella, lhe roguei muito que me tomasse por amigo entre os mais por quem me deixou, e nunca quiz senão deixar-me por seus amigos.

Este tal requerimento deve com mais razão fazer o marido a sua mulher, e quando ella não convenha n'elle, outro tal castigo lhe merece.

E' cousa rija que a senhora de casa, de tudo seja amiga, senão de sua casa; como acontece a aquellas, que ou perdem a casa, porque nunca estão n'ella; ou porque o estar n'ella as ajuda a que a lancem a perder.

XII

Governo domestico.

Disse que seria bom occupar a mulher no governo domestico; e é bom, e é necessario, não só para que ella viva occupada, senão para que o marido tenha menos esse trabalho.

Cousas tão miudas não é bem que pejem o pensamento de um homem; e para os da mulher são muito convenientes. Pergunto: Não se rirá v. m. se vira ir um elefante carregado com um grão de trigo na tromba? Sim, por certo; e logo louvára a Deus se o visse levar no bicco a uma formiga. Diz bem por isso o rifão: Do homem a praça, da mulher a casa. Os ma-

ridos que em tudo querem mandar, são dignos de reprehensão, igualmente aos que não querem mandar em nada.

Emfim, snr. N., fique assentado, que o gasto ordinario convém que se entregue á mulher pela contentar, pela occupar, pela confiar, por lhe dar aquelles cuidados, por lhe desviar outros.

Se o faz como é razão, que maior ventura? Fará conta o marido que achou um criado tão bom como elle, e tão fiel, que o serve de graça. Se o faz menos bem; ainda é mal bem toleravel. Quanto melhor será que o desapproveite a mulher que não o criado? Que ella sempre errará contra sua vontade, ou pelo menos com vergonha; e o criado póde ser que muito por sua vontade, e sem nenhum pejo, desacerte.

As casas da gente ordinaria soem ser melhor governadas; porque infallivelmente guardam esta regra; um traz, outro aproveita.

Dissera eu que á mulher se entregasse uma tal porção de dinheiro, que pouco excedesse o gasto quotidiano. Não por exercitar com ella alguma avareza; porém, porque tenho pór sem duvida não convém ás mulheres demasiado cabedal. Costumam gastar sem ordem aquellas que sem ordem recebem.

Diga-lhe o marido, que elle se offerece para seu escriptorio, que acuda a elle quando lhe falte o dinheiro, como pudera a uma gaveta de seus contadores; e faça-lh'o assim certo. Leve-a pela vaidade de grande governo; mostre

espantar-se do muito a que chega sua industria. Não se vê o bom alfaiate onde ha muito panno, nem o bom cocheiro nas ruas largas. Eu fico que se a mulher é gloriosa, para o seguinte mez, gaste um terço menos.

Para que lhe não seja molesto o pedir-lhe contas, dê-lhe contas seu marido d'aquillo que gasta, e corre por sua conta. Mostrar-lhes confiança as obriga a que façam o mesmo.

Estas contas de fazenda entre casados, não seria eu de parecer que jámais se ajustassem, nem levassem ao cabo; seja só reconhecimento, que na mulher haja ao marido. Tira-se d'aqui uma grande conveniencia; a qual é, que a mulher está sempre como que não é senhora d'isso mesmo que possue. Igualmente convém que gaste a medo, e goze a medo; mas jámais seja despojada do que logra; porque então agradece, como que lhe deram, aquillo que lhe não tiram.

Agora inventou a cautela outras cautelas contra esta boa politica, ajustando-se logo nos contractos do casamento (especialmente entre pessôas poderosas) os alimentos que hão de dar os maridos a suas mulheres, durando o matrimonio. A quem o prometteu assim, aconselharei que o satisfaça; a quem o não prometteu, aconselharei que o não faça.

Não é, a este proposito, pequeno o inconveniente que ha quando se casa com filha herdeira; as quaes com maior razão pretendem ser senhoras do que é seu, e ter na governança de seus bens maior mão que seus maridos;

donde lemos haver algumas discordias entre o Rei D. Fernando, e D. Izabel. Quando a mulher tal pretendesse, certifique-a seu marido, que quem é senhor da pessoa, e da vida, o é tambem da fazenda. Quem deu um annel de diamantes em uma caixinha de veludo, que não desse tambem a caixa, como deu o annel!

XIII

O trajar.

Não ha para que me detenha no modo de vestir-se; vista-se conforme sua idade, mude-se com ella. Tem-se n'isto respeito aos filhos, á saude, ao gosto, á presença, ou ausencia do marido, e tambem á idade d'elle. Se o houvessemos de regular, parece que até aos tres filhos, e até aos vinte e cinco annos se permitte toda a gala. E ainda n'esse mesmo tempo tenha suas crescentes, e minguantes; que nos mesmos altares de Deus se mudam as côres, e adornos, e vez ha em que se mostram tristes. Aborrece-me umas maias muito enfeitadas sempre de bordados, e joias, que parecem Fama de procissão, ou Rainha Moura de comedias. Seja mais confiada em si a formosura, se são formosas; e mais reportada a fealdade, se são feias.

Dizia um marido galante a sua mulher, d'estas muito arraiadas: que em a vendo d'aquella sorte, lhe fazia mais devoção que amor; porque aquelle seu andar, não era andar vestida, senão revestida.

Outras ha, que são uma perpetua pastilha, e uma caçoula perenne. Muito conforme cousa é com ellas o cheiro; mulheres, e perfumes, tudo são fumos. E se elles fossem bem adubados da discripção, eu fico que recendessem mais ainda. Confesso que nunca fui desafeiçoado ao concerto das casas, e das pessoas, como por concerta-las se não desconcertem. Lembra-me haver ouvido, e lido (tudo conto com pouco applauso meu) do Imperador D. Fernando o segundo, pai do que hoje impera (se elle impera) que não quiz dormir em uma camara, porque lha tinham perfumado. Se foi achaque de natural repugnancia, é desculpavel; se não mais que hombridade, não vi eu maior impertinencia. Ha quem diga que foi religião; porque dizem, tinha D. Fernando para si, que os cheiros eram só devidos a Deus. Do nosso rei D. Sebastião tambem contam, não ser muito caroavel de cheiros. Não sei como isto é, porque, como eu sempre ouvi chamar reaes a todas as cousas boas, cuidava sermos obrigados a crêr que todas as cousas boas eram reaes; eram digo aceitas e dignas dos reis. A experiencia mostra alguma vez que esta regra não é infallivel. Com tudo, se tem por certo signal de um bom espirito ter inclinação para todas as cousas boas. Não sei se n'estes perfumes das mulheres entram tantas philosophias; mas ainda que não sejam virtude, contentemo-nos com que não sejam vicio.

XIV

Regalos cazeiros

Direi dos regalos, doces, e conservas o mesmo; se bem estes generos, como mais necessarios, em razão da saude, da caridade, e da grandeza (que tudo é necessario) não devem faltar nunca, como por accudir a elles se não falte a outras cousas mais necessarias.

Com tudo me parece conveniente deixar cevar (digamol-o assim) as mulheres n'estas suas curiosidades femeaes: serem prezadas de melhor marmelada, boas caçoulas, consoadas pontuaes; lavores exquisitos, panno delgado, e cousas semelhantes; que verdadeiramente as que se enfrascam n'estes negocios caseiros, não lhe lembram outros, e este é louvavel.

Debaixo da mesma lei comprehendo os adornos, e alfaias de casa, julgando-a uma excellente occupação a da senhora que d'ellas trata; e a seu marido louvarei muito, que em tal exercicio a ajude sempre. Honram, alegram, servem; e emfim é thesouro que se faz para as filhas, e em que se ganha ás vezes mais que em mandar encommendas á India; porque para levantar o falso testemunho de um dote de tantos mil cruzados, não ha reposteiro velho, nem tapete que não valha a cento por cento.

XV

Visitas.

Visitas que se fazem, e que se recebem, é um largo pégo. Já atraz deixo tocado n'isto, mas não á minha vontade. Muito havia aqui que advertir, mas nem tudo é para papel, e tinta. Por certo, que não deixarei de contar o que me contava um homem discreto, e não bem casado, que havendo-me dito muitas queixas de sua mulher, rematou com esta, por fim de tudo: E vê, v. m. isto? Pois o que mais sinto d'ella, é ser muito bem quista. E de verdade as muitas amigas é cousa para dar cuidado, porque nem todas podem ser como hão de ser as amigas.

Uma cousa que antigamente entre as amigas se chamava pucaro de agua, passou a ser merenda, e de merenda a banquete; e de banquete tem já subido a tanto, que se lhe não acha nome, ou pelo menos não lh'o quero eu dar. Não sei como seja boa amizade, andarem-se destruindo as amigas umas ás outras, empenhando as casas com excessos, desgostando os maridos com petições impertinentes, de perigoso, e de impossivel despacho. Se esta demasia se encaminha a mostrar amor, certamente indigna é a amizade que tem a gula por seu fim; se a ostentar grandeza, como se póde conseguir a grandeza pelos meios que se alcança amizade, que entre todos os porque se alcança, nenhuns são tão proprios como o gasto desordenado?

Havia adoecido um fidalgo de pena de se vêr empenhado sem proposito, pelos despropositos com que sua mulher gastava o que não tinha; e como; estando com grandes febres, visse em casa um prato de cidrão molle, com que apezar de sua careza, a mulher se servia de ordinario n'estes seus convites, dizem que disse o pobre doente: Dai-me cá aquelle cidrão, que o quero comer todo. Requeria-lhe a mulher que tal não fizesse, porque o cidrão era fogo para quem se achava n'aquelle estado. Respondeu então: Bem sei que é fogo, que bem abrazado me tem; mas deixai-me vêr se acaso tem o cidrão a virtude do cão damnado, cujos cabellos, se os põe na mordedura que elle fez, dizem que a sara logo. Nem andou menos discreto um criado, que perguntando-lhe certa pessoa, que fazia seu senhor, porque o queria vêr; elle lhe respondeu agudamente: Meu amo não está para vêr; porque o está merendando minha senhora com as senhoras suas amigas.

XVI

Murmurações.

Faça o marido de quando em quando uma estação a sua mulher; amoeste-a, que nem no seu estrado, nem em o alheio apóde ninguem; cousa muito certa, e de que as apodadas, sendo mulheres, se cansam assaz, e tambem apódam; e de que, se homens, logo lançam mão para queixas, ou agradecimentos. Que não de-

senrole os cuidados alheios, se fulano olha, ou se passeia a fulana. Parece cousa impropria, que uma senhora, que não é bem que saiba mais que de si, e sua casa, traga registados os pensamentos do outro. Nunca a algum homem dos do lugar em que viver, louve, ou injurie. E' nas mulheres este diverso effeito (de ordinario) procedido de uma propria causa. D'aquelles de quem muito mal se diz, e d'aquelles de quem muito bem se conta, julguei sempre um igual misterio; e foi o peior que nunca me enganei n'estas sentenças. Deve ser a pratica das mulheres, do seu lenço de amostras, do ruim tempo que vai para curar pastilhas, queixar-se das criadas, e ainda para que se queixem dos despegos de seus maridos, lhes dou licença; ainda que lhes levantem falso testemunho.

E porque sei que hão de pedir maior comarca para sua conversação, me parece que lhes podemos conceder, que possam até estranhar o bem, ou mal feito vestido que traz D. Fulana; e quando muito, chegar a não lhe parecer bem as côres, de que o betou, com tanto que lhas não interpretem.

XVII

Amisades.

Torno ás amigas, e reparo muito, que em nosso bom portuguez, com muita razão, de amigas imigas quasi não vai differença. Sou tão ruim, que creio que muito mais damno fizeram

amigas no mundo, que inimigas. E assim costumo eu a dizer, que aos homens perdem seus inimigos, e ás mulheres suas amigas.

Tenha-se que devem ser as melhores; e estas não tratadas com porfia; basta que seja sem artificio. E esta tal amizade assento eu em especialidade, e cumprimento. Isto com as mais amigas.

XVIII

Frequencia do Paço.

Trouxe-nos Deus agora (com todo o mais bem que veio a este reino) um novo Paço e Côrte; e porque da do tempo passado nos não lembramos os que vivemos agora, mal poderemos governar estas acções por aquellas antigas. A côrte portugueza era bem frequentada, bem galante, e bem luzida, mas de grande recolhimento.

As idas ao Paço são devidas, justas, e boas; as vezes devem de ser contadas. Nascimentos de infantes, bodas, festas de entre anno, achaques de principes, sua saude, novas notaveis, e pouco mais que isto. O ir só, não é elegante; seja a companhia sempre boa, mas não de pessoa maior (salvo a primeira vez) cuja auctoridade some o agasalho, que cada um deseja de achar na graça dos reis, em suas casas, e em as de qualquer hospede.

Acontece que muitas mulheres, muito para isso, começam a cobrar (vãamente) fumos de bem vistas das rainhas, e princezas; a que,

sem algum fruto, se segue grande inquietação. E succede mais, que para dourarem sua ligeireza, se hão com os maridos como dizem que fazem os negros dos mercadores, que em indo por onde querem, tapam a boca aos amos com dizer-lhes que foram ouvir missa. Vem muitas vezes a ser o licito capa e manto do illicito. Com achaque de que vão ao Paço, se gasta o tempo em ociosidades, e a casa se desgoverna.

A mulher principal basta-lhe que a sua rainha a conheça. Em melhor conta a terá quando vir o siso com que procede, as poucas vezes que a vir. O correio extraordinario a todos alvoroça, quando chega; o correio ordinario vai e vem, sem ninguem fazer caso d'elle. A's pessoas de fóra do serviço dos principes, é custosa, e arriscada a pretensão de seu favor. Punha um grande cortezão o servir ás damas, e aos reis, com o uso do limão, e da laranja; que o limão quer que o apertem muito, e então dá melhor sumo: a laranja se quer espremida muito a de leve, porque logo amarga em se apertando. As damas querem ser assistidas; os reis vistos á boamente. Por isso já disse alguem, que os principes, e o fogo, se queriam tratados de longe, porque perto queimam, e longe alumiam.

XIX

Festas.

Ser mui pontual em todas as festas, certo que é grande fadario. A'quellas das igrejas, que entre nós são mais frequentes, ninguem póde duvidar que seja licito acudir a ellas; mas nem todas as cousas licitas são sempre convenientes. Dê-se-lhe confiança bastante á mulher para crêr que póde ir a todas as festas, mas com amor, e cortezia se lhe mereça que não vá a todas.

De uma que não lhe escapava alegria, em que se não achasse, dizia um: A senhora fulana pena em gloria. Porque verdadeiramente parece um novo genero de purgatorio não haver festa, onde a mulher não queira ser presente. Perguntavam a um casado, onde fôra sua mulher á missa, e elle dizia: Onde ouvir charamellas. Eu conheci em Castella uma titular velha, e graciosa, e por extremo honrada, que quando se mettia no coche, e lhe perguntava o cocheiro, a onde? Respondia. *A donde huviere mas gente.*

XX

Cachorrinhos e outros bichos.

Ora já que vou tão mendo, hei me de aventurar um pouco mais; servirá de alegrar a melancolia, que até aqui guardamos. Senhor N., não sou de cachorrinhos enfeitados, que

sempre tem nomes misteriosos. Já me succedeu em uma igreja vir-me perguntar um pagem esbaforido, se vira eu por alli o cuidado da senhora D. fulana, que andava perdido: e perguntando qual era o cuidado d'aquella senhora, que pudera bem ter outros, achei que era um cachorrinho d'aquelle nome. Papagayos, saguins, são praças mortas, mui escusadas, e que as mais vezes induzem ligeireza. Senhor meu, os mineiros pelas hervas, pelas flores, que dá a terra cá por fóra, conhecem logo qual tem ouro lá dentro, e qual não tem ouro. Tanto podem os signaes exteriores.

Vou estando tão impertinente, que nem passaros hei deixar. Ruysenhol de todo o anno, que canta de noite, e dizem logo que faz saudades, de que serve? De que servem saudades estando o marido em casa? Não convém que haja saudades n'este tempo, nem que se conheçam. Negrinho, negrinha a que se digam requebros; engeitadinhos graciosos, villões simples (que ás vezes não são simples) vestidos de côres, que se chamam Dons fulanos, entram, e vão por donde querem, não quizera eu que entrassem, nem fossem por casa de v. m. Tudo isto na minha má opinião é reprensivel; e folgara de o ver longe das portas de meus amigos.

Juro a v. m. que toda a vida me enfadaram as damas dos livros de cavallarias, porque sempre as achava acompanhadas de cachorros, de leões, e de anãos. Tão inimigo sou d'estas taes sevandilhas, que nem em livros mentiro-

nos as soffro; veja v. m. que será nas cousas verdadeiras? Mas o que é humor, ou capricho meu, não é razão que se assente por regra geral. Seja advertido para quem tiver outro tão máo gosto.

XXI

Mulheres cazeiras.

Os castelhanos celebram muito as mulheres cazeiras, que tratam do serviço de suas casas. Verdadeiramente elles as festejarão tanto, porque colhem lá d'ellas tão pouca novidade, que vem a ser novidade o achar lá uma d'estas mulheres. Com tudo ouvi da rainha D. Margarida de Austria (mãe de el-rei D. Fillipe que hoje reina) bordava ella, e suas damas, mandava vender sua obra, e applicava para regalos das freiras da Encarnação seus ganhos, e cabedaes. Ou como, por melhor exemplo, dizem que faz hoje o mesmo a rainha nossa Senhora, imitando as nossas antigas princezas, entre as quaes foi n'este virtuoso exercicio signalada a rainha D. Catharina, tia da serenissima rainha nossa senhora, de quem se diz se dava tão bem n'este honesto, e piedoso trato, que enriquecia os mosteiros pobres do reino; dos quaes muitos guardam todavia singulares adornos, ou feitos por mãos d'aquella santa princeza, ou ganhados pelo trabalho d'ellas.

Não cança a minha Margarida de Valois, rainha que foi de França, e Navarra. Chamo-lhe minha pela grande affeição que tenho a seus

escriptos; e porque foi, a meu juizo, a mais discreta mulher de nossos tempos; cujas acções de muitos calumniadas, eu espero brevemente defender no meu Theodosio. Não cança, digo, esta intendidissima senhora de encarecer o bem que lhe pareceu vêr desabotoar-se a condessa de Lalaim, estando á meza com a propria rainha, e dar de mamar a um filhinho seu, que a seus peitos criava. Gaba a franceza grandemente aquella cazeira acção da condessa, e diz: que nunca teve inveja a feito de mulher, como a aquelle.

XXII

Mulheres idolos, varonis, e sabias.

Ha umas mulheres idolos, que ou são inutilissimas, ou se prezam de o ser; e só lhes parece que nasceram para ser adoradas; e d'isso só querem servir. Ora eu me contento com que não façam mais de um serviço em suas casas. E seja este. Sirva a mulher de ser senhora de sua casa, satisfaça as obrigações deste seu officio: que assaz fará de serviço a sua casa, a seu marido, se o fizer como deve.

Como o tomará v. m. se disser mal das varonis. O' senhor N., eu me fundo em razão. Se eu tivesse por certo que o grande coração da mulher se houvesse sempre de occupar bem, bem lh'o soffrera; mas em duvida tenham medo de um rato; desmaiem-se em vendo espada nua; um trovão seja para ellas um dia de juizo. Creou-as Deus fracas, sejam fracas; oxalá

façam o que são obrigadas, não lhes quero pedir mais que sua obrigação.

Já sei que d'esta vez ficarão de todo mal todas comigo. Não quizera discorrer pelo seu intendimento, nem dar regras a cousa que serve de dar regra ás outras cousas; mas pois me atrevi a offerecer preceitos sóbre o amor, que é ainda affeito mais livre, não temo já de os dar para o intender.

Hei de estranhar por força um dito d'aquelle nosso tão nomeado, e tanto para nomear, bispo D. Affonso, que dizia: A mulher que mais sabe, não passa de saber arrumar uma arca de roupa branca. Nem sentirei melhor do outro que affirmava: Que a mais sabida mulher, sabía como duas mulheres.

Sou de muito differente opinião, e creio certo ha muitas de grande juizo; vi, e tratei algumas em Hespanha, e fóra d'ella. Por isto mesmo me parece que a aquella sua agilidade no perceber, e discorrer, em que nos fazem vantagens, é necessario temperal-a com grande cautela.

A este seu juizo não se póde pôr lei alguma; aos exercicios sim. Como se agora a um homem fosse dada uma navalha de finissimo aço, para que fizesse um feito ruim; mas estando ella ainda em tosco, aquelle que lhe escondesse a pedra em que a queria afiar, fizera o mesmo que se lh'a tirasse da mão, e escusasse o maleficio. Assim, pois não nos é licito privarmos as mulheres do subtilissimo metal de intendimento, com que as forjou a natureza; po-

demos, se quer, desviar-lhe as occasiões de que o agucem em seu perigo, e nosso damno. Façamos nós, senhor N., o que podemos.

Nos cuidados, e empregos dos homens não se mettam as mulheres, fiadas em que tambem tem como nós intendimento, e em que a alma não é macho, nem femea, como alguma em seu favor allegava. Mas saibam os maridos que nem por esta taxa, que lhes ponho, é justo que a mulher sisuda deixe de dar a seu marido modestamente seu parecer; nem deixa elle de ser obrigado a lh'o pedir.

Não cuide v. m. que me contradigo, ou arrependo do que tenho escripto; declaro-me com um bom semelhante. Seja a mulher como a mão do relogio, e o marido seja o relogio. Aponte ella, e soe elle. Um mostre, outro resolva; que andando d'esta maneira temperado o relogio, todos o crêem, todos o tem por oraculo. Não só se concerta a si mesmo, mas faz andar aos outros concertados. E ao contrario, se se desconcerta, tambem aos outros.

Oh! como folgo de vêr uma mulher ignorar aquillo que não é razão saber! mas que verdadeiramente o saiba. Acho grande perfeição quando erram aquellas cousas que lhes podiam pôr imperfeição, se as acertassem.

Intenda a mulher como mulher; seja tal sua lição quando lêr; sua practica quando praticar; e tal o mesmo que se lhe lêr, e que se lhe praticar.

Pois comecei com os meus adagios, hei de acabar com elles. Ouvi um dia caminhando, e

não era elle menos que a um chapado recoveiro (veja v. m. que enjeitei os philosophos, para citar estes auctores) emfim ouvi-lhe, que Deus o guardasse de mula que faz *him*, e de mulher que sabe latim. O riso, e gosto com que lhe escutei esta engraçada sentença me faz agora lembrar d'ella; não se julgue por indecente, se é proveitosa. O ponto está em que o latim não é o que damna; mas o que comsigo traz de outros saberetes envolto aquelle saber.

Já que estou ao fogo, e como desde este lugar fallo a v. m., e v. m. me ouve, e me perdoa, irá outra não peior historia. Confessava-se uma mulher honrada a um frade velho, e rabujento; e como começasse a dizer em latim a confissão, perguntou-lhe o confessor: Sabeis latim? Disse-lhe: Padre, criei-me em mosteiro. Tornou-lhe a perguntar: Que estado tendes? Respondeu-lhe: Casada. A que tornou: Onde está vosso marido? Na India, meu Padre (disse ella.) Então com agudeza repetiu o velho: Tende mão, filha: sabeis latim, criastes-vos em mosteiro, tendes marido na India? Ora ide-vos embora, e vinde cá outro dia, que vós é força que tragais muito que dizer, e eu estou hoje muito depressa.

Tomára que as mulheres não soubessem de guerras, nem estados, nem procurassem por isso. Enfadam-me umas que se mettem em eleições de governos, julgar de brigas, praticar desafios, mover demandas. Outras que se prezam de intender versos, abocanham em linguagens alheias, tratam questões de amor, e de fi-

neza, decoram perguntas para gentes discretas, trazem memorial de motes difficultosos. Umas que dão significação ás hervas, que adivinham as côres, outras que as tem de sua tenção; outras que examinam prégações, que lhes tomam palavras; outras que as usam exquisitas, e fallam por cincumlóquios, que tem modos de gabar fóra do uso, que praticam ao som do meneo das mãos, ou do movimento dos olhos. Fóra, fóra tudo isto, que parece ficção, e nem verdadeiro, nem fingido é bem que seja. Não me tenha v. m. por mal dizente; mais val que por proluxo. Mas em verdade, que tudo o que aponto é digno de ser lembrado.

Pedia uma dama a um seu irmão, homem discreto, que lhe désse uma letra para certa empreza sua, que queria mandar abrir em um sinete; respondeu-lhe: Minha irmã, deixai as emprezas para as adargas dos cavalleiros andantes; as emprezas, que haveis de mandar abrir, sejam chavões para fazerdes bolos a vosso marido quando o tiverdes.

XXIII

Mulheres palreiras, descompostas, e muito risonhas.

Fallar sempre, é máo; rijo, é malissimo; e em lugares indecentes peior que tudo. Acontece que muitas que se prezam de discretas, respondem alto nas igrejas para que as ouçam, e applaudam; intendem com as amigas, que lhe

ficam longe, a fim de serem ouvidas. Tambem o suspirar á pregação, fazer gestos com a cabeça, como que lhe contenta o que se disse, rezar desentoado, compassar a musica, são cousas que não houveram de ser.

Falle a mulher discreta o necessario, brando, a tempo, com tom que baste para ser ouvida da pessoa a quem falla, e não das outras. Comparou bem um entendido as pessoas com os sinos, que pela voz se conhece se estão sãos, ou quebrados. Escuso de mostrar como as palavras informam do animo; porque assim como pelo correio que vem de tal parte, sabemos as novas que lá vão, assim pelas palavras, que vem do juizo, sabemos o que lá vai.

Ellas já sei que me terão por suspeito; pois até os movimentos lhes hei de medir. Uma das terriveis cousas que ha na mulher é usar de meneios descompostos. Sei que nem todas podem ser airosas; mas graves, todas o podem ser. Faz grande damno uma maldita palavra, que se nos pegou de Castella, a que chamam despejo, de que muitas se prezam; e certo que, em bom portuguez, despejo é descompostura. Outra explicação lhe ía eu a dar, mas esta baste. E claro está, que o despejo é cousa ruim, porque o pejo era cousa boa. Nada disto se lhe perdoe: sendo, senhor meu, tão importante que estes costumes exteriores andem concertados, como é a formosa frontaria a um nobre edificio, para que se tenha por nobre.

Ora do riso que diremos? Pois se ellas tem bons dentes, e aquillo que chamam graça na boca,

e cova na face, ahi lhe digo eu a v. m. que está o perigo. Ha mulher destas, que rirá a todo o sermão da Paixão, como se fosse ao de dia de Pascoa, sómente por assoalhar aquelle seu thesouro. Não disse Platão, nem Seneca, cousa melhor que o que disseram as nossas velhas: *Muito riso, pouco siso.*

Longe estou de persuadir á mulher que seja melancolica; porque antes a sempre triste induz pouca satisfação de sua vida. Alegre-se, e ria-se em sua casa, á sua mesa, e na conversação de seu marido, filhos, e familiares, deixe o riso em casa, quando for fóra, a modo da serpente que vomita a peçonha primeiro que vá beber, e depois que bebe, torna outra vez a recolher a sua peçonha. Venha para casa, e tome a sua boa graça.

XXIV

Leituras.

Ainda fico com escrupulo sobre a lição em que muitas se occupam. O melhor livro é a almofada, é o bastidor; mas nem por isso lhe negarei o exercicio delles. Estas que sempre querem ler comedias, e que sabem romances dellas de cór, e os dizem ás vezes entoados, não gabo. Outras são mortas por livros de novellas; taes pelos de cavallarias. Aqui é mais perigosa a affeição, que o uso. Bem vejo que se lhes póde permittir este desenfado: mas seja com maior cautela a aquellas que excessivamente se lhe entregarem; visto que podemos

temer se ama nelle antes a semelhança dos pensamentos, que a variedade da lição.

Não quizera que ninguem gostasse senão daquillo, de que era justo que tivesse gosto.

Contarei a v. m. uma cousa que a meu pesar me lembra. Caminhava por Hespanha, e entrando em uma pousada bem cheio de neve, não houve algum remedio para que a hospeda, ou suas filhas, que eram duas, me quizessem abrir um aposento, em que recolherme; e quanto eu mais apertava, me desenganavam melhor de que nenhuma se levantaria donde estava, sem acabar de ouvir ler certa novella, cuja historia ia muito gostosa, e enredada. E tal era a sofreguidão com que ouviam, que nem ameaçando-as com que iria a outra pousada, quizeram desistir de seu exercicio, antes me convidavam que ouvisse os lindos requebros, que Cardenio estava dizendo a Estefania: que tudo isto rezava a boa da novella. Em fim eu me fui apear a outra parte, e voltando em breve tempo por aquelle lugar, e perguntando pela curiosa leitora, e ouvintes, me disseram que muito poucos dias depois as novellas foram tanto adiante, que cada uma das filhas daquella estalajadeira fizera sua novella, fugindo com seu mancebo do lugar, como boas aprendizes da doutrina, que tão bem estudaram.

XXV

Beatarias e crendices.

Somos entrados na santimonia, ou por milhor dizer, na beataria. Tenho cansado a v. m.; quizera passar voando por aqui, mas hei medo que não possa. A materia é das mais importantes; procure v. m. (mas que se force) ouvir-me com nova attenção, que eu tambem renovando o cuidado, hei de procurar de fallar a v. m.

Muitas pessoas de grande porte, e excellente natural, a titulo de virtude, temos visto cahir em vida desordenada. Nosso inimigo, o demonio ha-se ás vezes comnosco, como um homem quando busca outro, que se o topa em um caminho, e vê que vem para elle, alli o espera; e se vê que se desvia para outra parte, então estuga o passo, e o segue até alcança-lo. A's pessoas que vivem mal, muitas vezes lhes não sahe ao encontro, porque sabe vem direitas para elle; mas ás que vivem bem, apoz d'essas se lança com maior ligeireza.

A reformação dos costumes cousa é bonissima, e santissima. Tem porém nas casadas seu limite; de maneira que por se darem de todo a aquelles bons exercicios, não desempararem os da obrigação de seu estado; no qual Deus deixou virtude e santidade bastante para que, sem sahirem d'elle, se possam salvar todos, e todas, a quem comprende.

Andam pelo mundo espalhados uns ho-

mens, e mulheres, que fazem profissão de mestres de virtude, de que verdadeiramente nem são discipulos. A este fim arrebatam, sem alguma prudencia, os animos singelos, e piedosos das senhoras, e gentes principaes, que ás vezes guiam tão mal, como nos mostram mil exemplos, e como elles a si se tem guiado.

Convém que a casada tenha seu confessor certo; e este seja pessoa grave, e conhecida, e d'aquellas religiões que mais florecem no lugar onde viver. Muitas senhoras de grande estado vi confessar com os curas, e parochos de suas freguezias, quequando elles sejam homens doutos, e sisudos, julgo por excellente costume. Pois como até na eleição de confessor póde haver desacerto, discreta resignação, e desconfiança seria não fiar de seu juizo cousa tão importante, e seguir aquella que a igreja tem feito, entregando sua consciencia á pessoa a quem as entrega aquelle a quem Deus, e seu Vigario as tem entregado.

Tenham as senhoras toda a piedade, e compaixão dos pobres, e affligidos. Mas umas devoções a beatas, e beatos extravagantes, não levarão já mais meu parecer. Senhor N., freiras veleiras, que não sejam as serventes dos conventos conhecidos, velhas alumiadas, gentes professoras de novidades, que trazem orações, e devoções de tantos dias, com tantas candeias, e de tal côr, porque logo Deus (como ellas dizem) lhes mostra o que ha de ser, requeiro a v. m. que tal cousa não admitta.

Galantemente o advertiu o nosso Sá nos

seus Vilhalpandos, espelho de graça, e cortezania. Quando a velha, que ensinava a matrona, mandasse nove moças em romaria com vélas de cera virgem para abrandar a condição do filho travesso; torna a fazer a velha aquella tão estremada lembrança: Ouvis, senhora; a cera das velas convém que em todo o caso seja virgem; que as moças, quer o sejam, quer não. Taes costumam ser de ordinario aquellas suas devoções, taes as circumstancias em que ellas põem a força de sua virtude.

Umas ha, que chamam Madres, que se prezam de dizer cousas em segredo: se se casará, se terão filhos, se será o marido governador de tal parte, se ficarão viuvas cedo; benzem enfermos, vão a Santo André, gastam rolos com seus nós todo o anno; affirmam que a alma do parente não esteve mais que tres dias no Purgatorio: guardar, senhor, de tudo isto, como do proprio inferno.

XXVI

Frades e freiras.

Vejo que já me estão perguntando, como se haverão em o tracto dos frades? Responderei com a resposta de um cortezão, ou aconselharei com o seu conselho. Dizia este, sendo assim perguntado: Olhai, eu sou amicissimo dos frades; se não são bons, não lhes quero dar occasião em minha casa para que sejam peiores: se são bons, não lhes quero dar occasião em

minha casa para que o não sejam: de sorte que sempre os amo, e sempre os escuso.

Outro mais escrupuloso dizia, que em quatro partes lhe pareciam bem os religiosos: Altar, Pulpito, Confessionario; e perguntando-lhe qual fosse o quarto lugar? Respondeu; pintados.

Licito é que o parente religioso veja a mulher de seu parente, ou sua parenta. Venha a casa, ajude a alegrar nas occasiões de contentamento, e a consolar no desgosto; componha a discordia, se aconteceu entre os casados. Que o mesmo faça o prelado da Religião, o homem douto, e virtuoso della; assista-lhes o marido, dê auctoridade a suas visitações, que então fica a pratica mais universal, e a visita mais solemne.

Enfada-me (e é para isso) o modo de alguns homens, que em lhe chegando Frade, ou pessoa de que elles não gostám, á sala, já o encaminham para D. fulana, e por se verem livres da impertinencia, ou petitorio de alguns de taes mensageiros, lh'os lançam á pobre mulher, como quem lança odre de vento a touro em que desbrave. E' este um mal considerado remedio.

Tambem o ser descortez com os religiosos, e estar como potro espantadiço, tendo medo de qualquer argueiro que voa pelo ar, é andar muito por elle. A mulher se desconfia, vendo o pouco que fiam d'ella, escandaliza-se a casa, o senhor se affronta, e nada fica melhorado.

Reduzira, finalmente, as beatarias da mu-

lher casada em ser muito amiga de Deus, e muito temerosa d'elle. Estudar nas obrigações de seu estado. Ouça a missa no seu oratorio á semana; e, se ao domingo quizer ir á Igreja, é bem louvavel. Vá, e não ás de maior concurso. Em dias de festa será conveniente acompanhar-se da parenta, e da amiga; ir cedo; e não entrar na casa de Deus com o mesmo estrondo que se entrara em uma batalha, destroçando, e atropellando o povo, que se queixa, e as murmura. Esta é manha de algumas senhoras, e não por certo boa manha. Não seja a ultima que sáia, nem a primeira.

Tinha tambem que dizer a umas que comem nas Igrejas, para ficar para a tarde; a outras, que sem proposito se levantam mil vezes cada hora a rezar de joelhos, não sendo tempo; mas parece apertar muito; fique pelo menos sabido que não esquece.

O uso das penitencias, para quem as usa, é saudavel. Na mulher que as aprende, convém que se moderem. Ha uns casados tão indiscretos que se desviam da mortificação, quando algum a quer receber. Isto não deve ser assim: porque quem ama a pessoa, muito mais deve amar o espirito. A mulher boa, que sem excesso se mortifica, é dignissima de que se lhe dê todo o azo, e licença, para que prosiga em sua oração, e mais exercicios santos. Ao marido o mesmo a mulher; que o contrario é amar de gentilidade.

Duvido (ou não sei se não duvido) de que seja conveniente a amizade de casadas com

freiras. Isto podia ser mais, e menos toleravel, segundo fosse mais, ou menos frequente. Por cousa tenho senhoril ter boa amizade com uma religiosa, que as mais d'ellas, ou são santas, ou discretas, curiosas, e pessoas de estima; quando o negocio não chegasse a amores impertinentes, escriptos de cada dia, ciumes de cada hora, presentes, e viagens de todo o anno. O mais, como digo, antes fôra bem permittido; e que a casada mandasse á freira seus presentes, por festas, e a visse por festa.

O mesmo a seu confessor, ao prelado conhecido do convento reformado. Fez Deus aos ricos thesoureiros dos pobres; e assim é razão que se deixem usar d'elles, como de acredores seus.

Não tenho aqui que dizer mais, e antes cuido que fui sobejo. Salvo se acrescentar um aviso de cousa, com que ha muito tenho azar; a qual é vêr a umas mulheres andar sempre fazendo festas, pedindo-as, promettendo-as, e acceitando-as com o pretexto que ellas querem. Fallei já no servir a Deus quão bem parecia; mas n'esta materia creio que ha não pouco inconveniente, porque ás vezes uma senhora a troco de se não escusar de receber uma capella, e um ramalhete em uma salva, cuidando que se apouca em a não acceitar, a acceita, e põe depois seu marido em maior vergonha, ou não fazendo a festa, ou fazendo-a mal, do que ella se ficára escusando-se d'ella. Até a estas cousas alcança a obediencia, que aos maridos se deve.

XXVII

Atavios.

Ande a mulher toda vestida, e sempre composta por sua casa, e jámais a vejam seus criados em habito indecente. Como para ella não é bem que haja outro mundo que seu marido, creia que assim convém apparecer a seu marido, como se apparecera a todo o mundo.

Estou de candeias ás avessas com um novo costume de umas capinhas, que não sei donde vieram; porque me não lembra que tal visse em nenhuma parte. Ora seja, ou não seja de outra nação, elle não é trajo authorizado, nem (a meu juizo) decente; e já tão vulgar, que isso mesmo pudera ser o seu desprezo. Podendo-se com mais razão dizer pelas taes capinhas, o que dizia um pechoso pelas violas, que sendo um excellente instrumento, bastava saberem-no tanger os negros e patifes, para que nenhum honrado o puzesse nos peitos.

Chega o desattento a tanto, que n'este trajo se acceitam visitas; e é cousa muito para evitar, por ser tão pouco airosa para quem a offerece, como para quem a recebe. Ambas as pessoas desestima quem a sua mostra sem compostura a outra pessoa. Ao que bem alludia um cortezão, que sendo convidado de um amigo, e d'elle mal agasalhado, lhe disse: Não cuidei que eramos tão amigos.

XXVIII

Facilidades dos maridos.

Ha homens faceis em mostrar a seus amigos sua mulher. E supposto que esse costume diz simplicidade de animo, e é usado entre os estrangeiros; todavia nem hoje está o mundo para que um só queira ser esse simplissimo, nem ainda n'esses, que o costumam fazer, deixam de estar succedendo casos, que os puderam mui bem haver feito mudar esse costume.

Convidava (em Hespanha era) um senhor principal, e bem casado a alguns amigos seus de alta condição; quiz que vissem sua mulher; ella se escuseu; mas em fim a visitaram. Depois á meza quiz seu marido que ella tambem comesse, e honrasse os hospedes: retirou-se, e sendo apertada com recados, respondeu em sua propria lingua: *Decid al Duque, qui si me hizo baxilla, no me hará vianda.* Mostrando com agudeza Castelhána, que já que como baxella a fizera ver, a não quizesse tambem facilitar como iguaria.

Que o senhor leve algumas vezes o parente, o amigo, o ministro, o prelado, o estrangeiro, o homem douto, e principalmente o homem bom, a sua casa, e lhes faça convite, não só o não estranho, mas o louvo. E' cousa honrada, e que faz os homens bem quistos. Não deve evital-o sua mulher, antes com todo o concerto decente dispôr que se ministre, honrando a seu marido n'aquella acção; com o que os

muito asperos se obrigam; porque os corações nobres muito mais se satisfazem de ver que se ama o que elles amam, do que ainda de serem por si mesmos amados.

Heide dizer aqui de umas, que se prezam de matronas, e quer bem, quer mal, ellas querem ser os senhores de suas casas. Estas pretendem sua maioria por muito honradas, por muito sabedoras, ou por muito illustres. E ás vezes sem nenhum destes estremos, ellas se dão tal manha, que a conseguem, especialmente dos maridos bons, simples, e divertidos.

Vigie-se logo ao principio aquelle que taes pensamentos descobrisse em sua mulher; porque se lhe vir que uma vez deixa senhorear-se, tantas o intentará, até que de todo ella seja senhora, e elle servo. Dizia um em tal caso a sua mulher: Senhora, hei vos de levar a casa de vosso pai, e heide demandal-o por justiça, que me dê minha mulher; e perguntando ella porque, respondeu elle: Porque vós não sois minha mulher, senão meu marido.

E a mim me dizia um discreto, e galante casado: que deixarem as mulheres de mandar seus maridos, era impossivel; mas que o que estava á conta dos homens honrados, era fazerem que isto fosse o mais tarde que pudesse ser. Eu não me contentára com menos, senão que nunca fosse; dando mui bem por escusadas essas matronerías.

Desejei de mandar uma cadêa de ouro a uma casada; que estando chovendo, e ella para ir fóra, quando já se molhava muito bem, e lh'o

advertiam os criados, chamou um pagem, e lhe disse: Dize a teu senhor, que me mande dizer se chove, porque me não fio destes, nem de mim, e escusarei de sahir. Oh! que discretissima ignorancia! Oh! que invenção de obediencia, tanto para ser obedecida!

Parece, senhor N., que nos vamos esquecendo das cousas picantes, que dão mais contentamento, e são salsa das outras; e de verdade não menos necessarias.

XXIX

Governo da caza.

Ainda não fallei no trafego da caza. Isto é cousa que requer muito tento. Quizera eu as casas de um só gargalo. Muitas portas, muitas serventias, não approvo. As casas dos reis, e principes tem infinitas guardas, e porteiros; com isto se defendem de inconvenientes; como quem põe estrepes em muro baixo.

As casas dos fidalgos particulares, que não podem ter esses porteiros, e portarias, necessitam de alguns criados velhos, e fieis, a quem seus amos constituam vigias, e sentinellas de seu decóro. Mas n'este caso não descarregue n'elles todo o cuidado o marido; porque assim como na guerra (e eu o estou aqui vendo, e ouvindo n'esta torre) costumamos pôr soldados de posta; e nem com tudo isso se contenta a disciplina militar, senão que lança

roldas, e sobreroldas, e sobre ellas vão depois os officiaes a ver, e vigiar o que fazem, e o que vigiam os soldados que vigiam; assim nem mais, nem menos deve o senhor da casa roldar, e vigiar sobre os criados, a quem entrega o cuidado de sua honra.

Negras, e mulatas, que sahem fóra, não tivera. Soem ser fecundas, e inçam uma casa de tantas manchas (a meu ver) como d'ellas nascem; porque parece feia cousa andar uma tão vil licença aos olhos da senhora, e das criadas. Negrinhos, mulatinhos filhos d'estas, são os mesmos diabos, ladinos, e chocarreiros, por castanhas trazem, e levam recados ás moças, e são d'ellas favorecidos. Ciganas, ermitoas, adelas, mulheres que vendem garavins, e bolotas para lenços; outras que trazem doces, e os dão mais baratos do que valem, tudo é malissimo. Mudas é peçonha. Lavandeiras, ramalheteiras, umas que vendem, e são freguezas, e com quem as criadas em um instante armam contas de rações, que lhes trocam, mostrando que não podem viver sem ellas, são gente bem escusada. Os que adivinham, os que benzem. Os chocarreiros, e mais os dos principes, costumam ser atrevidos pelas entradas que lhes dão sem tento. Uns tregeitadores, outros que fazem prégações, que arremedam animaes, e gentes, são peçonha refinada: e as que em tudo o são, são umas, que vendem dixes, aguas de rosto, tiram panó, fazem sobrancelhas com linha, alimpam o carão com vidro; homens de linhas, bofirinheiros, mulheres que pedem para

uma certa missa de esmolas, outras para amparar uma orfã.

Tudo isto, Senhor, é uma casta de gente, que ferve ao redor das casas grandes, assim como peixe, que anda á lambugem da pedra. Apartam-se com difficuldade; soffrem-se com perigo. Seu estorvo requer tanta força como industria; porque cada uma destas creaturas pela maior parte não cuida senão em enganar, levar, roubar, mentir, dar novas, e ás vezes (e não poucas) em fazer muito ruins mensagens, e trazer outras, em damno, e descredito das casas onde se consentem, que não seja a de v. m.

Tinha um homem principal sua filha donzella doente, guardava-a muito. Havia quem lhe quizesse bem. Escrevia-lhe: revolvia-se o papel, e sobre elle se armava um ramalhete. Vinha uma ermitoa, fallava ao pai, dava-lhe aquelle ramo da parte de tal Santo; levava-lh'o elle mesmo com grande gosto, e era o proprio corretor de sua filha, servindo-lhe por sua mão a peçonha dissimulada n'aquelle ramalhete. Quem tal havia de cuidar? Quanto por este, bem se podia (e por muitos) dizer o que diz o Romance: *El aspid anda en las flores, alerta, alerta, zagales.* Tomado d'aquelle adagio Latino, que entre as hervas mimosas latia o *aspid* peçonhento.

XXX

Occasioens de perigo.

Costumam alguns homens de grande sorte introduzir suas mulheres em suas pretensões,

intendendo quantos grandes negocios se acabaram já por ellas. Poucos são os casos, a meu juizo, em que me pareça licito ficar um homem paseando, e mandar a sua mulher que vá fallar, e requerer por elle. A prisão do marido, a honra da sua casa, do seu officio, do seu titulo, a vinda do marido ausente, e risco de morte do filho; estas são, e não outras, as cousas que farão licita esta diligencia, sempre perigosa, e não sempre proveitosa.

Um certo ministro grande costumava dar audiencia ás senhoras fóra de sua casa, em um lugar tão decente, que era demasiado recolhido. Levaram alli dous fidalgos suas mulheres para semelhante negociação; e deixando-as lá, se sahiram logo. Viam isto outros, e então disse um d'elles: Certo que fulano, e fulano não fizeram bem de se sahirem; porque estando alli auctorisavam o seu negocio. Respondeu outro: Ride vos d'isso, que fulano, e fulano não são dos que querem auctorisar o seu negocio; são dos que querem fazer o seu negocio.

Nunca será bem acabada de louvar aquella sentença tão repetida do discretissimo conde de Vimioso: Quem perde a honra pelo negocio, perde o negocio, e mais a honra.

Senhor N., nenhum prudente, nenhum honrado pretenda com riscos suas melhoras. Que ha de ganhar do por vir, quem logo de antemão entra perdendo? Os bons mercadores seguram as encommendas de mór valia.

Seja a mulher honrada, como dizem que é o corpo santo, que não apparece senão nas

grandes tempestades, e sempre para remedio d'ellas. Acuda aos males de sua casa, aos trabalhos de seu marido, e de seus filhos. Procure salval-o, e salval-os a elles. Seja sua voz, não seu requerente. Possa ser instrumento ao remedio da necessidade; não ao logro do interesse.

XXXI

Cautellas.

Obrigam-se muito as casadas de que seus maridos lhes contem o que sabem, e o que ouvem, e o que passa pelo lugar. Que os homens sejam seccos, é meio caminho andado para serem aborreciveis; que sejam falladores, é todo o caminho andado para serem desprezados. Deve-se eleger um bom meio, de sorte que a mulher não cuide que seu marido a tem em pouca conta, nem que elle faça de maneira, que em outra semelhante seja tido d'ella. As mais logo trazem decorado aquelle rifão: Quem me a mim quer bem, diz-me do que sabe, dá-me do que tem.

Guarde-se o discreto de contar a sua mulher as historias passadas de seus amores, e de sua mocidade. Causam assim dous males: dar a conhecer ás mulheres a fraqueza de seu natural, e intenderem como ha outras pelo mundo, que se deixam enganar facilmente.

Por nenhum caso se lhes sirva o prato da leviandade alheia; e n'aquellas cousas tão publicas, que se não puderem negar, pelo menos

se desculpem, ou se desviem. Mostre-se sempre horror a taes successos; e havendo de praticar n'elles, carregue a culpa, e causa á parte do marido, e a da mulher se desculpe. Dando assim a intender, que aquelle que fôr bom marido, sempre terá mulher boa, como de ordinario succede, e elle o espera de si, e da sua.

Algumas vezes vemos, que a casada de grandissima honra, trata, e acompanha confiadamente com outras de não tão igual fama. Haja n'isto grande tento, e o melhor será escusal-o de todo. A reputação é espelho cristallino; qualquer toque o quebra, qualquer bafo o empana. Ellas, quanto são mais seguras em seus procedimentos, se aventuram, póde ser, mais a tratar as que o não são. O vulgo sempre cego, não sabe distinguir, ou não quer, o bom do mau. As mais vezes quem atira não dá alli a onde atira, mas dá perto do lugar a onde atira. Assim os maldizentes, indo a accusar a uma pessoa, não acertam logo; e por ventura infamam as que andam junto d'ella.

Valho-me sempre das cousas naturaes, e assombro-me certo n'este caso, considerando que uma só gota de tinta que caia em uma redoma de agua clarissima, basta, e sobeja para a tornar turva; e que para aclarar, e deixar limpa uma redoma de tinta, não basta uma pipa de agua clara. Assim costuma ser a má, e a boa fama, que a muito boa não póde acabar de purificar a ruim, e a ruim logo empece á muito boa. N'outro lugar disputo eu largamente: porque se nos não pega a saude assim co-

mo se nos pega a doença? Notavel cousa por certo! Agora me contentarei com o dizer do nosso moral: O bem não é como tinha, o mal póde ser que sim.

Aparte esta contenda a prudencia do marido. Contava um, que costumava a se haver n'este caso com excellente destreza. Instava de continuo á mulher, que visse, buscasse, e andasse com fulana, e fulana, de quem elle tinha satisfação; porque com estas persuasões ficava adquirindo nova authoridade para estorvar que senão visse, buscasse, e andassé com fulana, e fulana, de quem elle não era satisfeito.

Gabar á mulher a formosura de outras, as mais d'ellas o tem por descortezia; assim o ar, a graça, e as mais boas partes: mas como n'isto não houvesse excesso, seria soffrido. Dêem-lhe todavia regra a condição, idade, parecer, e boas qualidades da mulher propria; porque as que d'estes dotes são abundantes, podem ser mais confiadas.

Um fidalgo praticando com sua mulher, na qual era sobeja a gentileza, e a discripção, que faltava n'elle, exagerava por extremo a formosura, e qualidades de outra mulher. Soffreu a propria quanto pôde, e vendo sua demasia lhe disse: Não quizera mais para me vingar das invejas que me fazeis com fulana, que vel-a casada comvosco, para vós não parecer nada d'isso, e para vêr como ella se havia quando vós me gabasseis outro tanto.

XXXII

Galantarias honestas.

Não se nega pórém ao marido, que se possa mostrar galante com as damas, e senhoras, quando a occasião fôr de galantaria; porque esta obrigação é de bom sangue; e como não seja viciosa, antes virtude, pelo menos politica, não obriga contra ella o matrimonio. As proprias mulheres, se são generosas, folgam que seus maridos se mostrem cortezãos onde o devem ser.

Estavam os reis catholicos para sahir fóra, e a rainha á janella, viu passar o cavallo de elrei, e que igualando-se com a sua egua, que já alli estava, não fizera nenhuma bizarria. Bradou d'onde estava a rainha; e chamando o estribeiro mór, lhe disse, que logo mandasse cortar as pernas a aquelle cavallo, porque não levava gosto que el-rei tornasse a subir n'elle. E perguntando-lhe o estribeiro mór que razão daria a el-rei de um tal feito, lhe respondeu: *Porque pasó sin relinchar a una yegua tan hermosa como la mia; y cavallo que es tan para poco, no hará cosa buena.*

Estas galantarias do marido não podem sér reciprocas para a mulher, que tem muito menores licenças, sem ter alguma razão de queixa; como acontece que uma cidade tem muito menor comarca que a outra, e nem por isso terá justiça para a pretender igual.

Não gabe a mulher a outro homem diante

de seu marido, salvo d'aquellas cousas, que tidas, ou não tidas vem a ser a mesma cousa.

XXXIII

Louçanias.

Permitte-se-lhe ao casado moço ser loução, e usar de todos os adornos de sua pessoa que a um homem são decentes. Suppomos que aquelle é estado, a que se dirigia; e assim como no estado estão todas as cousas em maior perfeição que no augmento, ou declinação, assim ao casado são licitas todas as cousas pertencentes á perfeição d'elle. Os cheiros, as galas, os regalos, para os casados, e para os namorados se fizeram; porque se deixa intender que aquelles empregos nascem do cuidado da mulher, ou da dama; com o que se qualificam melhor, que se do proprio cuidado do varão nasceram.

Estas são das cousas que tambem trocou o uso; e de verdade não cuido que viciou, quando as não melhorasse. Os nossos velhos diziam tambem: Que o homem havia de cheirar a polvora, e a mulher a incenso. Alludiam á religião, e milicia em que os queriam a elles, e a ellas, occupados. Não ha muitos annos que uma senhora principal, e não pouco gloriosa, tachava os perfumes de um cortezão; elle sabendo-o, lhe mandou dizer, que acabasse sua Senhora comsigo o cheirar a incenso, que elle acabaria logo comsigo o cheirar a polvora.

O concerto dos aposentos do senhor, o asseio de sua pessoa, finalmente estas cousas que os antigos desprezavam, hoje são licitas, e não tem o vicio em seu uso, senão em seu abuso. Façamos differença de lindos a concertados.

XXXIV

A feminação, desleixo, e requebros indecentes.

E porque não nos desconsolemos de todo com os costumes modernos, nem os que se prezam de séverissimos nos queiram confundir com a pureza dos antigos; como se poderá crer que n'aquelle reinado de el-rei D. Sebastião, em que os homens se fingiam de ferro, por contemplação dos excessos de el-rei, era costume andarem os fidalgos mancebos encostados em sèus pagens, como hoje as damas? E chegava a tanto aquelle mau costume, que quando os que jogavam a pella, passavam de uma casa para outra, o não faziam, sem que se lhes chegassem os pagens, e n'elles se encostassem. Diziam *haã*, fazendo-o muito comprido, e os mais fallavam afeminado, por uso d'aquelle tempo. Sendo isto assim, não ha para que condemnar os costumes pela idade, senão pela qualidade; nem é justo desprezar o presente por engrandecer o passado.

Tenho por muito digno de reprehensão o andar por casa descomposto. Persuadira, a não ser molesto, que fosse o mesmo trajo o de ca-

sa, e o da rua. Verdadeiramente o homem em seu habito, parece que tem outra grandeza, e imperio. Prova-se bem, com que os reis, e os grandes, aquelle criado de que mais confiam, é o que admittem a sua presença, quando estão descompostos: como que necessita de amor, e fidelidade quem houver de guardar inteira reverencia a um homem descomposto.

Alguns ha tão pouco advertidos, que requebram suas mulheres á mesa diante de seus criados, agora com as palavras, agora com os meneos; e de todos os modos indignissimo; porque igualmente offende a modestia dos homens, e a honestidade das mulheres. Tenha este excesso sua contradição na mulher, quando não tiver sua advertencia no marido.

XXXV

Pieguices paternaes com os filhos.

Passo a estranha-lo tambem para com os filhos. Vi um dia a um grande general rodeado de muitos homens grandes, que o seguiam, abrir o corro de todos, e lançar a correr por receber um filinho seu que o vinha buscar, e beija-lo em presença d'aquelle concurso, que todo se estava olhando, e admirando, de que uma tão grave pessoa pudesse tão pouco comsigo. Digo a v. m., senhor N., que se poder tivera, lhe tirára logo o officio, porque o animo dos homens não se vê quando resistem áquelles effeitos, que aborrecem, senão quando ven-

cem aquelles que amam. Dirão a isto ós pais, que os que o não são, não podem dar regras a seu amor. Elles dirão o que quizerem; mas eu não direi outra cousa. E todos sabem que muito melhor conhece os lanços do jogo aquelle que o vê, que aquelle que o joga.

Ora, pois fallamos em filhos, acabemos o que ha que dizer ácerca d'elles.

Deseja-los é tão justo, como merece-los. Mas não obrigue este desejo a fazer demasias. Nos moços deve de haver uma boa confiança. E já que nos servimos dos ditados, não vem aqui mal para escusar mais leitura, aquillo que se diz: A Deus rogando, etc. Escuso-me de acabar o adagio, porque de todos é sabido.

Mesinhas, caldas, devoções, frades que benzem, freira que toca, fisicos estrangeiros, quintas essencias, bebidas desusadas, emprastos desconhecidos; de tudo isto livre Deus a v. m. Muito faz aqui a hombridade; muito mais a christandade. Pôr nas mãos de Deus; tomar d'ellas o que vier; que sempre é mais a proposito que nossos desejos.

Hora os filhos nascidos. Guarda de contar graças, nem estremecer sobre elles. Tudo isto os faz mal criados, e aos pais é de pouca opinião. As mães querem que os maridos os tragam, e folguem com elles; quando v. m. caia n'esta venialidade, seja a modo de officios em Igreja interdita, quero dizer a portas fechadas. Não é cousa pertencente a um homem ser ama, nem berço de seus filhos.

Fazer-lhes aquelles seus momos, fallar-lhes

n'aquella sua linguagem, tudo é indecente. Basta que os veja, e ame, e lhes procure todo o regalo, e boa creação. Essas outras figurarias são proprias das mães, a quem se não ha de tomar em nada o modo, nem o officio.

Bofé que me lembrou agora uma cousa que me não ha de ficar no tinteiro, mas que todo não venha a proposito. Tinha um ministro muito lisonjeado um certo filhinho seu, que costumava vir a um aposento cheio de grandes pretendentes. Havia entre elles um muito grande nos annos, na pessoa, e no estado; e mais que tudo nos interesses. Era este o que mais praticava com a criaturinha, e taes cousas lhe fazia fazer o espirito mau da lisonja, e adulação que trazia no corpo, que dizia outro pretendente por elle: Certo, muito é que o interesse faça mais parvo a fulano com os filhos alheios, do que o amor nos faz a nós com os nossos.

Vá mais por jogo, que por conselho. Quando, senhor, N., Deus der filhas a v. m., não lhes consinta mais que um só nome liso, aquello que lhe ditar a devoção, ou obrigação. Tenho por grande leviandade esta ladainha de nomes (dissera melhor carta de nomes) que hoje se usa, pondo em camouço uns sobre outros, deixando os de mais barafunda para o cabo. Deram as mulheres n'esta nova casta de damaria: e acontece que a que nasceu, e se criou mera Domingas, ou Francisca, lança sobre si meia duzia de Jacintas, Leocadias, Michaelas, Hypolitas, e outros nomes esdruxulos,

só porque viram chamarem-se assim, pouco mais, ou menos, a suas visinhas.

Acho graça n'esta historia. Fôra a baptizar em um lugar d'esta minha visinhança a filha de um escudeiro; e porque ouviu que a outra de um titulo tinha sua mãe mandado pôr na pia tres nomes; como a elle lhe custava barata a grandeza, içou um furo mais á vaidade, e mandou baptizar a menina com quatro nomes. Ouviu-os todos o cura, e disse aos padrinhos: Senhores, escolham um só nome, que sou fraco de memoria; ou juro a tal que lh'a baptize sem nome, ou lh'a mande para casa como veio, até que lá se resolvam no que melhor lhes parecer.

Parece que me ía esquecendo de uma cousa que julgo digna de advertencia, e para que póde ser que fosse advertido de quem sabe que escrevo este papel. Costuma haver excesso nos maridos por dous modos, quando suas mulheres se acham n'aquella hora do parto. Uns que as servem, e assistem melhor que as proprias comadres; outros que como inimigos fogem d'ellas. Dizia um d'estes com travessura, que, se casasse, não havia de ser senão em julho. E sendo perguntado porque? respondeu: Porque se fôr tão mofino que minha mulher haja de parir, seja em março; e possa eu achar embarcação para a India, onde me irei antes que vêl-a em estado. A boa, ou não boa vontade que se tem á mulher, dará aqui o melhor conselho. Tambem o natural do marido puxará muito por elle. Não reprovo aquelles que tudo

querem ser n'aquelles casos; reprovo os que não querem ser nada. O sahir de casa é reprehensivel, porque póde haver mil successos para que sejam necessarios. Bastará estar cada um no seu aposento, e receber n'elle com igual constancia as ruins, ou alegres novas.

Hei de alegrar tamalavez esta materia com um dito de certo senhor castelhano. Era general, e lhe pedia um seu capitão licença por escripto para se ir achar em casa ao nascimento de um filho. Poz-lhe por despacho: *Al tener el hijo quisiera yo hallarme en mi casa; que al nascer, poco importa.*

XXXVI

Amas.

A miseria dos tempos que em tudo vão para traz, tem feito que as amas, que antes eram mulheres honradas, se hajam hoje trocado a villans bem dispostas. Já viemos das mãis para as amas; e agora das boas amas imos para as ruins. Em fim, é uso, vá com elle. Mas contra a natural obrigação das mãis; porque, como disse um sabio: quem antes de nos ver, e conhecer, nos sustenta nove mezes dentro em si; porque depois de nos ver e conhecer, nos engeita, e busca outrem que nos sustente? Bem folgára eu de ver os filhos de meus amigos mamar bom leite; não só na qualidade do corpo, mas tambem na do espirito.

A quem foi filho tão bem criado como V.

m., pouco, ou nada tenho que lhe lembrar na criação dos filhos. Crie-os v. m. como seus pais o criaram, que todos nos daremos por contentes.

E' tambem esta materia larguissima para discorrer n'ella, e toca verdadeiramente mais a outro intento, porque o que agora levamos é só apontar regras á vida dos casados, para que levem suavemente aquelle jugo que sobre ambos descansa.

XXXVII

Bastardos.

Virá aqui a proposito de filhos, isto de filhos bastardos: alfaias certo mui bem escusadas, e de não pouco embaraço aos casados; mas que aquelle que as tem, não póde manda-las vender ao Pelourinho. E' força que digamos sobre isto alguma cousa.

Os naturaes, e que não devem nada á fé do matrimonio, são dignos de conservar em quanto não ha legitimos. Ouve tantos famosos homens no appellido de v. m. e em outros, d'este tal nascimento, que não aconselhara se esperdiçassem antes de tempo.

Com os pais, acabado me parece que o tenho; nas mulheres é a maior difficuldade. Muitas ha de tão generoso natural que agasalham com muita galantaria aos filhos de seus maridos; outras que os não podem ver, e os maltratam. Notavel foi a fineza d'aquella Margarida de Valois, rainha de França (que já dei-

xo nomeada). Estava no leito com seu marido Henrique IV, o grande (que grande ingrato lhe foi!) viu que se affligia por lhe trazerem em secreto recado que estava no proprio paço real parindo do mesmo Henrique, mademoiselle de Foseuse, dama da rainha, e de el-rei. Vestiu-se Margarida, e foi assistir ao parto de sua criada, que tão mal a servia; tratou de seu regalo, e o que é mais, de sua honra; mandando a todas aquellas de quem se ajudou, que sob pena de sua desgraça, nenhuma descobrisse este successo.

Se por esta receita obraram as outras mulheres, bem se lhe poderam confiar os filhos que chamam de ganancia: visto porém que não é assim, seria acordo crial-os sempre não só fóra de casa, mas do lugar em que se vive, As filhas em conventos; uns, e outros não sejam desamparados nunca; que emfim soem ser filhos do amor, a quem se deve boa correspondencia; e que por faltos de fazenda, e cheios da obrigação de seus nomes, se acham em mil afflicções, que todas resultam em damno da honra, e da consciencia de seus pais.

A India, e a religião costumam dar boa acolhida a este genero de gente. Siso será destinar-lh'a.

Entre aqui a advertencia da emenda da vida livre, e descomposta; que se antes do casamento comprehendeu alguma parte da idade do homem, tanto maior deve de ser depois o apartamento d'ella. O' senhor! que foge ás vezes um lebréo que estava preso; quebra as ca-

deias, e corre sem ellas; mas lá junto á colleira vai ainda tinindo um fuzil das prisões por que estava preso, com que ainda elle se não dá por solto, e livre.

Benzer, senhor, benzer como do diabo, de cousas passadas, que não debalde na linguagem das velhas, cousas passadas, ou cousas más, é tudo o mesmo; nem com os olhos se torne a voltar para ellas, nem para ver se ficam lá muito longe.

Com muita razão, e bonissima doutrina fingiram os poetas, que o seu Orfeo não perigára quando foi ao inferno, senão quando depois d'elle fóra quizera olhar para traz. Verdadeiramente, senhor N., que essa é a ultima perdição: sahir do máo estado, e tornar a olhar para elle.

XXXVII

Freiraticos, e ciumes.

Muitos ha que, não sei em que fiados, dão em terem amizades proluxas com freiras; parece-lhes que nada offendem as mulheres n'essa correspondencia. Tira-se d'aqui muito ruim fructo; porque as mais das casadas começando em zelo do que os maridos gastam, e do que se descompõem, acabam em um finissimo ciume. Ellas tem razão, porque os maridos não farão menos offensa a suas mulheres divertindo-lhes a affeição, que qualquer dos outros cabedaes, que lhes são devidos, e com esse nome de devido se nomeam; antes será maior a offen-

sa quanto fôr a mulher mais d'aquellas, que só da affeição de seus maridos se satisfazem.

Não quero passar tão depressa por esta palavra, ciume, ou ciumes; que ou dados, ou tomados, significa um humano inferno. Humano, porque vive entre os humanos; e deshumano, porque deshumanamente trata aquelles entre quem vive, ou vivem n'elle.

Foi questão, e ainda não é conclusão, qual lhe seria peior a um casado, dar ciumes a sua mulher, ou tel-os d'ella? Escuso-me de averiguál-a; uma, e outra cousa abomino. Ha muitos que do dar ciumes não fazem caso, e grandissimo de os receber.

O engano, senhor, é manifesto; porque o dar ciumes que se despreza, de ordinario assenta sobre grande causa; e o recebel-os que em muito se tem, as mais vezes é imaginação; e como as mulheres padeçam ainda menos de fracas, que de vingativas, acontece que mil vezes produz n'ellas mais terriveis effeitos a vingança, que a fraqueza.

Disse bem quem disse, que os ciumes se pareciam a Deus, em fazer de nada alguma cousa. Eis aqui o seu officio, que em todas as maneiras não deve ter lugar nas casas onde viver a descripção, e christandade. Porque certo é terrivel tormento o que padecem, já os homens, já as mulheres, por esta maldita imaginação; a quem com não menor propriedade houve quem chamasse vibora, porque em nascendo mata a pessoa que a engendra.

Amoesto a todo o casado fuja d'esta pes-

te; e que aquillo mesmo que para si tão justamente deve de não querer, o não queira tambem para quem ama, ou deve de amar pelo menos.

Dizia um discreto, que o chegar um casado a dar a intender a sua mulher tinha ciumes d'ella, era meio caminho andado para que ella lh'o merecesse; alludindo ao que se diz vulgarmente, que a maior jornada é o sahir de casa.

Assim como o direito dizem que tem deixado muitos casos para que não assignou pena, por não presumir aconteceriam no mundo; assim o casado deve mostrar-se esquecido de tal pensamento, por não presumir lhe possa ser necessario.

Distingo porém prudentes de ciosos. A prudencia precata, desvia, e assegura todos os caminhos da suspeita. Nada d'isto faz o ciume; antes para não ser um homem cioso, convém que seja prudente.

Pôl-o-hei mais claro com este exemplo. O prudente é como o capitão de um castello, que traz pelo campo de continuo suas espias ao longe, vigiando noite, e dia seu inimigo, bem que o não tenha; porque quando o tiver, o não possa tomar de sobresalto. Este tal vive seguro; come com gosto, dorme com descanço. O cioso é como outro capitão, que temendo-se de tudo o que ha, e não ha, se encerra miseravelmente em seu castello; o ar que corre lhe faz nojo, a folha que se move cuida que é assalto; e assim sem honra, e sem proveito, cheio de

medo, e desconfiança passa a vida, ignorando o que é paz, e repouso.

Aqui lembro de passo a muitos, e muitas que me lerem, que quando me virem ser miudo nas cousas, e praticar cautelas que parecém escusadas, não cuidem que por nenhum modo é meu animo inculcar aos casados o ciume; antes, porque nenhum o seja, lhe proponho tantos outros meios de segurança, que de todo percam esse receio.

Quem duvida se deve muito maior agradecimento ao medico que nos dá regras para não perder a saude, que ao que nos dá mezinhas para que depois de perdida possamos cobra-la?

XXXVIII

Jogo.

O jogo em todos os estados é ruim officio, se é officio, quando não passe de occupação cortezãa, e que anda annexa á ociosidade dos poderosos.

Eu viera facilmente em que se jogara o licito, se eu soubera medir até onde era licito o jogo; mas ainda acho maior difficuldade em poder ter mão nas redeas da cólera, ou ambição d'aquelles que jogam; affectos, que jámais se enfream. Sobre uma muito pequena causa se arma uma porfia, e sobre ella uma perda de honra, ou de vida; porque os homens já não fazem motivo da quantidade da perda, senão da qualidade da duvida.

São tantos os exemplos, que não ha para que provar os damnos do jogo. Olhem-se as lagrimas; escutem-se as tragedias. Era dito de um discreto, que vinho, jogo, e tabaco se deviam de vender nas boticas como mezinha.

O solteiro, se joga, joga o seu, ainda quando dermos que é seu isso que joga. O casado joga o que é alheio, porque elle não tem em sua familia mais de um quinhão; e respeitivamente tem alli outros a mulher, os filhos, e os criados. Logo como póde com justiça aventurar, contratar, e perder o alheio?

Tinha um senhor, mui inclinado a jogo, uma filha muito querida. Começou a perder dinheiro, joias, alfaias, que ia mandando buscar a sua casa, e eram todas grão parte do dote d'aquella sua filha. Ella affligida, e queixosa justamente, tomou seus criados, e foi-se onde elle jogava; viu-a o pai, e com grande sobresalto lhe perguntou que queria d'elle em tal lugar? Respondeu-lhe: Venho, senhor, a que V. S. me jogue tambem, e que me perca; porque, assim como assim, eu para que valho já em casa sem o que V. S. tirou d'ella?

Um, que gabava o jogo, chamava-lhe escóla da paciencia. Fôra-o, se nella se aprendesse como se gasta. A este fim considero eu muitas vezes a servidão de um taful; a que não acabo de dar sahida; porque quando vejo que, se contra um destes se dá uma sentença de vinte mil reis pronunciada por um juiz, e confirmada por tres, allega duvidas, põe encargos, mette tempo em meio, e ainda no fim de tudo, ou

não paga, ou se queixa; e logo n'aquella maior demanda do jogo os vejo tão obedientes, que porque sota de ouros veiu primeiro que seis espadas, lhe levam sua fazenda, e o dá por bem julgado: confesso a v. m. que, quando tal vejo, não sei filosophar em qual seja a causa d'esta temperança á vista d'aquella demasia.

Acabarei de fallar no jogo com uma bem grande galantaria d'um dos nossos antigos cortezãos. Dizia este, que tres bens desejava a seus inimigos para se vêr vingado d'elles: pedir, mas que lhe dessem; pleitear, mas que vencessem; jogar, mas que ganhassem.

XXXIX

Amigos.

Outro genero de perigo não menos urgente é o d'uns, que andam enfeitiçados com amigos; seguem com elles caçadas, folguedos, banquetes, viagens, e todas as mais acções que tráz comsigo a ociosidade. Digo a v. m. que este damno comprehende mais aos homens de inferior sorte; porque verdadeiramente entre os grandes são tão poucos os amigos, que assim como não ha gosar dos proveitos da amisade, assim não ha perigar dos inconvenientes d'ella; mas d'elles sempre se guarde.

Parecerá comtudo mal, e será máo, que o casado escolha por amigo o solteiro, principalmente se elle é de vida solta; porque como a

amisade consiste na semelhança, por milagre tivera que o casado não fizesse o que visse fazer ao solteiro.

D'estes os mais costumam dar máos conselhos, exhortar ao casado que se não sujeite á mulher, e viva como livre. E' manha antiga de nossa fraqueza folgarmos de fazer os vicios communicaveis. Os doentes desconfiam de que haja quem se guarde de seu mal. Aquelles que padecem, ou affectam sua soltura, procuram de a pegar aos que vivem em devido recolhimento.

E' para ser seguido, e acompanhado do bom casado, o casado de bom procedimento; e d'estes sempre deve de ser o parente preferido. São bons para amigos aquelles, cujas mulheres são tambem amigas das mulheres proprias. Pódem-se ajudar, e prestar nas occasiões; desabafa-se com elles o enfadamento familiar com mais confiança de compaixão, e remedio; porque além de se referir a pessoa que os conhece, fica dito a pessoa, que outro dia póde fazer o mesmo.

XL

Horas de recolher

Dias ha que me perguntou um fidalgo sisudo, casado de poucos tempos, a que hora seria conveniente se recolhesse á noite para casa. Lembra-me que lhe disse, que essa hora daria o amor, ou occupação, e não o relogio; mas

elle não satisfeito, fez que discorressemos n'aquelle ponto.

A uns parece que se deve recolher o casado sempre a uma hora; e tal, que possa muito bem antes d'ella haver negociado o que lhe póde succeder, sem dar sobresalto na tardança. A outros, que não deve ser assim, senão á hora que fôr possivel; porque vindo umas vezes cedo, se mostra que as outras que se tarda, teve a culpa a occasião, e não a vontade.

Tenho para mim que nada d'isto é seguro: porque os alicerces da confiança do casado devem-se de lançar no credito, e não no artificio. Inclino-me mais ao recolher sempre a uma hora justa, e proporcionada com as occupações, ou de casa, ou de fóra. Sobre tudo parece que os casados de pouco devem guardar mais cortezia a suas mulheres, assistindo-lhes com maior cuidado aquelles annos primeiros.

Tambem n'esta obrigação não deixou de haver opiniões bem contrarias; e tanto, que entre dous esposados de grande juizo ouvimos contar de um, que indo-se a recolher, dissera ao seu estribeiro: Fazei ter prestes ámanhã bem cedo para irmos á caça; que visita de cada dia não póde ser larga. E de outro, que sendo-lhe perguntado pelo moço que lhe dava de vestir, que vestido queria lhe concertasse para o outro dia, lhe respondeu: Vai-te para casa de teu pai até que te mande vir; porque primeiro se ha de segar aquelle trigo, que alli andam semeando, que eu haja mister vestido. Taes são, e tão varias as opiniões dos homens; pelo que

um intendido dizia: Sabeis vós porque o corvo é negro? Porque se vos não pergunta se é negro, ou branco.

Já v. m. tem visto como n'estes avisos não sigo alguma ordem, senão aquella, e aquillo, que a memoria me vai offerecendo. Creio que longe fica de seu lugar (mas em qualquer parte vem a tempo) o amoestar ao casado, que com o mesmo tento que deve fallar diante de sua mulher louvando as alheias, deve (e com maior ainda) de gabar a propria diante dos homens.

XLI

Se deve louvar-se a esposa.

Póde, e deve bem o marido, quando haja razão, e necessidade, louvar modestamente as virtudes de sua mulher: digo as virtudes, mas não digo as excellencias; e das mesmas virtudes não se faça ostentação a cada passo. Ao pai, ao irmão, a tão chegados parentes, aos muito amigos, e muito sisudos, poderia ser licito que désse o casado alguma vez mostra da satisfação que tinha dos dotes do animo, que em sua mulher havia, e estimava.

Não são poucos, nem pouco grandes aquelles, que entremettendo de cortezãos, ou engraçados, gabam em publico as qualidades de suas mulheres, ou fallam n'ellas: cousa, a meu juizo, indignissima, e dignissima de grande reprehensão. Eu fiquei um dia como morto, fallando com um fidalgo de idade, e authoridade,

porque me disse, estando sua mulher doente de um peito, que fulana estava muito affligida, porque tinha as tetinhas muito delicadas.

Estando uma noite (qual estas) em Flandes, em certa casa, onde assistiam grandes pessoas, foi um dos circunstantes tão pouco advertido, que tirou o retrato de sua mulher, para o mostrar aos outros. Era de uns que se fazem com differentes trajos, que se lhe vão vestindo á vontade do appetite dos olhos: que tantas salsas tem inventado o vicio para a vista, como para o gosto. Succedeu pois que estava então o bom do retrato em figura de alferes, e não parecia mal. Achava-se na mesma casa um dos convidados, mancebo bem illustre, mas muito dado aos costumes da terra; e como todos estivessemos sobre ceia (o que n'este se enxergava melhor que nos outros) deu-lhe na cabeça levar da mão ao simples do marido o retrato da mulher, que beijava, e abraçava mais francamente, que se fosse sua, dizendo-lhe: *O' alferes mio! O' alferes mio*, e mil requebros descompostos. Emfim o negocio procedeu de feição, que todos viemos ás pancadas, e por pouco se não matam mais de dous; com tal vergonha, e escandalo, que não sendo a gente ciosa, nem a terra maliciosa, houve assás murmuração, e durou muito; o que tudo procedeu da incauta confiança d'aquelle descuidado marido.

XLII

Remoques perigosos, e impertinencias.

Outros ha que, com tão pouco tento, levados, ou do desejo, ou da facilidade de sua condição, mostram em praticas ás mulheres lhes não pezará de ficar viuvos. E supposto que os mais lançam estes ditos a zombaria, n'aquellas que os ouvem, se guardam como indicios do animo, e signal certo de desamor; que na verdade vemos melhor pago na mesma moeda, do que se costuma dizer que o amor se paga. Desvie-se o prudente de taes remoques; antes em feitos, e ditos, mostre sempre a sua mulher aquella boa lei, com que d'ella quizera ser tratado. Não como se conta do outro, que estando a sua agonizando, e dizendo que tinha grande desconsolação de deixar tal, e tal cousa por fazer; elle lhe respondeu: Morrei vós, senhora, que tudo bem se fará.

Guarda, senhor N., de ser proluxo, e cançado, como não poucos são a suas mulheres e familias. E' certo cousa intoleravel de soffrer a impertinencia de muitos, que sem alguma razão mais que aquella de que estão em sua casa, gritam, são comichosos, e enfadam as creaturas, ora querendo uma cousa, ora não querendo aquella propria cousa que quizeram. O odio começa em desagrado, e por alli vai subindo, até se fazer odio, que assás de vezes

achamos entre a mulher, e o marido; servindo as causas do perpetuo consorcio, que haviam de ministrar a amizade, e fé, de persuadir a inimizade, e perfidia.

Já que conto a v. m. historias assim, não hei cá de deixar esta. Solicitava com exquisita importunação em Roma a beatificação da veneravel matrona Margarida de Chaves, um seu filho, que eu muito bem conheci, e de sua bocca ouvi o que digo. Tinha o Papa Paulo V, remettido a causa a certo cardeal, que já andava tão temeroso do requerente, que em o vendo fugia d'elle. Succedeu chegar a fallar-lhe um dia, estando o cardeal mais que outros enfadado; e havendo-lhe lembrado, como costumava, seu negocio, lhe respondeu: Senhor, não nos cansemos em provas da santidade de vossa mãe; provai sómente que vos soffreu; que o Papa a declarará logo por Santa.

E' assim, que se considerarmos o que se soffre a homens impertinentes, e que se prezam de senhores absolutos, e que em nada tanto o parecem, como em se darem a padecer ás pobres das mulheres; sem falta ellas farão a Deus tão grande sacrificio de paciencia, que bem poderão ser contadas no numero das Santas.

Pois uns gritadores, e que por qualquer mosca que voou contra seu gosto, já fundem a casa, e tiram d'ella o segredo de sua má condição, e elles proprios o lançam na rua! Deus nos livre, senhor, de tão mau costume. Disse bem o que disse, que ninguem padece tanto incommodo, que, se puzer os olhos no que ou-

tros padecem, lhe falte razão para supportar o que padece.

Esta paixão toca de ordinario nos muito altivos, e nos muito desarrazoados. Aquelles cuidam que todos, e tudo fez voto solemne de os servir; estoutros não querem dar ás cousas algum desconto. Ambos são defeitos infelicissimos; porque como as mais das cousas, e casos não estão em nossa mão, acontece que todo o dia, todo o anno, e toda a vida, nos vão succedendo ao revez do gosto, e da conveniencia; ao que não remedeia nada a desconformidade com que se levam esses successos.

XLIII

Maridos calaceiros de criadas.

Parece-me será razão fazer uma breve lembrança a alguns, que dão em se torcer para suas criadas, com grande perigo, certo, da reputação de sua casa, a quem elles mesmos são aleivosos, e merecedores de que em seu damno com semelhante ousadia sejam de Deus castigados. As proprias aves de rapina, que não tem outro officio senão caçar, e prear o que encontram, costumam ir ao longe d'onde habitam, fazer seus empregos. Porque serão os homens menos fieis, e menos doutrinados?

Sendo certo que a porta principal para todo o perigo dos homens, é o illicito trato com as mulheres: nenhum dos mais licenciosos resulta com tão pessimos effeitos, como aquel-

te que se toma dentro na propria casa. O desconcerto do senhor d'ella é logo bem aprendido da familia; e como um delicto chame por outro, elles se multiplicam até um triste excesso.

As criadas, vendo-se queridas de seus amos, conspiram logo contra as senhoras, traçando de ordinario taes enredos, que não contentes da primeira offensa, as procuram despojar da honra, e da vida. Algumas com esperança de succederem em seus lugares (como não poucas vezes acontece); outras por gosar mais soltamente sua ruim liberdade. D'aqui ouvimos tragedias lastimosas; d'aqui vimos bodas infames.

XLIV

Avisos.

Entre os conselhos tocantes ás virtudes do animo, que variamente tenho apontado a v. m., convém fazer-lhe presente de alguns avisos concernentes ao bom governo de sua casa: cousa que por outro nome mais elegante chamam os philosophos virtude economica, segunda parte da sciencia civil, que tambem é segunda parte da philosophia moral. Isto em fim não é outra cousa que a industria, e prudencia com que o cidadão, o fidalgo, o grande, e tambem o pequeno, governam sua familia; que no principe é arte politica, ou materia de estado; chamem-lhe os philosophos como lhe chamarem.

Esse capitão romano, que tinha para si sa-

beria bem dispôr uma batalha aquelle que bem sabia dispôr um banquete, dissera melhor quando affirmasse saberia bem governar uma republica, quem sabia bem governar sua casa; pois é certo que a cidade é uma familia grande, e a familia uma cidade pequena.

Aconteceu-me um dia (e porque o conte com toda a verdade, era uma vespera de Reis) ir a visitar um fidalgo meu amigo, que por morar longe da minha pousada, e serem dias de inverno, cuidei que o não achasse já em casa. Era mancebo, e notados de pouco governo, elle, e sua mulher. Cheguei emfim á sua porta, e mandando saber se estava em modo de receber minha visita, em quanto lidava n'esta averiguação um pagem (batendo em vão a muitas portas) ouvi eu muito bem lá de dentro uma voz que dizia: Fulano, ide a casa do cura, e perguntai-lhe da parte do snr. D. fulano, se é hoje dia de peixe, ou de carne. Se disser que de peixe, trazei-o da ribeira; se disser que de carne, trazei-a do açougue; ide depressa, para que se faça de jantar. Era isto, quando menos, de uma para as duas horas. Veja v. m. que tal seria para os servos o governo d'aquella casa, quando para os senhores d'ella era d'esta maneira.

Não são numeraveis os descontos, que causa um senhor froxo. Vulgar, mas certissima, sentença é aquella, de que então doem todos os membros, quando a cabeça está doente. Conheci um homem de grande qualidade, e juizo, em tanta maneira remisso, que mandava pedir a

um seu amigo viesse a pelejar com os seus criados e obrigal-os a que o servissem.

Ora estes excessos contam-se como monstruosidade; e não poucas vezes convém trazel-os á memoria para os aborrecer.

Toda a governança de uma casa, eu reduzo a dous pontos: Pão, e panno; ou prato, e trato, regra, que muitos dias ha que sabe a prudencia. Pelo pão, ou prato, podemos entender todos os bens, e commodos das portas adentro. Pelo panno, ou trato, entenderemos todos os bens, e commodos das portas afóra. Alguma cousa d'isto toquei nos avisos passados; menos porém do necessario.

Mas especializando de novo esta materia, convém que o senhor da casa procure que sua familia ande acommodada, e lustrosa, segundo seu estado, desvelando-se, e buscando os effeitos para a conservar inteira em ambas estas qualidades. O commodo do pão, por que se denota o mantimento ordinario, deve com grande providencia ser provido, para que a casa seja abundante, e que n'ella com ordem, e sem miseria se reparta. Pouco importará que de fóra se tragam a casa os meios que a pódem fazer abastecida, se n'ella se vive em proluxa abstinencia. Muito peior levam os criados a abundancia miseravel, que a pobreza liberal.

Outros, com o escriptorio bem provido, pagam mal, vestem peior. Não me ponho da parte da fortuna, que muitas vezes faz que os amos que menos bem tratam seus servos, sejam os mais bem servidos; advogo pela razão,

que obriga, desengana, e manda a quem quer ter bons criados, que lhe queira ser bom senhor. Aquelle, que de seus criados espera adivinhem seus pensamentos, adivinhe tambem suas necessidades.

Tenho por regra geral muito conveniente, que o prato da familia seja mais copioso que curioso; e o trato mais curioso que custoso. Comer a horas, vestir a tempo. Dizia um grande senhor, por outro de muito menor estado, mas de grande concerto, que nunca desejára cousa como ser criado de fulano; porque assim os tratava, e conservava inteiros, que não só não envelheciam jámais nos vestidos, mas que nem na idade.

Pague bem; isto é, a tempo. Aos criados o que lhes prometteu; aos officiaes o que valer seu trabalho. Será bem servido de uns, e outros. O premio deve seguir ao serviço, para que o serviço acuda á necessidade. Quem paga logo, paga com menos; porque se o dar logo, é dar duas vezes, verdadeiramente se estima em muito mais do que é. Quem paga tarde, tem já os animos tão desabridos, que com outro tanto mais do que deve os não deixa satisfeitos. Perguntavam a um criado, a quem servia? e respondia que a um filho seu; e tornando-lhe a perguntar que dizia n'isto? respondeu: Sirvo a meu herdeiro. Por semelhante razão disse um discreto, andava errado o proverbio de que quem bem paga é herdeiro do alheio, porque muito mais certo é ser herdeiro do alheio, aquelle que o alheio não paga.

XLV

Meza.

A todas estas cousas assista a previdencia, e não a soberba; que sendo guiadas por aquella, serão justas, e excellentes; e por esta demasiadas, e escandalosas. Convenho em que o casado principal tenha a sua meza não faminta, limpissima, e bem servida; mas, que seja meza para a bocca, não para os olhos. Quero dizer, que ministre a necessidade, e não a vaidade.

Ora contarei duas cousas a este proposito estranhas, e que ambas vi, e alguma experimentei com meu damno. Havia um grande de Hespanha tão grande na vaidade, certo, como na miseria; mandava-se servir de doze pratos ao jantar, e outros tantos á ceia, que se lhe ministravam em publico com notavel ceremonia; e era certissimo que só d'elles os tres levavam iguaria, e os nove passavam sua carreira tão vazios como a cabeça de seu dono.

A outro vi, que tendo, por razão de seu cargo, o prato de certo principe, a quem servia, mandava levar as iguarias a sua casa, as quaes lhe serviam a elle á meza, e de que pouco se servia. Succedia-lhe logo outra meza de seu filho herdeiro, que comia com hospedes de ordinario, e de quem eu o fui algumas vezes; e eis aqui que appareciam outra vez aquelles pratos, sendo já a terceira que no mesmo dia tinham sahido a publico; mas não parando n'esta meza, se armava o tinelo, e lá iam aos

criados maiores, e d'elles desciam os residuos aos menores; de feição que cinco papeis faziam os pobres pratos antes de serem de todo consumidos. Por onde, com agudeza bem da sua terra, dizia um dos criados d'esta casa, *que el N. su señor era el mayor cavallero de España; porque se servia com nietos de infantes; porque todos sus criados estavan en el quarto grado con S. A.* Alludindo ás quatro mezas, por onde, como graus, vinham descendo a elles as cousas, que na sua se comiam.

Tanto póde, senhor N., a vaidade com os homens, e mais no tempo de hoje, que lança sancadilhas á natureza, e a derruba. Que o homem coma bem por necessidade, póde passar; que coma bem por regalo, póde passar; mas que funde seu credito em pratos vazios, ou apparecidos como figuras de comedias, guarde-nos Deus de tal semsaboria.

O' servir á meza com os criados, cousa é costumada; mas em verdade que estes nossos portuguezes servem com tal descuido, ou confusão, que tinha por não grande perda o servir com as criadas. Misturas d'elles, e d'ellas não fizera eu nunca; e sempre aconselhára ao senhor se servisse com as criadas, senão fôra destituil-os a elles para nunca o saberem servir quando vem hospedes: onde è necessario que os criados assistam, e onde convém que saibam melhor o que fazem; cousa, que raramente sabem fazer os nossos.

Achei-me na côrte de Londres, em casa dos embaixadores de S. Magestade a aquelle

tregico rei Carlos I; e havendo-se de dar alli uma ceia ás damas da rainha, e ás maiores senhoras de Inglaterra, supposto que na casa se tinham mui decentemente preparado aquelles ministros; eu que sou assim proluxo, e não vi em nenhum de seus criados a arte necessaria para tal ministerio, o tomei á minha conta; e com um filho, e um neto de um embaixador, o genro de outro, e o secretario da embaixada, o negocio se dispoz de feição, que se deram as convidadas por melhor servidas ainda do que regaladas. Tanto importa o saber servir ás mezas nobres, que verdadeiramente é a principal iguaria d'ellas; mas entre nós poucas vezes achada; e tambem digo que nem muitas achada menos.

Acabo isto com o exemplo de S. Magestade, que põe fim a todas as razões, e esforça a minha; pois podendo ser servido de seus criados, os deixa, e certo que com grande accordo, e se serve com as damas, e criadas da rainha. Tenho para a pessoa de qualquer estado por mais limpo, e quieto modo de servir á meza, aquelle das mulheres, ainda que não sejam anjos as que ministrem. E por isto dizia um convidado de uma sua parenta, que o fazia servir de duas criadas, uma feia, e outra bem parecida: Senhora, cá viera todos os dias, se a feia só me servisse; porque est'outra é anjo, que me deixa anjo.

Já que aqui estamos, diga-se (pois tambem importa) que não se coma deshorado; quero dizer, fóra de tempo. E' grande inconveniente

para as pessoas a quem assistem seus criados, Quando o ministerio, o officio, ou negocio assim o pedissem, fôra de parecer que os criados comessem primeiro; porque de outra sorte seria intoleravel, e anda sempre a casa mal servida: acontecendo que por esperar o senhor que comam os criados, se comem depois d'elle, perder mil vezes o negocio, ou sahida, por não ter de quem se acompanhe.

Gabo muito, senhor meu, um conservar nas casas certos costumes nossos familiares, e antigos, que as fartam, alegram, e agasalham, corroborando de novo o amor que se tem ao senhor da casa. Teve v. m. um parente grandissimo mestre d'estas politicas, e o mais amado amo de seus criados que eu vi jámais, por estas e outras utilissimas humanidades que guardava com elles.

XLVI

Comedias e romarias.

Digo eu que o casado, por alegrar sua mulher, e familia, mesmo de seu movimento, mande (se as houvesse) fazer em sua casa duas, e tres comedias cada anno. Seja elle proprio o que com ellas convide; tem-se aquillo em muito; dizem logo d'elle que é um anjo; e na verdade é mostra de bondade folgar de que folguem os outros com as cousas decentes. Não como o nosso rei D. Pedro, que chamaram crú,

e cruel; que mandava de noite acordar o povo que dormia, porque elle não podia dormir.

Arme outras tantas romarias, e folgas, que cheguem até aos menores. Mostre-se-lhes assim leve, e cuidadoso de seu regalo. Reparta com prudencia dos mimos que lhe vierem, já da renda, já do presente. Ha casas onde se perderão cem queijos de Alemtejo antes que dan um a um criado. Aquillo de matar porcos pelo tempo é lance cazeirissimo, e bem aceito, que faz os homens bem quistos até da visinhança. E para dar algum gosto a esta baixeza (que não quiz que me esquecesse) direi o que aqui dizia um malvado cortezão; que assim como cada homem, por bom governo de sua casa, devia matar cada anno pelo menos dous porcos; assim por bom governo da republica, devia matar cada anno pelo menos dous vilãos ruins. Por tão bom costume tinha este aquelle agasalho; o que bem favorece o nosso rifão quando diz: O dia de S. Thomé quem porco não tiver, matar póde a mulher.

XLVII

Quintas.

O ir ás quintas louvo, o morar n'ellas não gabo; não porque me pareça indecente, mas porque o tenho por desaccommodadissimo; vindo a ser estas quintas uma quinta essencia da ciganaria. Estraga as casas, desbarata os moveis, destroça os criados; nada se forra, antes

se gasta mais; e os homens nem gosam a quietação do campo, nem a auctoridade da corte. Entendo por estas quintas aquellas, das quaes se póde vir cada dia a Lisboa, onde com commodidade, ou sem ella, nenhum dos visinhos deixa de vir cada dia: pelo que disse com a graça que costuma, um nosso discreto, que o coche de fulano ia tres vezes cada anno a Jerusalém, lançando as contas certas ás leguas que andava cada dia o coche e seu dono, indo, e vindo de outra tal paragem.

Os grandes cortezãos fazem a vivenda do campo aborrecivel, que ella de seu não é; antes alegre, e conveniente. Sendo um convidado de certo fidalgo para estar com outros em uma sua quinta dous dias, ao segundo sem se despedir dos companheiros, tomou o caminho da cidade; gritavam-lhe os mais, que se detivesse, e como o fizesse assim, e lhe perguntassem aonde ia, respondeu: Amigos, vou-me, porque se estou mais de vinte e quatro horas no campo, cuido que me torno boi.

Julgo por importante acção não viver de continuo na corte, e me parece que ha uns tempos proprios de se retirar (o casado com sua familia) a viver no seu lugar, commenda, ou herdade; em fim aquella parte que mais commoda fôr para a vida. Se hei de apontar regras a este tal retiro, dissera que tendo o casado mais de dous filhos, era o proprio tempo. E que os annos da ausencia da corte podiam bem ser aquelles em quanto os taes filhos crescem; e não perdem por não ser conhecidos até en-

tão; como se dissessemos, até idade de oito, e dez annos.

Depois é bom tornar á côrte a introduzi-los n'ella, para que o rei os conheça, e elles se criem sem espanto dos pâços, que sem duvida o causam aos que os não viram desde a mocidade, como se diz das aguas do Nilo, cujo estrondo é medonho ao forasteiro, e do natural não é ouvido. Dizia o Duque de Alva, pai do que hoje é, sendo Mordomo-mór de El-Rei de Castella: *Si dos dias estoy sin venir a Palacio, al tercero ya tropieço en las esteras, o ellas se burlan de mi.*

Pareçe-me que depois de vindo até casar estes filhos, se não deve fazer ausencia; e que, casados elles, se faça para descansar a velhice, ou maior idade; e dar um christão intervallo entre os negocios, e a morte: que é o mais importante negocio para os vivos.

Esta observação só comprehende aquelle que vive só para si, e comsigo; porque para o ministro, para o soldado, e para o criado do principe, que vai de uns empregos subindo a outros, e merecendo cada dia mais, não é meu animo dar por conselho que sem causa deixe cada um sua profissão, e augmentos. Com causa não lh'o negára; nem, quando o fosse, fôra tão indiscreta a minha confiança que esperasse d'esses taes se governariam pelas regras de um homem que tão mal se governou.

Estas ausencias trazem grandes, e muitos proveitos á vida, á saude, á fazenda, á salvação. A' vida, porque no campo se vive mais-

á saude, porque seus exercicios a conservam; á fazenda, porque se gasta menos, á salvação, porque faltam as occasiões que a arriscam, e anda o animo mais livre para cuidar em Deus, e em si mesmo.

Não fallece com tudo quem tudo isto contradiga, porque, como dizia um discreto, todo o homem põe outro nome á sua vontade. Assim é notavel a controversia, que houve sempre sobre este modo de vida retirada. Um fidalgo nosso antigo se gabava que só de «não no ha ahi» poupava no campo ametade de sua fazenda. Mas não fazia isso assim outro castelhano, que quando se viu alcançado, fingia que se retirava, e não sahia da côrte, e dizia que: *Para descançar cada uno a su casa, no havia cosa como comer-se media dozena de pajes y lacayos sin salir de su tierra.*

Estas taes retiradas costumam sempre ter grande contradicção nas mulheres; e quanto ellas na côrte são melhor vistas, mais aparentadas, e gozam maior applauso, tanto mais impugnam tal resolução dos maridos. Contra isso não tenho mais que dizer, que o que disse um mesquinho a outro que lhe pediu dinheiro emprestado, offerecendo-lhe sete razões, pelas quaes lh'o devia de emprestar: Nas mesmas sete me fundo eu (disse o mesquinho) para não fazer o que v. m. me pede.

XLVIII

Viagens.

Não me posso escusar de dizer duas palavras a uns certos casados, que toda a sua ancia, e desejo é andarem sempre ausentes de sua casa, em viagens e jornadas, umas para que elles se convidam outras do que se não desviam; deixando as mulheres moças, e ás vezes bem desamparadas de todo o resguardo que lhes é devido. Estes costumam dizer, que por buscar pão, e honra se ausentam; e não poucas vezes vimos quem taes demandas se perde de contado a fazenda, e não poucas vezes se arriscam cousas que valem mais que ella. As mulheres casam para serem casadas. E' o contrario não entender cada um sua obrigação.

Fallava uma viuva com um homem um dia, que sabia que ella era viuva, e ella dizialhe: Senhor eu nunca casei, vêde vós como posso ser viuva. Replicava o outro, que sim o era, porque conhecera em tal parte o senhor fulano seu marido; e ella tornava: Senhor, digo-vo-lo porque eu casei por procuração, e fui casada por carta; e isto é não ser casada. E era assim, que pelas ausencias de seu marido apenas o conhecera.

Se estamos sós, senhor N., hei de contar a v. m. uma historia de mancebo, que ouvi em Barcelona. Havia alli um fidalgo casado de pouco, cujo nome era Mosen Gralha. Passou o imperador Carlos V. para Italia, e o seguiu este

catalão a despeito de sua mulher moça, formosa, e honrada. Engolfou-se o marido em serviços, e esperanças, e não fazia conta de vir tão cedo. Enfadava-se a mulher, e lhe requeria muitas vezes que viesse; mas desesperada já da vinda, dizem que lhe escreveu em catalão estas palavras: *Mosen Gralha, Mosen Gralha, mon amor non manha palha*. Tomou o soldado a carta, levou-a ao imperador que lh'a interpretasse; o qual conhecendo o que queria dizer (que é facil de conhecer-se) e fazendo-lhe mercê, gabou a confiança, e discripção da mulher, e mandou para sua casa seu marido.

Mosteiros, recolhimentos, e outros resguardos semelhantes, em que os homens depositam suas mulheres, não deixam de ser arriscados; e de certo, quando a occasião não seja muito urgente, é usar com as mulheres ruim lei, e faltar-lhes com a fé, e companhia devida; porque se cada uma d'aquellas quizera ser freira, bem escusara de se cazar.

Advirta-se todo o casado, que no ausentar-se por longo tempo de sua casa tenha muito tento; e seja raro o interesse porque assim o faça. Disputavel foi entre os politicos, se convinham, ou não os capitães casados, ou solteiros. Disseram aos reis, se fallara com elles, que para as conquistas, e guerras offensivas que se fazem em provincias distantes, buscassem os solteiros; porque pela liberdade se arriscam; e por virem a descansar na patria, e buscar esposa, abreviam mais as emprezas, e são menos custosos na vida, e na morte a seus

senhores. Ao contrario, para dentro de sua provincia, e na guerra defensiva, prefiram os casados aos solteiros nos postos militares; porque por defenderem a mulher, filhos, e honra d'elles, costumam os homens obrar maiores feitos, que por beneficio de sua propria vida.

O mesmo, que aconselhara aos reis para com os vassallos, aconselhara aos vassallos para com os reis. Assim nas eleições, assim nas pretenções.

Passa v. m. por isto? Que me hia eu agora mettendo em politicas, e cousas de estado sem me sentir! Lá se avenham os que mandam o mundo. Com licença de v. m. quero fazer minha volta, e vir-me do pégo para a terra.

XLIX

Esquisitices e tratamentos.

A cousa com que mais attentado sou, é, uns que dão em nomearem as mulheres por circumloquios; chamando-lhes ora a minha velha, a minha companheira, a minha hospeda, a minha obrigação, a mãe dos meus filhos, e cousas assim, que em qualquer tom que sejam ditas, parecem pouco graves, e, a meu juizo, indignas, de se acharem na bocca de nenhum sisudo. A mulher de que o homem se preza, e o homem de que a mulher se honra, porque não hão de ser por seus nomes nomeados? Digo d'ellas para elles outro tanto.

Os parentes, se se cazam, costumam chamar-se pelos graus de seu parentesco, as mulheres aos maridos, e os maridos ás mulheres. Eu sou amigo da verdade; e antes aconselhára a cada um que dissesse minha mulher, e meu marido, que minha prima, nem minha sobrinha, nem meu tio, nem meu primo. Todavia não é costume condemnavel, se o não fosse com tal excesso que désse a occasião, que deu outro, que de continuo nomeava a mulher por sua prima, a que um criado seu, havendo de lhe escrever, lhe poz no sobrescripto: A' senhora prima de meu senhor; porque lhe não sabia o nome.

Se hei de levar ao cabo minhas impertinencias, tambem quero fallar alguma cousa sobre o estylo de se fallarem entre si os casados. O *tu* è Castelhano; e por mais que elles o achem carinhoso, como lá dizem, é palavra muito de praça, e que ao mais não deve de quebrar a menagem da camara para fóra. O *vós* è francez, que com um *vous*, receberam a mesma rainha Sabá, se cá tornára. Tenho-o por demasiado vulgar. O *elle*, e *ella*, um—ouve, senhor? Que diz senhora? é termo bem portuguez, assás honesto, e bem soante. As senhorias, e excellencias, a quem pertencem, gravidade induzem; mas parece um certo modo de esquivança tratar um homem sua mulher como se o não fôra. Fiquem-se para os principes, e reis as altezas, e magestades; e prohibam-se-lhes tambem aquelles afagos humanos entre os mais affectos que lhes não podem ser communs. Por onde já

dizia D. João o segundo, que por só tres dias folgara de poder ser homem.

Tratem-se, a meu rogo, os nossos casados com aquelle modo que melhor companhia faça guardar ao amor, e á estimação; que é uma excellente conserva para a vida dos honrados. Sem embargo, os mais moços tem privilegio para poderem sahir tamalavez da severidade d'estas regras.

L

Conselhos ás senhoras.

Ora muito ha que lhes não digo nada ás casadas, ás quaes tenho para encommendar uma acção não inutil, antes de grande conveniencia. Ha muitas, que de desgostos que não podem remediar, tomam em si o castigo; cousa totalmente indigna, como injusta. Umas, por serem mal casadas, se desmancham em si mesmo, e desfiguram, com o que vem a ser peior casadas. Aquellas a quem lhes morrem os filhos, aquellas a quem lhes não nascem, vivem não sómente desconsoladas no animo; mas o dão a entender no trajo, e rostro; de que os maridos prudentes, e que mais as estimam, se entristecem, e vivem affligidos; e os de leve condição tomam motivo para procederem mais levemente, achando facil a desculpa, que não tem, no exquisito modo das mulheres. Nascem d'esta desordem outras maiores, em grande offensa da paz; porque de ordinario os homens não são da condição de um meu amigo, que dizia a sua

mulher n'outro tal caso: Senhora, desenganai-vos, que por mais que me façais, nem vos hei de querer mal, nem me haveis de parecer mal.

Deve-se á fé, e igualdade no matrimonio contrahida, grande satisfação; e assim como entre os bem casados é digno de muita dôr, faltar a algum d'elles a vida; assim é digno de muito sentimento faltar a alegria de algum. Já deixo dito que as almas dos casados são communs; seus gostos, e pezares. Não haja parte que se queira levantar com a parte alheia. Nenhum chore, nem se alegre, mais do que póde tocar de affecto á sua ametade.

Pois a proposito d'estas que de tristes se desconcertam, farei lembrança de outras que igualmente são reprehensiveis por, de muito alegres, se concertarem mais do necessario. Já disse acerca das galas, e adornos; e não sei se de nojo, ira, ou esquecimento tardei até agora em fallar de umas que põem no rostro.

A mulher que põe no rostro, põe n'elle sua injuria, e tira d'elle sua vergonha; não belleza, nem mocidade põe por certo; porque não só offende o siso, mas os annos, e o parecer. Todos entendem logo que pouco se fia em si aquella que de tão baixas cousas se ajuda. Sempre se teve por cobarde o que muito se armava. Quantas, em vez de agradarem aos que as veem, por essa propria diligencia escandalisam, e vão como convidando o riso, e a mofa da gente que pretendiam admirar, e affeiçoar, póde ser! Este abuso é digno de que o marido,

logo que o conhecer, o atalhe por todos os meios; porque a idade o não emenda, antes o accrescenta. Tenho por certo que tão ruim conta dá de seu juizo o marido que soffre posturas a sua mulher, como dá de seu entendimento a mulher que as usa. Uma convidava a seu marido que se sentasse junto d'ella; e elle dizia: Deixai-me, que de uma doença me ficou grande entejo aos doces da botica. Outro dizia por uma sua parenta, que com muitos annos sobre si, trabalhava pelos lançar fóra do parecer: Minha tia fulana não quer senão esperdiçar desenganos. E na verdade assim é, porque a graça da mocidade se não alcança, e se perde a gravidade da velhice. Os rostros se desfiguram com os martyrios que n'elles fazem os unguentos; e as pobres são escravas de sua presumpção. A que alludia um discreto, dizendo por outro tal: Muito ruim cativeiro se dá aquella senhora ao seu rostro. Mas com muito mais graça que todos o disse (como sempre) o cardeal Çapata, que visitando uma senhora romana de maior idade, e muito dada a este máo costume, como ella lhe perguntasse que novas havia em Italia, e elle visse tão maltratado seu rostro pela força das posturas, dizem que lhe respondeu: *Illustrissima señora, mui malas nuevas tenemos; porque segun las cosas corren, yo estoy viendo Soliman apoderado de Civita vieja.*

E porque, escrevendo eu a v. m., e regulando estas amoestações, ou conselhos, segundo as pessoas de seu porte, das quaes costumam

sahir sempre (palo menos sempre deviam sahir) as que occupam grandes lugares na paz, e na guerra, não será sem fruto deixar advertido a todas as mulheres, que o chegarem a ser de ministros, e pessoas que tem á sua conta os negocios publicos, alguma cousa tocante á conservação d'esse estado.

LI

As ministras.

Dão muitas d'estas senhoras mulheres de ministros, com grande risco de seus maridos, e casas, em quererem ser ellas ministras tambem como elles. A tres pontos se reduzem estes inconvenientes: Interceder pelos que pretendem, negociar com os despachados, revelar segredos aos negociantes.

Não sei qual é peior. Affirmo que tudo é pessimo para a opinião dos ministros, cujas mulheres se deixam levar do applauso, interesse, e ambição. Tenho em meu poder a copia d'uma carta de Carlos V para D. Filippe seu filho, quando em uma de suas jornadas o deixava governando, e instruia dos sujeitos que lhe dava por ministros; e chegando a um, de quem não tinha tóda a satisfação, diz estas palavras: *Fulano era el mejor de todos, si fuera eunuco; porque la muger deshace en aquel hombre las mejores partes que he visto.*

Nas mulheres de ministros de justiça é mais perigoso este costume. Mas porque os de estado são pessoas maiores, quando n'elles se

acha este defeito, é mais notavel; ou quiçá que o não é tanto nos primeiros, por ser mais ordinario. Ao que alludia um cortezão, que, pegando-se o fogo em casa de um ministro de justiça pouco escrupuloso, ia dizendo pelo caminho: Acudamos, senhores, á nossa fazenda, que se nos queima.

Queixava-se um requerente a outro de que um seu juiz, sendo pobre, gastava como rico: e nomeando suas ostentações, rematava com dizer: Pois isto, senhor, de que sahe? E outro lhe respondia: Do que entra. Tornava o queixoso, e dizia: Senhor, não fizeram isso seus passados; e outro respondia: Não, senhor, mas fazem-no nossos presentes.

Costumam as mulheres de alguns ministros, pela propria razão que se houveram de abster, e ajudar com grande tento a levar aquella carga a seus maridos, occasionar-lhes seu precipicio, carregando-os de novo com suas desordens, e vindo depois com elles a terra.

Deve o marido começar por si mesmo no cuidado que é bem que tenha de sua conservação. E pois é certo que ao proprio sangue, em que nossa vida consiste, lançamos das vêas, se se corrompe, porque não apodreça o outro que nos fica, quanto mais se deve sangrar a ambição, ou interesse, se na mulher fôr conhecido, que em breve tempo ameaça corrupção á saude do corpo, e da familia: morte da casa, do officio, e da conveniencia?

Confesso que fôra licito á senhora mandar sua encommenda, fazer ao marido esta, e aquel-

la lembrança por um, ou por outro pretendente, e ainda favorecer a algum que o merecesse, dando-lhe uns longes de seu negocio, com que lhe podesse dar remedio. Mas como estas cousas sejam de seu natural perigosas, poucas vezes acontece que n'ellas se obre sómente o licito. Contentára-me com que a pena do desconcerto se ficára com o auctor d'elle; mas não é assim; antes, da inconsideração da mulher é o marido sempre (sem ser o fiador) o principal pagador.

Havia em Castella um ministro dos que vou dizendo; era pouco limpo, ainda que mui asseado; mercadejava a mulher, e ganhava sempre: elle dizia, quando lhe gabavam suas alfaias: *Muchas gracias à la industria de doña Clara.* E o certo era, que a industria era clara com que D. Clara se aproveitava de sua industria.

Passando às Indias um mercador, lhe foi dada certa encommenda da mulher de um ministro; e acertou o pobre de se perder, e perdel-a, com todo seu cabedal. Tornou a Hespanha, e á côrte; e não lhe sendo recebida em desconto a perdição, houve tal violencia no caso, que lhe fizeram pagar aquella encommenda com ganhos, e cabedaes, como que não pudesse ser perdida como as outras. Voltou a Sevilha, e topando a outro mercador seu amigo, lhe perguntou aonde hia, e havendo-lhe dito que á igreja maior, a segurar com Deus, e com os homens de negocio, certa grande partida de fazenda que esperava de fóra, então lhe disse o queixoso: *Andad, señor, y no hagais tal; me-*

jor es encomendarla a mi señora D. fulana, que toda la saca a puerto de salvacion.

Mas porque toquei arriba ácerca dos segredos que as mulheres costumam revelar dos officios de seus maridos; a proposito virá agora tratar d'esta materia, assás essencial para o descanso do matrimonio.

LII

Segredos.

Vi, senhor N., e ouvi já grandes disputas (e tive já boa parte n'ellas) sobre se se deve dizer á mulher, ou não, tudo o que se sabe. Eu, que fui sempre amigo de ver amar com singeleza, muito tempo tive para mim, que a mulher honrada havia de ser uma boceta, em que se guardassem os secretos mais intimos de seu marido; e que esse era dos maiores bens do casamento, achar um homem na mulher um coração fiel, com quem poder repartir dos cuidados, e ancias, que ás vezes não cabem no coração do homem, com a mesma confiança que se não sahissem de seu animo; e que tudo o contrario era um amar fraudulentamente.

Isto era o que eu cuidava; mas não é isto o que hoje creio, nem o que aconselharei a meus amigos: antes me tem mostrado a experiencia, e maior observação, que alcancei com os maiores annos, e com os novos casos, que contra esse mesmo amor, e legalidade, que á

mulher propria se deve, irá aquelle que lhe fiar segredos, e paixões á sua capacidade aventajados.

Parece-me a mim agora isto como quem põe meada grande em dobadoura pequena, que em lhe puxando pelo fio, traz o fio a meada, e a dobadoura, tudo a terra. Senhor meu, se carregarmos uma caravella com o lastro de um galeão, mette-la-hemos no fundo. Os segredos que se fizeram para os grandes corações, fiquem-se n'elles. E traga-se sempre presente aquelle notavel dito do outro: Nunca me arrependi do que não disse.

Porém, pois em tudo vou pondo dos meus unguentos, saiba-se que não julgo as mulheres por de todo indignas de que se lhes confie alguma materia importante. E assim, se houvessemos de medir pela razão este negar, ou fiar segredos, diria: Que as paixões proprias eram, e são, dignas de lhes serem communicadas. Os pontos da honra, os mysterios do officio, as confianças do rei, as resoluções da republica, estas deve reservar o casado em seu peito indispensavelmente.

Se eu posso dar regras, melhor regra será esta: Póde-se dizer á mulher o que a mulher póde remediar com suas forças, ou com o conselho; o que não póde remediar, não convém que se lhe diga. Confesso houve, e haverá no mundo mulheres de grande coração, donde fora bem empregada toda a confiança; com tudo isto são como uns baratos, que dá a natureza, quando se acha rica, e sobeja, que não deve-

mos de esperar haja repartido com todas; e apenas podemos crer que com algumas os repartisse.

LIII

Casamentos dos filhos.

Uma das cousas, em que os casados mais necessitam de advertencia é nos casamentos dos filhos. V. m. ainda está longe; porém, como n'isto fallamos por uma só vez, não será justo que, havendo-me lembrado de tanta impertinencia, me esqueça de cousa tão importante.

Anda uma pratica entre os homens, que affirma que o tempo do casamento dos filhos é quando houver melhor occasião. Esta regra, a meu juizo, é bem fallivel; porque, dado que haja boa occasião para casar, e má disposição para casar, em tal caso o acerto seria duvidoso, e as mais vezes não seria. Deve-se entender isso da occasião depois da disposição, e quando a vontade dos filhos estivesse conforme para receber esse estado. Porque ainda que das conveniencias d'elle se podia esperar que o proveito trouxesse o gosto; todavia a vontade, que é n'esta demanda o auctor ou réo, raras vezes se governa por essas regras; e de casamentos sem vontade não ha que esperar contentamento.

Seja livre a eleição do estado dos filhos; mas de tal sorte livre, que seus pais os estejam sempre inclinando a aquelle que lhes convém. Sejam então seus conselheiros, não seus senhores.

Mas filhas é grandissimo perigo; porque havendo trazido a vaidade humana umas leis (certo tyrannas) contra a honra, partes, e virtude, e só em favor do interesse; succede de ordinario que nas casas illustres, e grandes, onde ha muitas filhas, apenas póde haver dote com que casar uma como convém. Ficam logo as outras condemnadas a perderem por força a liberdade, e haverem de tomar estado que não desejam, e violentissimamente soffrem.

O remedio d'este damno é quasi sem remedio; porque seria necessario emendar primeiro toda a republica, e os máos costumes d'ella. Se nos houvessemos de governar por exemplos passados, vimos que muitos grandes homens, achando-se ricos de filhas, se fizeram maiores nas descendencias, e a ellas não violentaram. Recolheram na religião as que a pediam: casaram as que o desejavam. N'este caso, parece que o pai de muitas filhas se póde contentar não abaixando, sem que procure subir; que mais claramente é dizer-lhe, poderia cazar suas filhas com pessoas que lh'as pedissem para se honrar com taes mulheres; e não querendo achar para genros homens com que se honrasse. Basta que se não deshonrasse com elles. Isto não é sempre, nem para todos; nem lhes nego a todos que procurem o melhor; mas amoesto que se accomodem com o possivel.

Guardaram esta materia de estado muito notaveis pessoas d'este reino, que pudera nomear, se não fora aqui escandalosa a comparação: fazendo memoria de algumas desigual-

dades, que depois igualou o tempo, e a fortuna.

A valia dos principes, a grande riqueza, o valor notavel da pessoa nas armas, ou nas letras, quando seja acompanhado de limpeza de sangue, realçam as qualidades dos homens de sorte que os fazem merecedores de se poderem aparentar com os maiores; e a estes dão confiança para se deixarem aparentar com elles.

Dizia um grande senhor em duas palavras tudo o que aqui ha que dizer: Que com seus filhos haviam de ir rogar seus pais, para serem bem casados; e para suas filhas haviam de ser rogados, para serem bem casadas. E outro, não menos intendido, costumava dizer: Que as boas partes eram chapins da qualidade, que faziam crescer as pessoas de sorte que muitas vezes igualavam os pequenos com os grandes.

Falta-me aqui por advertir alguma cousa a umas certas mães, e não sei se a alguns pais, que dão seus geitos ás filhas para que se cazem; particularmente a aquellas de bom frontispicio, largando-lhes para esse effeito um pouco a redea do recato.

Digo de mim, que sou austerissimo n'esta materia. Se a houvesse de julgar conforme meu natural, não acabára nunca de condemnal-a. Vemos com tudo pelo contrario tantos exemplos, que parece tem já tirado o horror que n'ella acharam outros. Fóra de Hespanha é tão ordinaria esta arte (em Flandes especialmente) que os galanteios são permittidos, e devidos, e chega a tanto, que os pais, e mães vem a ser

os mestres das filhas, a quem aconselham os termos porque se devem haver com seus amantes até os obrigar a que lhes sejam maridos.

De má vontade direi (mas emfim o digo) que se póde dissimular a uma filha, quando se saiba é bem vista de tal pessoa, que lhe estará bem para marido. Mas devem ser taes os modos porque esta dissimulação possa ser licita, que tenho o achal-os por impossivel. Aconselhará n'este caso o animo de cada um.

Vem agora aqui o cazar a furto, que chamamos, e contra a vontade dos pais. Isto é em duas maneiras: em acção, ou em paixão, em acção casando o filho, em paixão sendo a filha casada.

Ao homem que seu filho se casasse bem, ainda que contra vontade de seus pais da mulher com que casasse, aconselhára que o soffresse, que de secreto o ajudasse, e se não d'esse por contente, nem descontente da acção d'aquelle filho. Receitaria n'este caso uma ausencia, que é cousa utilissima para negar ao juizo publico a tristeza, ou alegria, quando d'ellas não convém testemunho. E se fosse antes do successo, seria maior prudencia.

Ao homem que sua filha lhe fosse levada para casar com o filho alheio, se assim fosse que n'isso não perdesse, aconselharia que se fosse após d'ella, e se vencesse no pezar que lhe daria essa desobediencia; que nos mais é teima, e raiva, e nos menos verdadeira dôr.

D'estas abominações entre os pais dos que assim se casam, nascem de ordinario inimizades, brigas, contendas; e mais de ordinario

publicos ditos, remoques, e deshonras; desenterram-se avós, publica-se o que se não sabia, vão os escandalos de monte a monte; então no cabo de todos seus defeitos, verdadeiros, ou mentirosos, virem á praça, eil-os amigos.

O casar bem dos filhos póde absolvel-os da culpa de ser a desgosto dos pais; que obrigados eram a ter gosto do augmento dos filhos. Finalmente o modo sempre era bem que fora bom; mas lá diz o rifão castelhano: *Hagase el milagro, hagalo el diabló*. O casar mal, e a desgosto dos pais, é o ultimo desconcerto, e o que mais vezes se vê. Tem só o remedio na preservação; porque para o erro não ha mezinha. Advirtam-se assim os pais de darem com tempo estado aos filhos; e pelo menos, quando não possa ser com a brevidade que se deseja, mostrem-lhes que d'isso se trata. Com esta esperança os entretenham.

Acontece haver homens, que por se gosarem de sua casa inteira, ouvem mal, e respondem peior aos casamentos dos filhos; e não poucas mulheres ha que por não verem a nora enfeitáda junto a si, ou a filha descoberta, e proximo o perigo de serem avós antes de tempo, enxotam de casa as boas occasiões das bodas dos filhos, que dão em ser tão melindrosas, e desconfiadas, que poucas vezes tornam onde uma vez as desprezaram. Vele-se de tão indignos defeitos o marido sisudo, e a mulher honrada. Queiram para os filhos quando sejam pais, aquillo que, quando eram filhos, quizeram para si.

LIV

Sogras, noras, genros, e cunhados

Não é pouco, nem pouco proluxo, o que se tem discursado. Cada ponto quizera já que fôra o ultimo; mas com licença de v. m. não me haverei de despedir sem fallar em sogros, e sogras, noras, e genros, cunhados, e cunhadas.

Estes soem ser uns mal-estreados parentescos. Certo que já me puz a philosophar comigo sómente, sobre a causa d'esta desavença; e outra não posso achar, salvo aquella que em outra differente causa deu o mestre dos politicos, dizendo: Que aos grandes eram agradáveis as obrigações, em quanto as podiam pagar; mas como cresciam mais, ainda em vez de amor causavam odio.

Julgo que é tamanha a divida que se tem aos sogros, e estes aos genros, uns a outros os cunhados, tanto o amor que se deve a pessoas tão conjuntas, que porque se não póde pagar, se converte em aborrecimento.

Bem o mostra o estilo, que nos ensina, vendo chamar pais aos sogros, filhos aos genros, aos cunhados irmãos. Quanto é aqui, assás está expressa a obrigação; mas assás mais expressa a ingratidão d'estes, e aquelles, pelo que estamos vendo.

Queixava-se uma senhora viuva da grande amizade que tinha um seu filho com certo fidalgo, em que a ella parecia não ganhava elle

muito; de que recebia desgosto. Entrou-lhe por casa um criado pedindo alviçaras; e perguntando-lhe de que? respondeu: De que meu senhor quebrou já com fulano, porque lhe casa com uma filha.

Como me não encarreguei de dar á razão, só procurarei dar o remedio para que nunca tal abuso se pratique.

Diga-me v. m. Se um homem lavrassê com grandes despezas uma quinta, durasse n'esta obra muitos annos, gastassem n'ella seu tempo, e sua fazenda, lhe sahisse em tudo perfeita, e logo, ella acabada, se fosse a casa de v. m. e lhe desse aquella propriedade, lhe vinculasse outras, e de tudo o mettesse de posse, que faria v. m.? Que digo eu? v. m.? Que faria a mais ingrata pessoa do mundo, senão venerar, amar, regalar, e servir a aquelle homem, confessar-se por seu escravo, por seu devedor, por seu perpetuo amigo?

Pois que faz menos, ou que não merece mais, aquelle que cria por tantos annos a filha, a doutrina, guarda, e aperfeiçoa; e depois repartindo com ella seus bens, e entregando ametade da sua alma, mette todo este thesouro na mão a outro homem, a quem por ventura antes nada devia?

Trarei para exemplo de bons sogros o que succedeu quasi entre nós, e quasi em nossos tempos. E foi, que havendo um homem rico casado uma sua filha com um fidalgo honrado, e querendo casar outra com outro, em nada maior que o primeiro; este segundo não quiz

fazer o casamento sem que lhe dessem em dote mais dez mil cruzados do que ao outro havia dado; e como o sogro dissesse, que teria grande causa de queixa o primeiro genro, dando elle mais ao segundo, e lhe não valesse esta razão para effectuar o ultimo casamento; houve em fim de convir n'elle, e effectual-o com tal galantaria, e primor, que no proprio dia, que assignou as escripturas ao segundo genro, mandou outros dez mil cruzados ao primeiro, dizendo-lhe, que não queria que houvesse alguem que cuidasse o estimava a elle menos.

Por certo que não vi, nem ouvi cousa mais galante, e honrada. E porque se veja que tambem ha genros que o sabem ser como devem, contarei a v. m. outro caso que bem o prova.

Havia, não ha muitos annos, em certo lugar uma pessoa riquissima, com uma só filha herdeira para casar: affeiçoou-se sua mãe a um seu natural de boa qualidade, mas não muita fazenda; mandou-lhe dizer que estava tão satisfeita de sua pessoa, que lhe queria dar as melhores duas peças que tinha em sua casa; quaes eram, sua filha por mulher, e com ella tudo quanto tinha. Respondeu-lhe o genro, que não seria razão que a quem tanto lhe queria, e a quem elle devia tanto, despojasse de todos os seus bens em uma só hora; que a filha receberia por esposa, com condição que lhe não havia de dar mais da ametade do que lhe promettia.

Bem vejo que estes exemplos são muito bons para escriptos, mas não são taes para pra-

ficados; e d'isso mesmo é a minha queixa. Emfim eu satisfaço a minha obrigação, mostrando como não é impossivel esta devida amizade. Malditos sejam os interesses! Que elles tem a culpa de que ella não prevaleça; porque de ordinario acontece que aquelles queixumes de sogros, e genros, tudo funda em—sim me deu, não me deu. Grande descanço viera ao mundo, se todos nos contentaramos com o possivel; mas isto é querer outro mundo.

Tenho por boa a amizade, e a companhia dos cunhados, quando elles sejam para amigos, e companheiros; quando o não sejam, nem por isso os excluo do trato, e conversação. Deve-se n'este caso fazer distincção dos maus aos ignorantes. Ainda que o cunhado não seja aguia, se deve admittir; e antes a estes com maior causa, porque os outros se lhes não atrevam. Mas ainda que seja aguia aquelle que mal procede, se deve desviar com todo o cuidado; se quer porque não pareça que em suas obras se consente.

Já ouvi murmurar, e não sei certo se murmurarei eu tambem, de alguns que casando se apartam dos amigos que tinham antes, e de todo se entregam á parentela de suas mulheres. Isto é condemnavel; e se vê mais certamente n'aquelles que a ellas cegamente se lhes entregam.

Andava um noivo sempre entre dous cunhados seus; que nem largava, nem o largavam. Passava ás vezes por um seu amigo do tempo de solteiro, a quem tratava com estranheza. Elle queixoso lhe disse um dia: Peza-me, se-

nhor fulano, que a senhora D. fulana tenha tão pouca confiança da fé de v. m. que o não deixe andar pela cidade sem familiares.

Tambem não será razão que nos passe por alto a pratica de um accidente, não poucas vezes succedido entre casados; como agora digamos uns descontentamentos, ou arrufos, que passam com nome de escandalos entre a mulher, e seus parentes, agora sejam do marido, agora seus proprios.

Tudo isto costuma proceder de leves causas. E como ordinariamente as vinganças das mulheres não são grandes, por isso são mais as queixas, que dão causa a desconfianças, e ruins vontades, com grande cargo do primor, e ás vezes da consciencia; porque debaixo de um, eu sou sua amiga, está enroscado um odio como uma serpente.

Ha homens que tem por grande siso o não terem parte n'estas contendas. Tal não approvo, porque, além de que ao marido por sua dignidade toca a justificação das acções de sua mulher, ou a emenda, tambem lhe pertence a direcção d'ellas; e mais na sua amizade, ou inimizade: assim como ao rei pertence a guerra, ou paz feita por seu vassallo. Fôra de parecer que nos casos miudos (que estes são os mais) um pouco se dissimulára. Porque, senhor N., ahi ha um desconcertar de braço, ou pé, com que é força acudir ao algebrista, e outro que quanto mais bolem com elle mais o desmancham. E' carne quebrada, que ella por si mesmo solda quando lhe parece.

Quando a duvida passasse muito adiante entre a mulher, e seus parentes, e parentas, e pudesse ser publica, e escandalosa, ou assim o ameaçasse; obrigado seria o marido a interpor-se em meio, e acordar tudo.

Isto se faz melhor, tratando-se com o proprio marido da parenta (se o tem) ou já offendida, ou já aggressora. E ainda que seja levantando-lhe um par de testemunhos a ambas as aggravadas, e dizendo a cada uma que a outra a roga (cousa de que ellas muito se satisfazem) é conveniente accommodal-as, e fazel-as amigas.

Mulheres ha, e não poucas, que n'isto são tenazes, e durissimas de reduzir de seus pontos, ou caprichos. Sem embargo, razão é que os maridos as encaminhem á razão, e lhes façam certo que ellas é bem que sigam o seu parecer d'elles; pois á sua conta d'elles está sua honra, e credito d'ellas.

Quando, feita a diligencia prudente, e necessaria, não bastasse, tão pouco serei de opinião que um homem esteja mal com sua mulher porque ella não está bem com a outra.

Conclusão.

Ora, senhor N., quando comecei a escrever a v. m. foi com animo de não passar de uma carta; e acho-me agora com um processo escripto. Eu de meu natural sou miudo, e proluxo; o estar só, e a melancolia, que de si é cuidadosa, me fizeram armar tão largas redes, para colher dentro d'ellas todos os casos, e te-

dos os avisos. Praza a Deus que nos não hajamos cansado debalde; como seria, se no cabo de v. m. haver ouvido muito, e de haver eu dito muito, d'aqui não tirassemos algum proveito.

Rematarei com as generalidades que, á meu parecer, avultam bem a grandeza das casas; isto como conclusão do muito que n'estes pontos havia que dizer.

Bem vejo eu que se chegar a ser lido de alguma casada, ou casado (e mais ainda dos que estiverem para o ser) acharão medonho este caminho, por onde pretendo guial-os á promettida casa do descanço. Porque dirão elles o estão vendo cheio de abrolhos, e cautelas, que apenas parece poderá passal-o a consideração, quanto mais a obra.

Dir-lhe-hei á todas, que n'esta carta succede o que nas cartas de marear, que quem as vir assim cruzadas de linhas, e riscos, que se comem uns aos outros, parece que de tal confusão não póde haver quem se desempece; e na verdade não é assim; porque aquellas linhas todas são umas proprias, e apenas passam de quatro principaes; mas para fazer mais facil o nosso uso, se multiplicam.

Quem com bom juizo considerar esta maquina de cousas, as verá tão semelhantes, atadas, e dependentes umas de outras, que não lhe parecerão muitas, mas uma só. E porque, como vêmos, a corda de poucos fios se quebra facilmente, se com ella apertam muito; por isso é necessario tecer e torcer de muitos avisos,

e remedios esta corda, de que está pendurada a honra, vida, e salvação dos casados; porque com as forças do vicio se nos não rompa. E como todas ellas costumam quebrar pelo mais fraco, e esta fraqueza é propria da mulher; por essa mesma razão convém fortifical-a de sorte, com tanta cautela, e arte, que por mais que tire a occasião, sempre se conserva sã, e inteira.

Mas se com tudo parecer ás mulheres excessivamente rigorosa esta minha doutrina, certifico-lhes que meu animo não foi esse, senão encaminhar tudo á sua estimação, regalo, e serviço.

E porque assim se veja mais certamente, haja quem queira de mim outra carta para as casadas; e então se verá quão bem advogo por sua parte, quando pelo que aos maridos deixo dito as mulheres se não deem por satisfeitas.

Senhor meu. Casa limpa. Mesa asseada. Prato honesto. Servir quedo. Criados bons. Um que os mande. Paga certa. Escravos poucos. Coche a ponto. Cavallo gordo. Prata muita. Ouro o menos. Joias que se não peçam. Dinheiro o que se possa. Alfaias todas. Armações muitas. Pinturas as melhores. Livros alguns. Armas que não faltem. Casas proprias. Quinta pequena. Missa em casa. Esmola sempre. Poucos visinhos. Filhos sem mimo. Ordem em tudo. Mulher honrada. Marido christão; é boa vida, e boa morte.

Torre Velha, em 5 de março de 1650.

D. Francisco Manuel.

INDICE